

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

**BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA: APRENDENDO E ENSINANDO COM A SUA
TRAJETÓRIA HISTÓRICA**

ANGELA CRISTINA RODRIGUES RUSSO

BAURU
2018

ANGELA CRISTINA RODRIGUES RUSSO

**BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA: APRENDENDO E ENSINANDO COM A SUA
TRAJETÓRIA HISTÓRICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Faculdade de Ciências, Campus de Bauru/ Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

BAURU
2018

Russo, Angela Cristina Rodrigues.
Brincadeiras de pular corda : aprendendo e
ensinando com a sua trajetória histórica / Angela
Cristina Rodrigues Russo, 2018
178 f.

Orientador: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANGELA CRISTINA RODRIGUES RUSSO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 21 dias do mês de fevereiro do ano de 2018, às 09:00 horas, no(a) Sala 2 do prédio da Pós-graduação - Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Prof. Dr. FERNANDO DONIZETE ALVES do(a) Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos, Profa. Dra. DENISE APARECIDA CORREA do(a) Departamento de Educação Física / Câmpus de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANGELA CRISTINA RODRIGUES RUSSO, intitulada "**BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA: APRENDENDO E ENSINANDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA**" e produto educacional "**VAMOS BRINCAR DE PULAR CORDA?**". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER


Prof. Dr. FERNANDO DONIZETE ALVES


Profa. Dra. DENISE APARECIDA CORREA

Para todos os alunos que já passaram por minha vida
e de certa forma me impulsionou a este trabalho!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por sempre caminhar ao meu lado banhando a minha fé.

Agradeço a minha mãe Lucia, meu pai Oswaldo e meu irmão Paulo Henrique, pelo apoio e incentivo sempre.

Agradeço a minha orientadora Professora Dr.^a Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pela oportunidade, orientação, confiança e disponibilidade ao longo deste percurso.

Agradeço aos Professores Dr.^a Denise Aparecida Corrêa e Dr. Fernando Donizete Alves pelas valiosas contribuições na qualificação.

Agradeço a todos os Professores do curso que tive aula e que puderam partilhar de seus conhecimentos comigo, em especial a Professora Dr.^a Lilian Aparecida Ferreira, que me deu o primeiro norte para esse sonho, a Prof.^a Fernanda Rossi que me concedeu o estágio na docência e a Professora Dr. Regiani Aparecida Santos Zacarias pelas colaborações na área da linguagem.

Agradeço aos meus amigos do grupo de estudo LEP-SCHP-EF e NEPATEC, por todos os momentos de estudos e reflexão, contribuindo como a minha formação.

As minhas amigas pessoais e de profissão Thalita, Josiane e Aline por serem não só impulso inicial a minha participação neste programa, mas por mediar todo o processo.

A todos os professores de Educação Física, as crianças e aos avós participantes da pesquisa, bem como os Professores de Educação Física Suzi e Rodrigo, a psicóloga Ana Lúcia por compartilharem seus relatos no vídeo, sem eles a pesquisa seria em vão.

As professoras do 1º ano Priscila e a Professora do 2º ano Patrícia pela excelência na colaboração, por todas as vezes que precisava interromper suas aulas no processo de coleta de dados e de gravações.

E por último, não menos importantes, pelo contrário, agradeço aos meus filhos Victor e Laura pela paciência e pela compreensão em todos os momentos que não estava presente não só de corpo, mas de alma e principalmente ao meu querido esposo Fabricio pelo apoio incondicional em todos os momentos, dedicação, cumplicidade e amor.

RUSSO, A. C. R. R. **Brincadeiras de pular corda: aprendendo e ensinando com a sua trajetória histórica.** 2018. f.178. Dissertação (Mestrado Profissional) UNESP - Faculdade de Ciências, Bauru, 2018.

RESUMO

Ao considerar as brincadeiras de pular corda na perspectiva cultural, estaremos favorecendo para a sua preservação enquanto patrimônio histórico das culturas infantis e contribuindo para que a criança se sinta parte do processo dessas brincadeiras. Nesse sentido foi firmada uma problemática: “Como os professores têm trabalhado as brincadeiras de pular corda, pertencente aos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, considerando-a como patrimônio histórico cultural da infância ao receber as crianças no Ensino Fundamental/Anos Iniciais?” Assim, objetivou-se analisar e disseminar as brincadeiras de pular corda na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental/Anos Iniciais. Como objetivos específicos foram: analisar as percepções dos professores de Educação Física em relação às crianças ingressantes no EF/AI, ao introduzir as brincadeiras de pular corda e evidenciar o processo de ensino aprendizagem desses professores; constatar como foram essas brincadeiras na infância dos avós que possuem vínculo com os alunos do 1º ano e 2º ano de uma das escolas; elaborar um vídeo, contendo a história de vida dos avós participantes sobre suas brincadeiras de infância, depoimentos de profissionais envolvidos com o processo educacional e com orientações pedagógicas no ensino e aprendizagem das brincadeiras de pular corda, valorizando a cultura evidenciada pelos avós e contribuições dos professores. A abordagem metodológica adotada para esta pesquisa foi a qualitativa. Para tanto, realizou-se a revisão de literatura, utilizando como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada para treze professores de Educação Física e o questionário para trinta e um avós. Na construção do vídeo foi utilizado um roteiro de filmagem e câmera de vídeo. Esse estudo foi realizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo, e a coleta de dados foi dividida em duas etapas: na primeira foi feita as entrevistas com os professores de Educação Física e na segunda, aplicação dos questionários aos avós. Após o tratamento, análise e discussão dos dados, concluiu-se, com relação aos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, bem como as brincadeiras de pular corda, que os professores de Educação Física que participaram da pesquisa, apresentam conhecimento com esse conteúdo em diversas manifestações corporais, entretanto, alguns foram indicando dificuldade em seu planejamento e prática pedagógica alicerçada na valorização histórica cultural das brincadeiras de pular corda. Nesse contexto, convidamos os professores a pensarem as manifestações da cultura corporal numa perspectiva cultural, oportunizar aos alunos experiências que valorizem o patrimônio cultural corporal das culturas infantis e se compreendam como pertencentes a eles. A partir das conclusões da presente pesquisa, foi elaborado, como produto final do mestrado, um vídeo com a intenção de subsidiar os professores no ensino das brincadeiras de pular corda numa perspectiva cultural, intitulado como “Vamos Brincar de Pular Corda?”, contando com a participação de avós, alunos e professores e profissionais da área da educação, no qual ele é composto por quatro esferas do aprender: Pesquisa/acervo; Ampliação; Aprofundamento e Disseminação do conhecimento. Acreditamos que o produto educacional contribuirá para disparar discussões/reflexões em cursos de formações iniciais e continuadas de professores e que repercuta na prática pedagógica fundamentada, voltada para valorização do brincar na escola.

Palavras-chave: Brincadeiras de pular corda. Jogos e Brincadeiras tradicionais. Cultura infantil.

RUSSO, A. C. R. R. **Jumping rope jokes: learning and teaching with your historical trajectory.** 2018. f.178. Dissertation (Professional Masters) UNESP - Faculty of Sciences, Bauru, 2018.

ABSTRACT

When considering jump rope jokes in the cultural perspective, we will be favoring its preservation as a historical heritage of children's cultures and contributing to the child feeling part of the process of these games. In this sense, a problem was established: "How have teachers played the jumping rope games belonging to Traditional Games and Games, considering it as a historical cultural patrimony of childhood when receiving children in elementary school?" , the objective was to analyze and disseminate the jumping rope play in the childhood of elementary school children. The specific objectives were: to analyze the perceptions of Physical Education teachers in relation to incoming children in EF / AI, by introducing the jumping jump rope and to highlight the learning process of these teachers; to verify how these games were in childhood of the grandparents who have bond with the students of the first year and the second year of one of the schools; to elaborate a video, containing the life history of the participating grandparents about their childhood games, testimonials of professionals involved with the educational process and with pedagogical guidelines of the process of teaching and learning the jumping rope jokes, valuing the culture evidenced by the grandparents and contributions of teachers. The methodological approach adopted for this research was qualitative. For that, the literature review was performed, using as data collection instruments the semi-structured interview for thirteen Physical Education teachers and the questionnaire for thirty-one grandparents. In the construction of the video was used a script of filming and camera of video. This study was carried out in a city in the interior of the state of São Paulo, and the data collection was divided into two stages: the first was the interviews with Physical Education teachers and the second, the application of the questionnaires to the grandparents. After the treatment, analysis and discussion of the data, it was concluded, in relation to the Games and Traditional Games, as well as the games of skipping rope, that the Physical Education teachers who participated in the research, present knowledge with this content in diverse corporal manifestations , however, some were indicating difficulty in their planning and pedagogical practice based on the historical cultural valorization of jumping rope jokes. In this context, we invite teachers to think about the manifestations of body culture in a cultural perspective, to give students experiences that value the corporal cultural patrimony of children's cultures and understand themselves as belonging to them. Based on the conclusions of the present research, a video was created as a final product of the master's degree, with the intention of subsidizing the teachers in the teaching of jumping jump rope in a cultural perspective, titled "Let's Play Jumping Rope?" the participation of grandparents, students and teachers and professionals in the area of education, in which it is composed of four spheres of learning: Research / collection; Enlargement; Deepening and Dissemination of knowledge. We believe that the educational product will contribute to trigger discussions / reflections in initial and continuing teacher training courses and that it will have repercussions on the pedagogical practice based on the value of playing in school.

Keywords: Jumping rope jokes. Traditional Games and Jokes. Infantile culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais características das abordagens á partir da década de 70..... 38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Jogos e Brincadeiras que faziam parte da infância dos avós.....	94
Tabela 2: Roteiro para a construção do vídeo.....	109
Tabela 3: Profissionais convidados a participar do vídeo	111
Tabela 4: Avós participantes do vídeo	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EF – Ensino Fundamental

EMEI's - Escolas Municipais de Educação Infantil

FC - Faculdade de Ciências

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

PNE – Plano Nacional de Educação

PPGEDB – Programa de Pós Graduação em Docência para a Educação Básica

SEE-SP - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

TDTICs - Tecnologias Digitais

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1- APORTES TEÓRICOS : CULTURAS INFANTIS, EDUCAÇÃO E A AS BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA NA ESCOLA	18
1.1 Do reconhecimento da infância às culturas infantis	18
1.2 A educação, as culturas infantis e a escola.....	25
1.3 Educação Física Escolar e as suas principais tendências pedagógicas	35
1.3.1 A Educação Física na perspectiva Cultural	41
1.4 A Cultura Corporal de Movimento, os conteúdos legitimados e a relação no contexto escolar.....	44
1.5 Jogos e Brincadeiras Tradicionais.....	49
1.6 Brincadeiras de pular corda.....	56
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	63
2.1 Delineamento da pesquisa.....	63
2.2 Universo da pesquisa.....	63
2.3 Participantes da pesquisa.....	65
2.4 Técnica de coleta.....	66
2.5 Procedimentos para análise de dados.....	69
CAPÍTULO 3 – JOGOS E BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA: O QUE NOS DIZEM OS PROFESSORES E O AVÓS	72
3.1 O ensino dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais na Educação Física.....	75
3.2 As brincadeiras de pular corda na infância e na escola.....	83
3.2.1 Percepção dos professores de Educação Física às crianças ingressantes no Ensino Fundamental sobre as brincadeiras de pular corda	83
3.2.2 O processo de ensino e de aprendizagem dos professores	92
3.3 A relação dos avós com as brincadeiras de pular corda em suas infâncias.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
DESENHO DO PRODUTO.....	107
Título.....	107

Introdução.....	107
Objetivos do Produto.....	108
Metodologia.....	108

REFERÊNCIAS.....	114
-------------------------	------------

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- PROFESSORES.....	122
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- AVÓS.....	123
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO- AVÓS.....	124
APÊNDICE D-TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO PAIS.....	125
APÊNDICE E -TERMO DE ASSENTIMENTO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO-ALUNOS.....	126
APÊNDICE F: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	127
APÊNDICE G: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA/ANOS INICIAIS	129
APÊNDICE H: QUESTIONÁRIOS A SEREM RESPONDIDOS PELOS AVÓS DOS ALUNOS.....	131
APÊNDICE I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	132
APÊNDICE J: QUADRO DO PERFIL DOS PROFESSORES.....	177

APRESENTAÇÃO

Toda a minha infância eu vivi no interior do estado de São Paulo, numa cidade separada do estado do Paraná pelo Rio Paranapanema, com pouco mais que dez mil habitantes, na qual as ruas e as praças foram os locais privilegiados para a maioria das minhas amizades e, por conseguinte, pelas brincadeiras que acompanhou a minha infância. Na frente de minha casa morava uma família com cinco irmãos, três meninas e dois meninos e, nessa mesma rua, tinha a casa de outra amiga muito querida, de quem ainda tenho contato até hoje. Essas foram as pessoas que protagonizaram minhas histórias de criança, além delas, aos fins de semana, brincava muito com os meus primos, a maioria meninos e isso me fez aprender, desde cedo, que menina também pode brincar de carrinhos e jogar bola.

Com eles aprendi que brincar faz parte da infância e que, criança, quando brinca, mesmo que em algumas circunstâncias haja frustrações, ela é feliz. Com eles brincávamos de esconde-esconde, queimada, de pular corda, e foi aí que aprendi a dar os primeiros pulos na corda. Como me divertia! Tantas outras travessuras que nos acompanhou em nossa infância. E todos os dias era assim: primeiro a escola, acordava cedinho e seguíamos por uma grande avenida, larga e forrada de árvores, onde, pelo percurso, íamos encontrando os outros amigos e ali a aventura do dia já começava. A volta quase sempre era igual à ida, mesmo cansados, voltávamos da escola todos juntos com muita alegria, não tinha pai e nem mãe nos acompanhando, apenas sob os olhares dos raios de luz que iluminavam o caminho que ali passávamos. No fim do dia, depois de cumprir as obrigações da casa e da escola, novamente estávamos todos juntos, mas, enfim, podíamos nos sujar e, sem pressa para acabar, passávamos horas brincando e nem o pôr do sol nos fazia parar.

Minha mãe, posso dizer que foi a peça principal pela minha feliz infância. Lembro-me de sua presença não só nas brincadeiras com meus primos, mas de todas as outras que vivi ao lado dela em casa ou na rua, lembro-me dos fins das tardes, ela me levava para chupar cana num canavial que tinha perto da vila onde eu morava e, normalmente, ia uma grande turma de mães e filhos, seguíamos naquela estradinha de terra vermelha batida, cantando, pulando e brincando.

Quando chovia, também brincávamos, tínhamos o costume de ficarmos deitadas na cama cantando músicas, e ali ficávamos horas cantando a música do “Galinho perdido”; do “Cravo e a Rosa”; “As flores já não crescem mais” e etc. E quando

enjoávamos, cantávamos os Hinos Cívicos, ela me ensinou a cantar o Hino da Bandeira, da Independência e também, é claro, o Hino Nacional, e ela adorava fazer uma voz imitando Ópera. Ela também me ensinou a jogar “Cinco Marias”, a fazer pipa, construir roupinhas para as bonecas e fazer comidinha de verdade em um fogãozinho que fazíamos de tijolo.

A entrada para o antigo 5º ano do Ensino Fundamental foi um marco em minha vida, pois, a partir daí, passaria a ter aulas de Educação Física na escola e como gostava muito de brincar, me envolvi e descobri os esportes. Tinha paixão em me arrumar para a Educação Física, que era no contraturno da escola, trago na memória aquela roupa branquinha, com shorts vermelho por baixo da saia plissada e o tênis bamba no pé. Nesse mesmo ano, comecei a jogar voleibol no time da escola, participando de jogos escolares, no entanto, foi uma experiência que, apesar de relevante em minha vida, não teve continuidade no Ensino Médio, pois tínhamos que cursar em outra cidade e, por esse motivo, éramos dispensados da Educação Física escolar e meu contato com o vôlei se restringiu às partidas na rua com os amigos, porque eu não tinha idade para participar do time da cidade.

Todos esses acontecimentos fizeram parte da minha escolha pela Educação Física enquanto profissão e, cada vez que rememoro o percurso de minha infância, compreendo mais o processo de construção da minha vida, as escolhas, as superações, os sonhos e as realizações e este trabalho faz parte dela. Ao retratar as brincadeiras de pular corda, numa relação de propagação enquanto patrimônio histórico cultural, trago um pouquinho de minha infância, da minha experiência de vida e da minha prática profissional. Além disso, trabalhar com criança é outro fator que me faz buscar mais conhecimento, pois, na medida em que eu aprendo com elas, sou instigada a buscar mais para retribuir tudo o que elas me ensinam.

Quando comecei a trabalhar com a Educação Física na escola, fui percebendo que os moldes da infância que eu conhecia já não eram mais os mesmos, as crianças apresentavam outros interesses, dos quais eram mais distantes para mim e eu fui percebendo que aqueles jogos e brincadeiras que fizeram parte de minha infância já não eram mais tão presentes na vida das crianças que fui tendo contato na escola, fui percebendo também que essas crianças tinham menos laço entre as famílias, com seus filhos, suas brincadeiras e seus brinquedos e, ao chegar à escola, no Ensino Fundamental, aquelas brincadeiras que fizeram parte de minha infância, muitas vezes,

elas desconheciam, ou não sabiam brincar. No entanto, pude compreender que as culturas infantis mudam no tempo e no espaço.

INTRODUÇÃO

Considerando que as brincadeiras de pular corda, sendo muito ricas em seu contexto, ao serem tratadas como patrimônio cultural da infância, possibilitam aos alunos compreenderem que além do objeto corda, ela traduz um jogo, uma dinâmica ou uma brincadeira com significado, que já foi vivida por outras crianças, reinventada, incrementada e que caminhou por outras gerações até chegar a elas e que agora é possível em seu contexto vivenciá-la e ressignificá-la. Quando se valoriza a cultura de nossos antepassados em sua infância, de certa forma, mantém viva a história deles, propagando-as e possibilitando o entendimento das nossas raízes.

Diante disso, Friedmann (2012, p.1), afirma que nas brincadeiras tradicionais “[...] trazem à tona valores essenciais [...] dão lugar a uma forma de comunicação entre várias gerações; são instrumentos para o desenvolvimento e pontes para diversas aprendizagens”.

Com ela a criança pode experimentar sentimentos de alegria, tristeza, frustração, vitória, desafio, superação, fundamentais para a formação humana, além disso, são poucas pesquisas que tratam especificamente das brincadeiras com corda.

Outro fato que atualmente se observa na escola e que vem contribuindo com o desprestígio dos jogos e brincadeiras tradicionais na infância atual é com relação à alteração da LDB (Lei de Diretrizes e Base) da Educação, que implantou o ensino de nove anos no Ensino Fundamental (EF) da Educação Básica, tornando obrigatória a inserção de crianças de seis anos de idade nas escolas de Ensino Fundamental (BRASIL, 2006), sendo um período que requer da escola um cuidado maior com essas crianças em vários aspectos, em contra partida, muitas reformulações teriam que acontecer no ínterim da escola, principalmente na pública, tanto em âmbitos pedagógicos, como nos recursos materiais e mobiliários da escola, para que as crianças ingressantes se apropriassem, de fato, dela, no entanto, ainda está em andamento.

A escola de Ensino Fundamental apresenta, hoje, um cenário em que a criança, muitas vezes, quer brincar e ela ainda não está adequada em níveis organizacionais e estruturais para receber as crianças, orientando os professores a iniciar o processo de alfabetização nas crianças, desconsiderando que o brincar faz parte do seu mundo. E para algumas crianças, a escola é um dos lugares de seu convívio social e, por conseguinte, a apropriação das brincadeiras e dos jogos tradicionais.

Assim, o que a priori justifica esta pesquisa é pelo fato de que as crianças estão chegando às escolas de Ensino Fundamental/Anos iniciais cada vez mais cedo, vindas de uma infância contemporânea na qual os jogos e as brincadeiras tradicionais não são prioridades para elas e, sendo a escola considerada geradora de cultura e a Educação Física pertencente a ela, as brincadeiras de pular corda devem ser estimuladas na escola como patrimônio histórico cultural da infância.

Outro aspecto relevante é que nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), em boa parte dos municípios do interior do estado de São Paulo, cabe ao professor pedagogo ensinar as várias linguagens a esses alunos, inclusive a área do movimento. No entanto, muitas vezes, eles valorizam mais os outros conteúdos da linguagem.

Baseado nos estudos de Santos (2016), a divergência entre os programas curriculares da área de movimento e as práticas pedagógicas de professores pedagogos na Educação Infantil minimiza a área apenas em atividade recreativa, imperando a reprodução de práticas consolidadas ao longo dos anos de experiência e trocas entre os pares. Ela relata que muitos professores acabam fazendo um trabalho empírico na área de movimento por não seguirem nenhuma referência teórica e concepções para orientar a organização do trabalho pedagógico, ou utilizam os espaços abertos da escola para atividades livres, ou seja, o brincar sem intencionalidade pedagógica.

Também, os professores de Educação Física, ao receberem esses alunos no primeiro ano do Ensino Fundamental (EF), mesmo que bem intencionados, não levam em consideração o que o aluno aprendeu na Educação Infantil (EI) e, nessa fase de transição, querem trabalhar os vários conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, priorizando a quantidade em detrimento da qualidade dos conteúdos a serem ensinados.

E, nesses casos, mais uma vez, o brincar na infância com intencionalidade é retalhado, as brincadeiras que deveriam ser rotineiras e culturalmente favorecidas são desprestigiadas em sua infância, gerando um círculo vicioso. Os alunos, ao entrarem para a escola de Ensino Fundamental nos anos iniciais, apresentam dificuldades em boa parte das atividades e brincadeiras oferecidas pelos professores nas aulas de Educação Física, por não terem tido uma base sólida na Educação Infantil e são estimulados além do que podem, causando desinteresse, medo ou frustração na criança.

No início deste estudo foram surgindo várias indagações, dentre elas, haviam dúvidas com relação às crianças: “será que entre elas existe o conhecimento das várias brincadeiras que envolvem a corda como antigamente? Elas conseguem pular, abaixar e

sentir-se motivadas ao serem desafiadas a brincar com este objeto? E o professor, o que ensina? Ele apresenta as várias possibilidades das brincadeiras com a corda e agrega a experiência que o aluno traz? Ou ele sente dificuldade e passa por esse conteúdo como se fosse algo que as crianças já deveriam ter o domínio quando chegam à escola de Ensino Fundamental?”.

No decorrer do percurso e diante dessas questões, foi firmada uma problemática nesta pesquisa: “como os professores têm trabalhado as brincadeiras de pular corda, pertencente aos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, considerando-a como patrimônio histórico cultural da infância ao receber as crianças no Ensino Fundamental/Anos Iniciais?”

Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa é analisar e disseminar as brincadeiras de pular corda na infância das crianças pertencentes ao Ensino Fundamental/Anos Iniciais.

Como objetivos específicos, primeiramente, analisar as percepções dos professores de Educação Física em relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental/Anos Iniciais, ao introduzir as brincadeiras de pular corda, bem como evidenciar o processo de ensino aprendizagem desses professores ao ensinar essas brincadeiras.

Posteriormente, constatar como foram as brincadeiras de pular corda na infância dos avós que possuem vínculo com os alunos do 1º e 2º ano de uma escola estadual de um município do interior do estado de São Paulo, procurando verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento ao longo dos anos.

E, por fim, como produto, elaborar um vídeo, contendo a história de vida dos avós participantes sobre as suas brincadeiras de infância, depoimentos de profissionais envolvidos com o processo educacional, como o professor de Educação Física, o Pedagogo, a Coordenadora Pedagógica, representando a gestão da escola e a Psicóloga, com o intuito de desvelar como eles percebem os alunos ingressantes e suas brincadeiras, e com orientações pedagógicas do processo de ensino e aprendizagem das brincadeiras de pular corda, valorizando a cultura evidenciada pelos avós e contribuições dos professores.

Material este que servirá para orientar os professores de Educação Física e professores Pedagogos, demonstrando maneiras possíveis para ensinar aos alunos as brincadeiras que envolvem o brincar de pular corda, ressaltando a importância dela no patrimônio histórico numa perspectiva cultural.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, na qual os instrumentos utilizados para a coleta de dados no primeiro momento da pesquisa foram: entrevista semiestruturada para os professores de Educação Física e questionário aplicado aos avós e, finalizando, foi elaborado um roteiro para as filmagens e foi utilizada uma câmera de vídeo para o registro das imagens dos participantes.

Assim, a dissertação está estruturada em quatro partes, iniciando no primeiro capítulo com os aportes teóricos que sustentaram este estudo, abordando as culturas infantis presentes nas crianças, como ela foi entendida no passado e como ela é atualmente nas suas várias culturas inseridas, nas suas várias infâncias, nas suas várias brincadeiras, num ciclo onde o velho, a criação e a reinvenção do novo são processos dinâmicos e presentes constantemente na vida delas.

Retratando também a articulação da educação e da infância com a escola que temos hoje. Seguindo, com os estudos da Educação Física, considerada componente curricular obrigatório na escola, abordando as suas principais tendências, ressaltando a perspectiva Cultural da Educação Física, os conteúdos legitimados na Cultura Corporal de Movimento e fechando este capítulo com aspectos que envolvem os conteúdos “Jogos e Brincadeiras Tradicionais”, focando, especificamente, as Brincadeiras de Pular Corda.

No segundo capítulo, a intenção foi apresentar as bases metodológicas, com o intuito de mostrar a caminhada desta pesquisa, relatando onde ela se deu, quem fez parte, como foram coletados os dados e os procedimentos adotados para as análises dos mesmos.

No terceiro capítulo, foram desvelados os dados coletados e suas respectivas análises, procurando conversar com a teoria estudada. No quarto capítulo foram apresentadas as considerações finais, sintetizando o percurso da pesquisa. E, por fim, o quinto capítulo contém o desenho do produto através de um roteiro, detalhando todo o processo percorrido na construção da produção do vídeo.

CAPITULO 1

APORTES TEÓRICOS: CULTURAS INFANTIS, EDUCAÇÃO E AS BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA NA ESCOLA

Os aportes teóricos deste capítulo foram divididos em tópicos, dessa maneira, no primeiro tópico, denominado “**Do reconhecimento da infância às culturas infantis**”, foram tratados os aspectos que envolvem o reconhecimento da Infância, sua construção social na Idade Moderna, as culturas infantis, alguns aspectos da história da educação brasileira, focando desde os primeiros indícios dela, no período colonial, passando pela implantação da LDB, suas alterações, a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No segundo tópico, intitulado “**A educação, as culturas infantis e a escola**” foram explanados os principais fatos que envolveram a história da educação no Brasil, articulando com as culturas infantis no ambiente escolar.

Na sequência, no terceiro tópico, nomeado “**Educação Física Escolar e as suas principais tendências pedagógicas**”, foram apontadas algumas tendências pedagógicas da área, destacando a perspectiva Cultural da Educação Física, seguido do quarto tópico que estudou os conteúdos legitimados na Cultura Corporal de Movimento, denominado “**A Cultura Corporal de Movimento, os conteúdos legitimados e a relação no contexto escolar**”.

No quinto tópico, a pesquisa se preocupou em trabalhar com os estudos dos “**Jogos e Brincadeiras Tradicionais**”, conservando essa mesma titulação, no qual a pesquisa, primeiro faz uma síntese dos principais autores que tratam dos aspectos que envolvem o Jogo e, na sequência, busca adentrar nos principais aspectos dos Jogos e das Brincadeiras Tradicionais.

E, finalizando os aportes teóricos, denominado de “**Brincadeiras de Pular Corda**”, sendo que a preocupação deste item foi focar, especificamente, nessas brincadeiras e nos principais autores que se propuseram a estudá-las.

1.1. Do reconhecimento da infância às culturas infantis

Pesquisadores como Ariès (1978); Arroyo (1994); Benjamim (1984); Costa (2008); Debortoli, Linhares e Vago (2006); Del Priore (2013); Heywood (2004); Kishimoto (1993);

Kishimoto (2000); Kramer (2006) e Sarmiento (2004) tratam da infância e suas especificidades nos ajudando a compreender como são os alunos contemporâneos e quais as suas necessidades para o ensino aprendizagem, seja ela qual for a área envolvida.

Embora seja relevante estudar a fundo a infância, desde os seus primórdios e demarcando as características de cada fase e apontando as disparidades entre elas, neste estudo foram contempladas algumas referências de autores que estudam a infância, delineando os fatos mais relevantes, mostrando como a criança foi entendida no passado e como ela é atualmente nas suas várias culturas inseridas, nas suas várias infâncias, nas suas várias brincadeiras, num ciclo onde o velho, a criação e a reinvenção do novo são processos dinâmicos e presentes constantemente na vida das crianças.

A infância de hoje não possui mais os moldes da infância descrita por Ariès (1978), que mostra até o fim do século XIII uma criança descrita na maior parte das civilizações antigas, pela arte, como a imagem de um adulto em miniatura, considerada uma fase não muito importante e passageira.

Considerando algumas exceções, o pequeno Delfim, futuro Luiz XVII, recordado no diário de Heroad, seu médico, relatando o seu apreço e a precocidade pela música e pela dança com quase três anos de idade, que eram trocados por brinquedos comuns da época, como o peão, o cavalo de pau, além do jogo de malha e jogo da pela (ARIÈS, 1978).

Costa (2008) afirma que Ariès refere-se à história de vida de uma criança rica, considerando o seu objeto de estudo. Para a autora, as crianças pobres ficam marginalizadas pela dificuldade em obter testemunho das crianças de classe mais popular.

No Século XVII, o sétimo ano de vida seria um marco para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar, outros, no entanto, apenas representavam algumas mudanças, como por exemplo, não usar mais traje de criança e acesso a outras brincadeiras diferentes, incluindo os jogos de azar, e havia sempre a presença de adultos, fato que mostra que não existia uma divisão rígida das brincadeiras e jogos de crianças e adultos, estes eram comuns aos dois (Ariès, 1978).

Foi um período considerado como uma infância precoce e passageira, as pessoas ainda não tinham condições de averiguar o que era importante para a criança, respeitando o seu desenvolvimento, enxergavam esse ciclo apenas como uma transição para se chegar à vida adulta.

Para Ariès (1978), os jogos e as brincadeiras que faziam parte da sociedade antiga foram ganhando espaço à medida que a indiferença moral da maioria e a intolerância de uma elite educadora começaram a se preocupar com a infância, entre os séculos XVII e XVIII, proibindo alguns jogos tidos como ruins e incentivando outros, considerados bons. Passaram a pregar a imoralidade da dança, no entanto, essa concepção foi mais uma vez alterada e a dança passou a fazer parte da escola, valorizada pela sua harmonia ao movimento do corpo, elegância e postura. Também começou a se apropriar do uso de alguns jogos considerados inofensivos.

Assim, segundo Ariès (1978), posteriormente, no século XVIII os jogos de exercícios e a ginástica latina dos jesuítas foram concebidos com a preocupação da higiene pessoal e a cultura física, tomando rumos militares ao final desse século, defendendo a Educação Física para beneficiar a instrução militar.

Com relação aos brinquedos, Benjamin (1984) esclarece que eles nasceram em oficinas que entalhavam brinquedos em madeira ou estanho, minúsculos e, a princípio, usados para decoração das casas, somente na metade do século XIX ele começa a aparecer em formatos maiores, não mais tão discretos e delicados, possivelmente passando a ter maior contato com a criança, uma época em que, certamente, o brinquedo era tido para satisfazer os adultos de suas necessidades da infância. Acreditava-se que, erroneamente, o conteúdo imaginário do brinquedo determinava a brincadeira da criança.

Observa-se que nada era específico da infância, todas as características apontavam sempre ao entorno do adulto, a criança era sempre secundária na sociedade.

No Brasil, mesmo com a descoberta da infância na Europa, ainda no começo do século XIX, era normal perder crianças novas pelos diversos problemas de saúde e higiene, não se importavam tanto. Para as pessoas da sociedade brasileira, morria-se e a criança ia para o “céu”, mesmo após anos de descoberta, elas eram tidas como criança até os sete anos de idade, quando suas vestimentas mudavam, usando roupas de adulto e assumindo comportamentos como tal (Kishimoto, 1993).

Para Sarmiento (2004) a infância foi se construindo socialmente no começo da idade moderna, à medida que cresciam as representações sobre a criança no seu dia a dia e, principalmente, nas construções de organizações sociais para o convívio delas, com a junção de vários fatores, entre eles: a criação da escola, o “recentramento do núcleo familiar no cuidado dos filhos, a produção de disciplinas e saberes periciais e a promoção da administração simbólica da infância” (p. 5-6).

Com a criação da escola, proliferou para sua universalização, a família, por sua vez, alicerçada na proteção e no desenvolvimento de seus filhos, passaram a investir na formação deles, principalmente com o intuito de ascensão social, passando a criança como objeto de conhecimento, não só da área médica, mas da psicologia e pedagogia, estabelecendo padrões, permitindo a inclusão e a exclusão das crianças, além da criação de normas e procedimentos que influenciavam e conduziam as crianças na sociedade (SARMENTO, 2004).

Segundo Lobo (2012), a criança foi atrelada ao longo da história como seres sem responsabilidade, que não fala tudo e nem sabe tudo, inacabadas e incompletas, e sua presença era delineada conforme a sociedade capitalista, urbana e industrial, assumindo seu papel conforme sua comunidade e onde vivem seus pais.

Para Kishimoto (1993), cada ser é marcado pela presença de valores hierarquizada e influencia nas concepções de infância e do seu brincar, não se pode generalizar, muitas vezes, é preciso buscar as origens antropológicas dos protagonistas a que se pretende estudar.

Fernandes (2004) traz o processo de formação da cultura infantil, esclarecendo que os elementos para a sua formação são, na maioria das vezes, advindos da cultura dos adultos que é incorporada para as crianças por um processo de aceitação, perpassando pelos anos, sendo a rua o lugar para essa propagação, no entanto, existem outros elementos na cultura do grupo infantil que não vêm dos adultos, vindo das próprias crianças, refletindo nos adultos, seguindo uma padronização do seu ambiente.

Além disso, Sarmiento (2004) fala que, ao estudar a infância, sobretudo as culturas infantis, devemos nos propor um estudo centrado na epistemologia, no conhecimento científico, nos quais, as tensões devem se voltar à interatividade, à ludicidade, à fantasia do real e à reiteração.

Sobre a interatividade entre as crianças, Sarmiento (2004) expõe que a criança está diante de várias realidades, ela tem a contribuição da família, da escola, dos amigos nos espaços que compartilham entre si. E são essas relações que permitem a ela superar suas dificuldades.

Por essa razão, vemos histórias de vidas de pessoas que tiveram uma infância perturbada por problemas familiares, escolares, entre outros, e que, no entanto, conseguiram superar, não se perderam no caminho e são pessoas felizes profissionalmente, em sua vida pessoal, formaram uma família e vivem bem em sua

sociedade. E quem as ensinou? Provavelmente “as interações” no seu cotidiano ajudaram para que isso acontecesse.

Essas interações acontecem, quase sempre, no brincar. Nesse sentido, Sarmiento (2004), ao tratar da ludicidade, traz o brincar como a ação mais séria que a criança tem, quando ela brinca, ela aprende a sociabilizar-se e é por esse motivo que o brinquedo está em todas as suas fases da vida na construção de suas relações pelo brincar, propiciando a recriação com o mundo e as suas fantasias, sendo que, o brincar de faz de conta é um processo na vida da criança, dá para ela o dom de interpretar o seu mundo, sob sua maneira e no seu tempo, com relação ao tempo, Sarmiento (2004, p.17) afirma:

[...] O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reinventado e repetido. A criança constrói seus fluxos de (inter) ação numa cadeia potencialmente infinita, no qual articula continuamente práticas ritualizadas [...], propostas de continuidade [...] ou rupturas que se fazem e são logo suturadas [...]. Nesses fluxos estruturam-se e reestruturam-se as rotinas de ação, estabelecem –se os protocolos de comunicação, reforçam-se as regras ritualizadas das brincadeiras e jogos, adquire-se competência de interação: trocam-se os pequenos segredos, decodificam-se os sinais cifrados da vida em grupo, estabelecem-se pactos. E reinventa-se um tempo habitado à medida dessas rotinas e dessa necessidade de interação, um tempo continuado onde é possível encontrar o nexo entre ao passado da brincadeira que se repete e o futuro da descoberta que se incorpora de novo.

Dessa maneira, não se pode considerar a infância como única, generalizar a todas as infâncias, cada criança tem seu mundo, seu espaço, seu tempo e é produtora de sua cultura, não é algo sólido estagnado, a cultura é construída, reconstruída e, a todo o momento, renovada por elas e entre elas.

Nessa mesma linha de pensamento, Dornelles (2005) afirma que não podemos mais considerar a infância rotulada na modernidade, deixando de lado a sua diversidade, levando em consideração que entre as infâncias podem existir as “mais pobres, mais rica, infância do Terceiro Mundo e dos países mais ricos, infâncias da tecnologia e a dos buracos e esgotos, infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desarmadas, amadas, armadas, etc.” (p.71).

No entanto, Dornelles (2005) enfatiza duas infâncias peculiares, que ela denomina de infância ninja e cyber-infância, a primeira é caracterizada por estar à deriva de tudo (tecnologias, jogos eletrônicos, internet, multimídia), são crianças que vivem muitas vezes na rua, sem acesso a bens de consumo, pedindo esmolas, vendendo ou se apresentando nos semáforos para sobreviver, conseqüentemente produzindo a própria

exclusão. Já as crianças que pertencem a cyber-infância, são aquelas que têm acesso às novas tecnologias, que na época, a autora exemplificou como as crianças que têm acesso aos filmes DVD, DivX, PlayStation e Xbox com as suas interatividades, MP3, acesso a livro em PDF, entre outros, além disso, são as crianças que vivem ao entorno de outros espaços culturais sociais, que não seja a escola.

Mesmo que os exemplos que a autora traz das novas tecnologias já se encontrem mais evoluídos, a proposição central com relação a esse tipo de infância ainda é atual, pois o cerne é o mesmo “investimento nos cyber-infantes e nas novas tecnologias, criando condições para a criança que tem acesso a essas novas tecnologias desde pequenas” e essas crianças, pertencentes a cyber-infantes, estamos deixando escapar (DORNELLES, 2005).

Escapando pelas relações de poder que as cercam e, para ser, é preciso ter. Nesse sentido, Dornelles (2005) afirma que o consumo infantil, induzido pelas mídias, produz sujeitos consumidores que determinam em qual grupo serão incluídas. Não é à toa o crescimento do mercado de bens culturais para a infância nas últimas décadas. Para a autora, não apenas as cyber-infantes que nos escapam, mas todas aquelas que fazem parte da “sociedade globalizada com as quais temos “medo” de lidar, talvez por ainda não terem produzido saberes e poderes suficientes para controlá-las e governá-las” (p.101).

De cunho sociológico, seriam sujeitos ativos, com direito à voz, podendo argumentar e contestar. Sujeitos pelo qual Charlot (2000) caracteriza como:

- um ser humano, aberto a um mundo que não reduz ao aqui e agora, portador de desejos, movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos;
- um ser social, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto da família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais;
- um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. (CHARLOT, 2000, p.33)

Se antes, apenas um anjo de aparência jovem; menino Jesus ou em sua fase gótica, despido, sendo apenas coadjuvante nas cenas da vida (ARIES, 1978), hoje entendemos como sujeitos que:

- age no e sobre o mundo;

- encontra a questão do saber como necessidade de aprender e como presença no mundo de objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber;
- se produz ele mesmo, e é produzido, através da educação. (CHARLOT, 2000, p.33)

No entanto, seus direitos, muitas vezes são negados, Kramer (2006, p.15) afirma que as “crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições da sociedade em que estão inseridas”, e as prováveis causas de alguns autores denunciarem o fim da infância seria a violência constante entre elas; a pobreza e o trabalho infantil; a mídia e a internet dando acesso às crianças ao conteúdo adulto.

Corroborando com esses fatores, de acordo com Craidy e Barbosa (2012), nos últimos anos, a infância parece estar sendo continuamente roubada das crianças, percebe-se que numa sociedade com a expectativa de vida acima de 70 anos, a vivência da infância na educação infantil tem sido considerada perda de tempo e tanto a política como as tendências culturais tendem para que as crianças se tornem adolescentes cada vez mais cedo, exigindo delas produtividade, precocidade, competitividade e erotização.

Friedmann (2005) denuncia reais problemas que têm acontecido com as crianças desde o início do século XXI:

[...] um grande número de crianças hiperativas, com o conhecido Déficit de Atenção; crianças agressivas que expressam sua raiva através de brincadeiras e de atitudes violentas; crianças com diversas doenças, como alergias, problemas digestivos pela qualidade dos alimentos ingeridos, estresse, obesidade, muitos casos de câncer; crianças com depressão, tristeza permanente, apatia; crianças com problemas de sono: por viverem em espaços reduzidos em famílias numerosas, o entorno impede à criança ter um sono tranqüilo, restaurador e completo; a superestimulação vivida durante o dia faz com que a criança tenha uma noite intranquila e perturbada; a falta de qualidade na alimentação faz com que a criança acorde com mal estar de madrugada; crianças sobrecarregadas de atividades e, por conseguinte, sem tempo para brincarem, serem elas mesmas; pressão escolar precoce; crescente evasão escolar: as instituições escolares não têm encontrado caminhos que respondam aos interesses e às necessidades dos seus alunos, necessidades estas que não passam essencialmente pela aquisição de informações e conteúdos (estes estão hoje facilmente acessíveis fora da escola), mas pelo desenvolvimento da criatividade, dos potenciais latentes, pelo trabalho para o desenvolvimento da inteireza, para citar alguns; . falta de interesse e concentração por parte das crianças, o que leva muitas delas a serem encaminhadas para acompanhamento psicopedagógico, terapêutico; abuso sexual dentro de casa, prostituição precoce; crianças envolvidas com o tráfico de drogas, etc.(FRIEDMANN, 2005, p.21-22)

Ela reforça a necessidade de contextualizar a criança com quem temos contato, além de possuir informações referentes ao desenvolvimento infantil, temos que ter informações mais profundas e, para isso,, é necessário lançar mão do olhar sobre ela, observá-la e decifrá-la. Trazer uma infância de pequenas e simples atitudes de volta em um espaço feito com e para ela, com possibilidades de expressões corporais e mentais, envolvendo emoções (FRIEDMANN, 2005).

Nessa mesma linha de pensamento, Kramer (2006) ressalta a importância do olhar diferenciado na criança, considerando que ela não é formada por estágios e sim, por trás de uma história humana, facilitando compreendê-la sobre o seu ponto de vista.

Friedmann (2011) aponta que, se quisermos realmente estudar a infância interdisciplinariamente, devemos superar a dualidade que envolve a sua natureza e a sua cultura, tratando aspectos somente biológicos ou se deter apenas aos aspectos culturais que as envolvem.

Nota-se que foram acontecimentos que contribuíram para a criança que temos hoje na escola, pertencente às distintas infâncias e que nos trazem desafios como educadores, assim, considerando o aluno uma criança e, ao mesmo tempo, um sujeito. Para Charlot (2000), não podemos desconsiderá-lo ao estudar a educação. Desse modo, no próximo tópico será estudado esse sujeito/criança, mostrando sua trajetória histórica na escola com o ganho do direito a uma educação integral, discutindo a educação e as infâncias que temos hoje na escola, procurando atrelar as três esferas ao mais próximo de como nos é apresentado em nossa sociedade.

1.2 A educação, as culturas infantis e a escola

A educação, as culturas infantis e a escola não são consideradas sinônimas, mas se configuram num processo de interdependência, principalmente se a pretensão é o sucesso nas ações destinado às crianças. Nesse sentido, após a reflexão sobre a educação e as culturas infantis, serão tratados os aspectos que envolvem a “educação, as culturas infantis e a escola”, alinhando a criança envolvida, “o aluno”, buscando compreender como é a infância multicultural que temos na escola de hoje, como é a figura da criança que usufrui desse espaço após vários séculos de mudanças e reformas, procurando verificar se essa complexidade condiz com o aluno contemporâneo.

A educação no Brasil vem de um cenário em que era inteiramente da Igreja, transmitida pelos jesuítas. A população vivia diante de um contexto a quem a sociedade

era submetida, no qual o domínio estava nas mãos dos donos das terras. A princípio, a catequese era apenas para os filhos dos índios e somente mais tarde foram incluídos os filhos dos colonos, já a educação média era para a classe dominante, na qual as mulheres não faziam parte e os primogênitos eram destinados a outros fins, substituindo seus pais no poder. Para os filhos dos aristocratas haviam duas escolhas, ou faziam o nível superior na colônia para exercer a função sacerdotal ou iam estudar no exterior (RIBEIRO, 1993).

E, somente na metade do século XVII, o poder da Igreja sobre a educação foi extinguindo-se com a influência de Marques de Pombal. Em Portugal ocorreram reformas educacionais nas quais o controle passou para a mão do estado, no entanto, segundo Ribeiro (1993), na prática, as mudanças não foram muitas, ainda sustentava:

[...] ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares, abafando a criatividade individual e desenvolvendo a submissão às autoridades [...] Até os professores eram, em sua maioria, os mesmos que lecionavam nos colégios jesuítas [...] (RIBEIRO, 1993, p.16)

Saviani (1999) aponta que no começo do século XIX, foi apresentada a teoria da Pedagogia Tradicional, intitulada como “Educação- direito de todos e dever do estado”, sendo a ignorância tida como a causa da sua marginalidade. A escola apresentava um modelo tradicional, que poderia ser a salvadora de todos aqueles que não eram bem sucedidos, tendo o professor detentor do conhecimento e como figura central.

Para a época, certamente, uma forma de organização educacional pertinente, hoje, porém, não podemos pensar em uma teoria alicerçada no professor, sem levar em consideração nada de seu aluno, que antes de qualquer coisa, é um ser e faz parte de uma infância, com suas peculiaridades e necessidades e que vive numa sociedade rodeada de informação.

Para Gadotti (2000), a escola precisa se aproveitar da sociedade infomacional, valorizar a educação tecnológica, num movimento de renovar as culturas, orientar seus alunos, principalmente as crianças e os jovens, no caminho da criticidade, construindo e reconstruindo conhecimento, o que o autor chama de *servir de bússola* (p. 8).

Contudo, Ribeiro (1993) compreende que essa reforma transcende até hoje, pois a Educação ainda está voltada para o poder e interesse do Estado.

Ainda no século XIX, a reivindicação da pequena burguesia foi relevante sobre a educação escolarizada, assim, o ensino secundário tinha seus objetivos voltados para

que a classe dominante entrasse na escola de Ensino Superior, eles queriam que seus filhos fossem reconhecidos como “os homens cultos do país” (RIBEIRO, 1993, p.17).

Em 1834 descentralizou a responsabilidade educacional e as províncias passaram a controlar o ensino primário e médio, o que contribuiu ainda mais para a alta seletividade e o elitismo educacional, ficando o poder central conduzindo o apenas o ensino superior (RIBEIRO, 1993).

No período da República, mesmo com várias tentativas e reformas (A Reforma de Benjamin, O Código Epiácio Pessoa/1901, a Reforma Rivadávia Constant/1911, reforma de 1915 de Carlos Maximiliano e de 1925 de Luiz Alves e Rocha Vaz), não houve grandes mudanças no campo educacional no Brasil, apenas a ampliação do ensino secundário no ensino particular. A elite tinha conhecimento do baixo nível das escolas públicas e, ansiando que seus filhos alcançassem outros níveis de educação, favoreciam as escolas particulares, em contrapartida, também não havia interesse do governo em ampliar a rede secundária de ensino, pois, na época, com uma sociedade baseada na economia agrícola, nem todos precisavam de algum nível de instrução (RIBEIRO, 1993).

A educação, que era para ser para todos, passou a ter um caminho restritivo, segundo Saviani (1999), essa teoria foi criticada por não conseguirem conquistar a universalização da educação e abrindo caminho para outra Pedagogia. Surgindo a Pedagogia Nova, que propunha uma vasta reforma na educação, tinha base na pedagogia tradicional, porém, tentando relevar as diferenças individuais, tratando cada ser como “único”, equalizando a educação, em conseqüência à escola e ao aluno. Conforme Saviani (1999) expõe:

[...] A educação, enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica. (SAVIANI, 1999, p. 20)

Além disso, Ribeiro (1993) salienta que essa pedagogia seria, de certa maneira, a promessa de solução para os problemas do país, defendendo a convivência harmoniosa do homem com a máquina, dando condições de convivência com o uso das pessoas com a tecnologia e a ciência.

O aprender nessa teoria não seria essencial, mas sim o aprender a aprender, além da reforma no papel, a escola teria que ser reformulada fisicamente, entre outras coisas: o professor como mediador das aprendizagens; aprendizagens espontâneas em grupos pequenos e por interesse em comum; ambientes atrativos e com materiais diferenciados (SAVIANI, 1999).

Para Gauthier e Tardiff (2010), a pedagogia nova veio com o objetivo de criar uma ciência para a educação, concentrando todas as atenções na criança, para os autores foi um ponto de partida de várias correntes de pensamentos que são influenciadas até hoje nas práticas pedagógicas.

Todavia, mais uma vez, a nova teoria não alcançou bons resultados, pelo contrário, Saviani (1999) afirma que o escolanovismo provocou experiências negativas na educação, oferecendo disciplinas mais facilitadas, sem grandes preocupações com o conteúdo transmitido às camadas populares, desconsiderando, talvez, o único meio de acesso ao conhecimento científico deles.

Esses fatores foram enfraquecendo a “Escola Nova” e novas tentativas no campo da educação foram emergindo, surgindo a Pedagogia Tecnicista, com valores nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, nela, tanto o professor quanto o aluno passaram a ser secundários na educação e, em primeiro plano, o controle fica a cargo de especialistas, que nada tinham em comum entre eles, mesmo assim, eles planejavam, administravam e controlavam todo o processo educacional, de maneira objetiva e operacional. (SAVIANI, 1999).

Para o autor, a Pedagogia Tecnicista colaborou para aumentar a desordem e a marginalidade que apresentava na educação, afirmando que o “conteúdo do ensino tornou-se ainda mais rarefeito e a relativa ampliação das vagas se tornou irrelevante em face dos altos índices de evasão e repetência” (SAVIANI, 1999, p. 26).

Em 1930, foi criado o Ministério da Educação estabelecendo:

[...] o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos, e a exigência de habilitação neles para ingresso no curso superior; criou órgãos, tais como reitoria, conselho universitário, assembleia universitária e direção de cada escola. (RIBEIRO, 1993, p.21)

Mesmo assim, segundo esse autor, nessa época, apresentou-se uma insatisfação em massa e, por conseguinte, assinando em 1932 o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (RIBEIRO, 1993).

Segundo o MEC, nesse período, a educação era dividida pelo Estado e a Igreja e o objetivo do manifesto era a organização da educação em uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita, sendo reconhecida em 1934 como direito de todos (BRASIL, 2016).

Até que em 1961, com a criação da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), o sistema educacional brasileiro deixa de ser centralizado e passa a ser distribuído entre as esferas estaduais e municipais (BRASIL, 2016).

Desde essa primeira criação, a LDB passou por muitas reformulações em prol da educação, segundo Brasil (2013), essas alterações foram baseadas diante do cerne social, levando em consideração o desenvolvimento pleno da criança e almejando a sua permanência contínua na escola.

Dentre muitas alterações, destacou-se a realizada em 1971: o ensino passa a ser obrigatório a todas as crianças dos 7 aos 14 anos, adotando um currículo comum para o antigo primeiro e segundo graus, incluindo uma parte diversificada e levando em consideração as diversidades regionais (BRASIL, 2016).

Ela passou por uma grande reforma em 1996, incluindo a educação infantil (creches e pré-escola), bem como priorizando o processo de formação aos profissionais da educação básica (BRASIL, 2016).

Entretanto, para Brasil (2013), essas alterações não foram suficientes para direcionar a educação no Brasil, implementando orientações normativas nacionais em 1997 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) Gerais foram criadas para a Educação Básica, sendo que assume a sua essência na:

[...] responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, inclusão, permanência e sucesso das crianças, jovens e adultos na instituição educacional, sobretudo em idade própria a cada etapa e modalidade; a aprendizagem para continuidade dos estudos; e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação básica. (BRASIL, 2013, p.15)

Responsabilidade essa que todos os professores deveriam ter diariamente no seu cotidiano escolar e enquanto cidadãos membro de uma sociedade, no entanto, o viés político, muitas vezes, interfere no sistema educacional, segundo Bonamino e Martinez (2002), na elaboração das DCNs houve turbulências entre as visões das instituições políticas (MEC e CNE) com relação ao objetivo do Estado na construção curricular.

Logo na sequência, foram criados os PCNs, buscando a equidade no processo educacional, no qual cada disciplina com o seu conteúdo, servindo como referência aos professores, com características flexíveis, podendo haver adaptações (BRASIL, 1998).

Bonamino e Martinez (2002) constataram que os PCNs apresentavam um detalhamento de concepções e orientações didáticas e metodológicas, além de conteúdos das disciplinas e transversais, fomentando uma formação básica aos alunos, embora a parte introdutória do documento assume-se como parâmetros. Para as autoras, o processo foi invertido, os PCNs, mesmo com caráter normativo, vieram para reorientar mais especificamente os DCNS, que estabeleciam um caráter mais geral na educação.

Percebe-se uma série de esforços em torno de políticas públicas educacionais no Brasil no fim do século XX e começo do século XXI, para Gadotti (2000), nesse período, a educação estava cruzada entre dois caminhos: a tentativa de universalização da educação básica de qualidade e as novas matrizes teóricas tentando suprir as rápidas transformações.

Gadotti (2000), ao fazer o balanço do que se esperava para a educação no século XXI, traça uma perspectiva:

[...] perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural. Por isso, acredita-se que a pedagogia da práxis, como uma pedagogia transformadora, em suas várias manifestações, pode oferecer um referencial geral mais seguro do que as pedagogias centradas na transmissão cultural, neste momento de perplexidade (GADOTTI, 2000, p.7)

Assim, em 2014, foi instituído o PNE (Plano Nacional de Educação), pela Lei 13.055/2014 ainda com o objetivo de diminuir a desigualdade no país, bem como equidade na educação nacional, traçando vinte metas a serem cumpridas na busca ao direito à educação básica com qualidade, dos quais, algumas delas referem-se ao oferecimento de uma base nacional comum (BRASIL, 2017).

Desse modo, foi realizado, em 2015, o I Seminário Interinstitucional para a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e construída a sua primeira versão, que foi disponibilizada para consulta pública até 2016 que, segundo Brasil (2017), recebeu cerca de doze milhões de contribuições em âmbitos tanto individuais, quanto associações, pesquisadores e especialistas na área, o que contribui para segunda versão lançada em seguida.

Segundo Neira e SOUZA JÚNIOR (2016), diferente de outras épocas, foram poucas as vezes que foram abertos espaços para a participação da sociedade como um todo, na primeira versão da BNCC, a disponibilização pública do documento gerou uma grande quantidade de contribuições de pessoas que podiam se cadastrar on-line na plataforma, além de escolas e outras entidades, contribuíram com comentários e sugestões, elaboraram pareceres e documentos sobre o conteúdo.

Nesse período, o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE), a partir dos seus representantes, enviou um documento formal com sugestões e, após a análise e categorização de todas as contribuições por especialistas da área, surgiu a necessidade de deixar claro porque a área faz parte das Linguagens, entretanto, foi sanado na segunda versão (NEIRA E SOUZA JÚNIOR, 2016).

Mais uma vez, a segunda versão passou por diversos seminários realizados pelas Secretarias da Educação dos estados, nos quais participaram professores, gestores, especialistas até chegar à versão final (BRASIL, 2017).

No campo da Educação Física, de acordo com Neira e Souza Júnior (2016), a BNCC direciona os conhecimentos das práticas corporais como “produtos da gestualidade, formas de expressão e comunicação passíveis de significação, ou seja, artefatos da cultura produzidos por meio da linguagem corporal, que estejam agregados às brincadeiras e aos jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais de aventura” (p.195).

E compreender a Educação Física integrante da área de Linguagens corresponde em:

[...] promover atividades didáticas que auxiliem os estudantes a ler e produzir as manifestações culturais corporais, concebidas como textos e contextos constituídos pela linguagem corporal. A cultura corporal de movimento é o próprio conteúdo das aulas, pois se trata do conhecimento específico que qualificará a leitura que as crianças, jovens e adultos fazem das práticas corporais disponíveis na sociedade, bem como a sua reconstrução crítica na escola. (NEIRA E SOUZA JÚNIOR, 2016 p.196-197)

Assim, para esses autores, não existe um modelo prescrito, a BNCC dá alicerce com sugestões de objetivos de aprendizagem, possibilitando compreender as manifestações da cultura corporal de movimento de todos os grupos numa perspectiva social-histórica e política, possibilitando, nas aulas, a criticidade e, sem espaço para a discriminação, partindo dela, deve-se, cada instancia educacional, planejar seus currículos, em que todas as decisões devem partir da escola. No entanto, para eles, por

ser uma política nova, pode seguir outros caminhos pelos professores, não podendo entender como uma bagagem obrigatória a ser disseminada, ou por outro lado, enxergarem a BNCC como um currículo mínimo, trabalhado rapidamente pelos professores, sem proposição do que ele realmente pretende. (NEIRA E SOUZA JÚNIOR, 2016).

Em se tratando da Educação física, nesse contexto, as discussões da BNCC geraram certa tensão na área, ironicamente, logo após o fim das olimpíadas de 2016 do Rio de Janeiro, foi divulgada uma medida provisória em que apontava que a Educação Física, assim como arte, filosofia e sociologia seriam eletivas e que dependeria do ponto de vista da escola, entretanto, a medida provisória não foi adiante pelo governo e além do mais, a LDB/1996 recebeu outras alterações pela Lei, destacado o inciso 2º do art. 35, que trata dos objetivos de aprendizagem do Ensino Médio da BNCC : “A Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino Médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (BRASIL, 2017).

Delineando alguns fatos que aconteceram na educação, vemos que ela, tem constante mudança e aceitação, que muda conforme as necessidades da sociedade, passando por períodos de transição, carregando vestígios, até a aceitação ou não da mesma. Essas mudanças e adequações estão diretamente relacionadas com a infância, com a escola e com a educação. Uma tríade que caminha junto e que requer do profissional da educação conhecimento e análises das velhas e novas teorias para poder conduzir o ensino conforme as necessidades atuais.

Conforme foi visto no tópico anterior, na sociedade atual, diferente de outras épocas, é caracterizada a infância multifacetada, na qual a criança passa a ser idealizada por direitos, todavia, nem sempre o ideal para a criança é o que acontece em seu dia a dia na escola, de acordo com Debortolli, Linhares e Vago (2006):

Estamos cotidianamente experimentando uma história real, muitas vezes brutal, da infância com que trabalhamos. Crianças que, muitas vezes, já perderam, prematuramente, a infância: pelo trabalho, pelas relações sociais opressoras, pelo consumo, pela privação do direito de ser criança e de saborear a infância, pela própria ausência de sentido da escola no seu processo de formação. Crianças portadoras de direitos frequentemente usurpados; crianças que nos convidam a voltar à nossa própria infância, que pode também ter sido usurpada, adulterada; e que, apesar de tudo, vão construindo sua condição humana nas relações sociais, econômicas, culturais e pedagógicas que vivem a cada dia. (DEBORTOLLI, LINHARES E VAGO, 2006, p.101)

É constante histórias de crianças nas escolas passando circunstâncias como as descritas na citação anterior e, apesar de existir órgãos e leis para que isso não ocorra, ainda é muito comum aos olhos dos professores.

Para os autores, essas crianças são reais e fazem parte da nossa sociedade (DEBORTOLLI, LINHARES E VAGO, 2006).

E nessa constância, não são raras crianças indo para as escolas cansadas e sem vontade de nada por diversos fatores, às vezes, já passaram por um longo e árduo período do dia trabalhando informalmente na rua e mesmo em casa com os afazeres do lar, outras, no entanto, cansadas por passaram a noite toda nos jogos eletrônicos e/ou nas redes sociais. Também pode acontecer outro extremo, a criança já passou por várias situações estressantes em seu lar, chegando à escola agitada e sem controle emocional, com comportamentos agressivos ou arredios.

Diante desse contexto, nessa mescla de comportamentos está o professor frente a essa caixinha de sentimentos e que nem sempre está suficientemente preparado para atender o perfil desses alunos e acaba não levando em conta sua história de vida e o porquê o aluno apresenta tais comportamentos.

Para Debortolli, Linhares e Vago (2006), ainda carregamos heranças da junção pedagógica e psicológica em nossas práticas pedagógicas. Quando classificamos, selecionamos ou hierarquizamos, estamos desqualificando a maneira singular da criança de aprender o mundo que a cerca.

Além disso, segundo Silva (2011), os alunos possuem características singulares e particulares que refletem uma sociedade cercada de informações e em constante transformação. São crianças advindas de uma sociedade, a qual as informações chegam e saem a todo o momento de suas vidas.

A cada dia fica mais difícil o desafio de educar uma criança, pois, de acordo com Friedmann (2011), elas estão expostas à grande influência dos meios de comunicação de massa, além da diversidade de reconfiguração familiar da atualidade.

Contudo, embora não se possa generalizar, percebe-se que as escolas ainda apresentam uma educação fragilizada, com práticas mecanizadas e autoritárias e alunos chegando advindos de infâncias, conforme já estudadas, com várias estruturas sociais, que precisam ser superadas com novos trabalhos que encorajem os professores ao exercício da mudança, tomando uma postura consciente diante da situação atual.

Para Dornelles (2005), os discursos produzidos pela sociedade, não só na escola, reflete nos estudos da infância pós moderna, sendo necessário problematizar não só os

tipos de infâncias que temos na sociedade globalizada (ninja, cyber-infâncias, do cárcere, do enclausramento, dos condomínios), mas como ela caminha sem o adulto e que nos assombra a cada dia.

E na escola, de acordo com Craidy e Barbosa (2012), as crianças não só assimilam, mas produzem culturas, interferindo no seu ambiente de vida. Para se tornarem humanas, é necessário tempo, conviverem juntas e brincarem, o que, muitas vezes, nossa escola nega, com modelos que só investem em ensino, desconsiderando a criança e priorizando somente o aluno. Oferecer situações novas, sem articulação com a sociedade e sem planejamento, ficará apenas na formalidade e não na construção da realidade.

Sacristán (2005) considera a infância como um conceito mutável e as formas culturais sobre como tratá-las e educá-las também devem ser. Para ele, não devemos estranhar se o comportamento dos alunos de hoje não é o que esperamos, pertence à complexidade das relações humanas e também das condições históricas que evolui compondo a cultura sobre a educação.

Com relação ao movimento, Neira (2006) afirma que, para a criança pequena, muito mais do que deslocar-se no espaço, pelo movimento, ela se comunica e se expressa, revelando a cultura corporal socialmente inserida. Desse modo, as situações planejadas para se trabalhar o movimento em suas várias dimensões devem fazer parte da rotina diária e as brincadeiras, as conversas e os deslocamentos, não devem ser entendidos como dispersão e nem desordem das crianças, mas sim manifestações da motricidade infantil.

Friedmann (2011) defende a necessidade de dar voz às crianças, de ouvi-las e de olhar para elas, porque, a todo o momento, ela está se expressando e tentando se comunicar e, nesse exercício, ela convida os educadores a ter atitude, tentar decifrar as crianças, voltando-se para o seu eu, para a multiculturalidade ao nosso redor e a que já vivemos, e nessa de urgência “ressignificar, recriar, transformar os nosso cotidianos de forma mais significativa e digna” (p.31).

Na perspectiva histórico-crítica, Pasqualini (2006) constatou nos seus estudos baseados em Leontiev, que a atividade não pode ser desassociada da vida social do homem, visto que ela pertence ao sistema de relações da sociedade e que a atividade de qualquer pessoa depende do local que está ocupando e das circunstâncias de como vive nessa sociedade. Já com relação ao aparecimento da consciência humana, ela afirma que é possível, na atividade do trabalho, na qual as relações humanas são mediadas por

outras pessoas, existindo uma cadeia de ações, sendo que, na atividade, não são elementos adicionados e nem separados.

Além dessas perspectivas, existem outras vertentes, na área da psicologia, que sustentam a educação, segundo Rego (2011) ao contextualizar as principais ideias de Vygotsky na abordagem histórico-cultural, na relação indivíduo e sociedade, as características humanas são formadas da interação entre o homem e o seu meio sócio-cultural, não sendo inatas, também o ser humano pode mudar o seu meio para satisfazer as suas necessidades básicas, outro aspecto que se deve levar em consideração nas relações humanas é a cultura, faz parte delas, porém não é universal, depende do desenvolvimento histórico e dos acontecimentos sociais, sendo elas mediadas pela relação indireta do homem e o seu contexto social.

Pois bem, se os alunos, providos das várias culturas nas quais estão inseridos, frequentam a escola por uma educação que lhe dará suporte para a vida, obviamente, o professor que está diretamente ao lado do aluno deve estar atento a todas as ações que acontecem dentro do ambiente escolar com relação a ele.

Percebe-se que, por conta da própria caminhada histórica do reconhecimento da infância, muitas vezes, na prática, consideramos a criança desprovida de cultura e de conhecimento, dessa maneira, o professor, diante dessa tríade (educação, culturas infantis e escola) deve também fazer parte dessa mutação, sendo a Educação Física parte da Escola, ela também deve conviver e se adaptar às mudanças,

Assim, dando continuidade, no próximo tópico entraremos mais especificamente na Educação Física e nas condições históricas que acompanham esse componente curricular numa perspectiva mais humanitária, que considere o aluno provido das condições humanas, não só a identidade dos alunos, mas as diferentes culturas envolvidas.

1.3. Educação Física Escolar e as suas principais tendências pedagógicas

Quem enquanto criança ao recordar de sua infância na escola não deixará de se lembrar de algum fato que aconteceu na Educação Física? Espera-se que todas as respostas sejam positivas, com boas e leves lembranças e é como deve ser, que deixa rastro de colaboração em suas vidas ao desfrutar da Cultura Corporal de Movimento.

Ainda hoje, se pesquisar entre os professores de Educação Física de diversas idades, morando em bairros ou cidades diferentes e até mesmo em outros estados, para saber qual influência pedagógica é mais presente em sua prática, provavelmente as

respostas serão as mais diversas possíveis. Isso porque a Educação Física Escolar teve um caminho longo na sua construção histórica até ser legitimada e, mesmo assim, ainda hoje, continua com grandes mudanças e construções.

O significado de tendência pode variar de acordo com a situação que se quer colocar a palavra, para esta pesquisa utilizaremos num sentido mais amplo, nos remetendo a história, assim, consideraremos tendência como:

[...] a disposição ou propensão histórica de um período de tempo ocorrido entre situações espaços-temporais, seja ao nível do tempo curto (ciclo) seja mesmo num intervalo de tempo maior (conjuntura ou até estrutura). Caracteriza-se, pois, pelo rumo comum a um conjunto de fatos inter-relacionados entre si que faz pender um período da história num determinado sentido e para consequências próprias do desenrolar dos acontecimentos subsequentes. Quando se produzem acontecimentos de caráter político ou econômico marcados por determinada ideologia ou opção financeira durante um período de tempo consecutivo, o espaço onde se desencadearam tais fatos registra certa propensão para criar estruturas e matrizes históricas resultantes dessas ideias ou fatos. (INFOPÉDIA, 2017)

As pessoas agem de acordo com as tendências as quais acreditam, bem como, mudam ou não suas ações em função dos novos ou velhos propósitos, nem sempre são coerentes no que acreditam e defendem, todavia, se defendem, é porque tem algum valor para elas e é porque acreditam na sua razão.

Outro fator que influencia nas convicções das pessoas, refere-se ao que lhes é apresentado, nos cursos de Educação Física, segundo Bertini Junior e Tassoni (2013), até alguns anos atrás, a matriz curricular era centrada na maior parte da grade em disciplinas à área biológica (anatomia, psicologia, fisiologia) ou áreas técnicas desportivas, modificando o formato dos cursos de Educação Física, dividindo os profissionais que atuavam fora da escola, nos cursos de bacharelados e os que atuavam nas escolas, fazendo licenciatura.

Embora os alunos de graduação tenham condições suficientes para seguir seus estudos além do que é apresentado, muitas vezes, por diversos fatores, não o fazem, e assim sendo, os conteúdos muitas vezes ficam apenas restritos no que é passado em sala de aula e o que os professores levam para a sua prática, no entanto, de acordo Lovisolo (1995) apud Bertini Junior e Tassoni (2013), a licenciatura em Educação Física ainda não tem uma identidade própria, com um objeto definido para ela, por existir uma série de abordagens na área.

Desde o século XIX, a Educação Física e seus professores vêm construindo e efetivando seu espaço na escola, marcado por um diálogo tenso, complexo e muitas

vezes contraditório com as diferentes concepções de mundo, de educação e de ser humano (DEBORTOLI, LINHALES E VAGO, 2006).

Em pesquisas relacionadas com a formação do professor de Educação Física, atuando na Educação Básica, Bertini Junior e Tassoni (2013), analisando as matrizes curriculares de cinco Universidades públicas (USP, UNICAMP, UNESP, UFSCar e UFV), constataram que há um esforço das universidades em se adequarem às dimensões relacionadas à realidade do ambiente escolar da Educação Infantil até o Ensino Médio, mostrando um equilíbrio entre as disciplinas biológicas e desportivas, enfatizando mais as disciplinas humanas e pedagógicas e, nessas matrizes, as Universidades procuram equilibrar disciplinas de cunho biologicista e relacionadas ao esporte, enfatizando as disciplinas humanas e pedagógicas.

No entanto, esses autores, ao analisar as entrevistas com os professores, identificaram que alguns deles apresentaram um perfil técnico, esportivo e promotor de saúde através das aptidões físicas, influenciados pela formação inicial advinda da antiga grade curricular (BERTINI JUNIOR E TASSONI, 2013).

Mesmo assim, Bertini Junior e Tassoni (2003), acreditam que mesmo com as mudanças, tanto na legislação, quanto na organização da formação inicial, o que age diretamente na área, a sua valorização e a do professor é decorrente do trabalho coletivo na escola pelo Projeto Político Pedagógico. É através dele que se cria um ambiente com a participação de todos, necessários para as mudanças.

Darido (2003) e Darido e Rangel (2011), apresentam uma síntese das principais abordagens pedagógicas no contexto da Educação Física, que expõe brevemente características pertinentes de cada uma delas. Em primeiro momento, as autoras fazem a descrição às tendências conhecidas como as tradicionais, que seguiam o regime político da época: Higienismo e Militarismo; Esportivista; Recreacionista. Posteriormente apontam as abordagens que foram surgindo no fim da década de 1970: Desenvolvimentista; Construtiva-interacionista; Crítico-Superadora; Sistêmica; Psicomotricidade; Crítico-Emancipatória; Cultural; Jogos Cooperativos; Saúde Renovada e Abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No Quadro 1 encontra-se uma adaptação de Darido (2003) com as principais características dessas abordagens, contendo os principais teóricos que defenderam-na, autores que sustentaram cada abordagem, a área de base delas, com as finalidades, suas temáticas principais e os conteúdos.

Para a autora, essas abordagens que começaram a surgir no final dos anos 1970, vieram com o intuito de romper um modelo de uma Educação Física pautada em práticas mecanicistas, espelhadas no regime militar.

Quadro 1: Principais características das abordagens a partir da década de 1970

	AUTORES	LIVRO	ÁREA DE BASE	AUTORES DE BASE	FINALIDADE	TEMÁTICA PRINCIPAL/ CONTEÚDOS
DESENVOLVIMENTISTA	Tani, G. Manoel, E.J.	Educação Física Escolar: uma Abordagem Desenvolvimentista	Psicologia	Gallahue, D Connoly, J	Adaptação	Habilidade, Aprendizagem, Desenvolvimento Motor
CONSTRUTIVISTA	Freire, J. B.	Educação de Corpo Inteiro	Psicologia	Piaget, J.	Construção do conhecimento	Cultura popular, Jogo, Lúdico
CRÍTICO SUPERADORA	Bracht, V. Castellani, L. Taffarel, C. Soares, C.L	Metodologia de ensino da Educação Física	Filosofia política	Saviani, D. Libâneo J.	Transformação Social	Cultura Corporal Visão Histórica
SISTÊMICA	Betti, M,	Educação Física e sociedade	Sociologia Filosofia	Bertalanffy, Koestler, A.	Transformação Social	Cultura Corporal Motivos Atitudes Comportamento
PSICOMOTRICIDADE	Jen Le Bouch	Educação pelo movimento	Psicologia	Wallon, Piaget, Lúria, Ajuriaguerra	Reeducação Psicomotora	Consciência corporal, lateralidade e coordenação/ Exercícios
CRÍTICO EMANCIPATORIA	Elenor Kunz	Transformações didático-pedagógicas do esporte	Filosofia Sociologia Política	Habermas	Reflexão crítica emancipatória do aluno	Transcendência de limites/ Conhecimento esportes
CULTURAL	Jocimar Dáolio	Da cultura ao corpo	Antropologia	Mauss Geertz	Reconhecer o papel da cultura	Alteridade/ Técnicas corporais
JOGOS COOPERATIVOS	Fábio Brotto	Se o importante é competir o fundamental é cooperar	Psicologia	Terry Orlinck	Indivíduos Cooperativos	Incorporação de novos valores/ Jogos cooperativos
SAÚDE RENOVADA	Guedes Nahas	--	Fisiologia	Vários	Melhor saúde	Estilo de vida ativo/ Conhecimentos, exercício físico
PCNS	Marcelo Jabu Caio Costa	PCNs, 3º. E 4º ciclos/ 5ª a 8ª séries	Psicologia Sociologia	Vários	Introduzir o aluno na esfera da cultura corporal de movimento	Conhecimento sobre o corpo, esportes, lutas, jogos e brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Darido (p. 11 e p. 21, 2003)

Caparroz (2005) afirma que o período entre o final de 1970 e meados de 1980 foi marcado por mudanças para a Educação Física, revelando críticas à área que sofria influências tendenciosas na perspectiva biológica e ainda também a militar, dessa maneira, negava as concepções anteriores, que se respaldavam na saúde física, fazendo surgir diversas abordagens pedagógicas, libertadoras e transformadoras na Educação

Física, essas novas tendências vieram objetivando a valorização do ser humano, conhecida como movimento “renovador”.

Para ele, esse movimento não foi isolado da área, pois o país estava passando por um processo de exigência política, a sociedade brasileira estava descontente com o autoritarismo dos governos militares e lutavam pela democracia (CAPARROZ, 2005).

Dárido (2003) aponta alguns avanços e críticas nas abordagens renovadoras, dentre os avanços, ela afirma que a Desenvolvimentista trouxe a especificidade à Educação Física, dando relevância às faixas etárias dos alunos, já na Crítico-superadora, há preocupação com as desigualdades e injustiças sociais.

Tani (2008) esclarece que a abordagem desenvolvimentista surgiu num momento em que a Educação Física Escolar não possuía uma identidade própria, com pouca participação no projeto político pedagógico da escola, com praticas sem sustentação acadêmico-científico e as pesquisas desenvolvidas na área não chegavam à escola, dessa maneira, a abordagem desenvolvimentista foi criada com a intenção inicial de fundamentação para a Educação Física. Para ele, se o movimento é especificidade dela, a abordagem desenvolvimentista deve ter conexão em todas as outras abordagens.

Na abordagem Construtivista-interacionista, Darido (2003) considera importante as discussões sobre o papel da cultura popular, do jogo e lúdico na escola, já na Psicomotricidade, foi trazer a integração entre a Educação Física e a proposta pedagógica da escola para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Com relação à abordagem Crítico-emancipatória, Darido (2003) destacou o cuidado com a emancipação dos alunos pela Educação Física Escolar. Com relação à abordagem dos Jogos Cooperativos, ela salienta um avanço na implementação real dos jogos cooperativos, porém, acredita que falta uma proposta contendo o papel da cooperação na formação do cidadão emancipado.

Considerando a abordagem contida nos PCNs, Darido (2003) enfatiza que a inclusão da reflexão sobre os problemas da sociedade brasileira, trazido com os temas transversais, favoreceu não só o saber fazer do aluno, mas as dimensões atitudinais e conceituais da cultura corporal de movimento.

Ainda sobre as propostas psicomotoras, desenvolvimentista, esportivista e da saúde, Neira (2011a) afirma que nessas abordagens tendem a valorizar as práticas advindas da cultura dos povos colonizadores, como se sobressaíssem da nossa cultura, o que causa a desvalorização da cultura dos povos colonizados.

Contudo, Caparroz (2005) salienta que, apesar da grande importância do movimento das novas abordagens na Educação Física, que ganhou espaço nas produções acadêmicas nos programas de pós-graduação; publicações de livros e por fazer parte de bibliografias de concursos públicos, programas curriculares e de reorientação curricular de órgãos governamentais, essas concepções não aprofundaram aspectos relevantes para a compreensão da Educação Física como componente curricular, afirmando que:

[...] esses formuladores, apesar de estarem centrados na educação física escolar, buscam prioritariamente interlocução com a própria educação, o fazem privilegiando as teorias educacionais abrangentes, que conformariam a atuação concreta da educação física escolar, ou, ainda das questões de fundo sociológico e filosófico da educação. Isso faz com que não se aprofunde a compreensão da educação física como componente curricular, pois, ao manter interlocução fundamentalmente com a própria educação física, está se fortalecendo a ideia de que a educação física enquanto prática social é única, não importando onde se desenvolve (se no clube, na academia, no exército, na escola ou em qualquer outro lugar). Fato que nos remete a ideia de que existe uma educação física na escola e não uma educação física da escola. (CAPARROZ, 2005, p.15)

De fato, essa turbulência na área não alcançou tal autonomia na escola, mesmo assim, serviu para um grande começo na afirmação de que a Educação Física enquanto componente curricular, fazendo parte de uma escola, precisa ter sua identidade, suas características e suas peculiaridades.

Segundo Caparroz (2005):

[...] embora a educação física já tivesse penetrado na escola enquanto sistema educacional, como disciplina que ganhava sua institucionalização, nos anos de 1980, perdia o “chão”, em função de análises que não se pautavam em desvendar criticamente o que ela era na escola, mas sim análises prescritivas e/ou valorizadas, apontavam o que a educação física deveria ser. (CAPARROZ, 2005, p. 81)

Em estudos mais recentes, Betti e Kuriki (2011) constataram que apesar das grandes melhorias propostas por autores que contribuíram entre 1980 e 1990 para a prática pedagógica na Educação Física Escolar, ainda se vê muitos professores que não têm ciência delas ou, se tem, são poucas, apresentando aulas pedagogicamente mal preparadas. Diante disso, eles foram diretamente ao ponto, voltando-se a autores responsáveis pela elaboração e/ou colaboração de algumas abordagens, ao entrevistar João Batista Freire (“Construtivista”), Celi Z. N. Taffarel, Lino Castellani Filho e Valter

Bracht (“Crítico-Superadora”), Elenor Kunz (“Crítico-Emancipatória”) e Jocimar Daolio (“Antropológica-Cultural”), para saber o que eles pensavam sobre a repercussão e perspectivas das teorias metodológicas que escreveram e concluíram que:

Todos os autores concordam que suas proposições foram muito importantes à época para uma transformação da Educação Física vigente, mas veem, hoje, essa nova necessidade de elaborações, ou atualizações, de teorias que se relacionem com a prática e a transformem tanto quanto se esperava nas décadas de 1980 e 1990. As proposições, segundo os autores, precisam de uma revisão, de uma atualização, mas não no sentido apenas de verificar sua ‘implantação’ e repercussão, e sim, de uma reformulação baseada nas mudanças ocorridas desde a época em que foi elaborada, até hoje, desde as transformações sociais e políticas, na legislação, e no próprio contexto escolar que o professor se depara ao ingressar no campo de trabalho. Autores como Castellani Filho e Bracht ainda apostam na possibilidade de que a nova geração de professores recém graduados seja capaz de realizar essa transformação, essa atualização que a Educação Física necessita, tendo como base estas proposições elaboradas nas décadas passadas. Outros como Kunz e Freire, entendem que a Educação Física Escolar ainda carece de trabalhos que deem continuidade às proposições teórico-metodológicas das décadas de 1980 e 1990, e não apresentam posições otimistas quanto à contribuição da nova geração de professores e pesquisadores. (BETTI E KURIKI, p.1, 2011).

Muitas dessas abordagens podem ter apresentado falhas na sua constituição, no entanto, observa-se que cada uma delas trouxe para a Educação Física algo a acrescentar na prática do professor e conseqüentemente no ensino e na aprendizagem do aluno, entretanto, a Educação Física não parou por aí, pelo contrário, a produção acadêmica foi ampliando, cada vez mais, buscando a identidade dos alunos e as diferentes culturas envolvidas. Dessa maneira, no próximo subtópico, apresentaremos os principais aspectos que envolvem a Educação Física na perspectiva cultural.

1.3.1 A Educação Física na perspectiva cultural

Nos últimos anos, a Educação Física passou por muitos processos de mudanças, aderindo às construções baseadas nas Ciências Humanas e deixando de lado as referências baseadas nas psicobiológicas, passando a adotar um currículo com práticas corporais que se preocupasse mais com o ser humano, considerando-o como sujeito histórico (NEIRA, 2011a).

Para Neira (2011b), a perspectiva dos Estudos Culturais procura identificar quem é o sujeito envolvido e a diversidade passa a dar novo sentido de comunicação entre as pessoas e vai criando suas identidades nessas diferentes relações. Assim, para o autor:

O currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, questionamentos e diálogo para análise, interpretação, questionamento e diálogo entre e a partir das culturas (p. 12-13).

As propostas embasadas no currículo cultural e o multiculturalismo são escolhidos criteriosamente os conteúdos para serem esgotados na aprendizagem dos alunos, de maneira que ele possa se apropriar efetivamente de tal conteúdo.

Com relação ao Currículo Cultural, Neira (2011a), aponta que:

[...] No currículo cultural, a experiência escolar é um terreno aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência da diversidade de manifestações corporais dos variados grupos sociais.

[...] No currículo cultural da Educação Física, pretende fazer “falar”, por meio do estudo das manifestações corporais, a voz e várias culturas no tempo e no espaço, além de problematizar as relações de poder explícitas e implícitas. (NEIRA, 2011^a, p. 47-49)

Uma educação pautada numa perspectiva multicultural crítica, apoia-se no reconhecimento das diferenças e ultrapassa a discriminação, ao mesmo tempo em que a diferença se torna natural e colabora para combater a injustiça cultural (Neira,2011a).

Dessa maneira, a Educação Física no ambiente escolar passa a ter espaço não só para todos os alunos, mas para todas as culturas que os alunos levam à escola, desde que contextualizadas e sendo pensadas e repensadas a todo o momento as suas ações.

Assim, segundo Neira (2011a), as maneiras de se expressar e de se comunicar entre pessoas, não são mais vistas como uma simples produção de gestos, a criança ao externalizar a sua prática, brincando, dançando, praticando atividades esportivas, ela revela o seu interior, independente dos seus valores e manifesta como considera o mundo.

Além disso, Neira (2015) afirma que no currículo cultural é permitido que as culturas se cruzem e, a partir desse encontro, superem as diferenças, pela reflexão crítica do professor, conduzindo os alunos a refletirem sobre seus próprios modos de vida em situações existenciais, levando também em consideração que:

a busca permanente pela explicitação das possibilidades e limites oriundos da realidade sociopolítica, cultural e econômica enfrentada pelos cidadãos no seu cotidiano, que condiciona e determina a construção, permanência e transformação da cultura corporal (NEIRA, 2015, p.296).

É nesse sentido o caminho para esta pesquisa, valorizar as brincadeiras de pular corda a partir do que as crianças já conhecem, além disso, apresentar a elas a cultura nessas brincadeiras de seus avós e de outros avós, e dar a elas a oportunidade da criação de suas próprias brincadeiras, da sua própria cultura, é caminhar para uma Educação Física culturalmente favorecida na contemporaneidade.

Vivemos numa sociedade em que é essencial considerar as diferenças entre as pessoas, entre os grupos e, dessa maneira, Neira (2011a) afirma que é primordial tanto para o docente quanto para os alunos que se questionem o porquê de certas manifestações corporais serem consideradas legítimas, enquanto outras, pela sociedade,, e, nesse caso, o espaço onde acontece o ensino é totalmente na autoridade e responsabilidade do professor.

Na visão de Neira (2011a), ao transformar as raízes da cultura da comunidade escolar em temas de estudos, estaremos valorizando as manifestações corporais dos grupos de origem e o pertencimento dos alunos a essas culturas, sendo que pode acontecer de duas maneiras: num primeiro momento, na articulação com o projeto pedagógico da escola ou como tema central num projeto específico da Educação Física.

É importante ressaltar que uma característica do Currículo Cultural da Educação Física é trabalhar os conhecimentos através da tematização, assim Neira (2011a) esclarece que ao optar por um determinado tema, “os professores emaranham às próprias culturas corporais, experiências e as dos alunos com outros saberes (acadêmicos, do senso comum, populares ou pertencentes a outros grupos)” (p.102), produzindo seus próprios conhecimentos.

Vemos uma Educação Física em constante construção, em que as mudanças não são só em níveis políticos e sociais, mas, principalmente, que consiga alcançar o professor e que ele possa propagar essas mudanças, com estudos e pesquisas, todavia, não se pode negar que já teve um grande avanço na escola, especialmente em se tratando de conhecimentos na área. Desse modo, no próximo tópico será abordado a Cultura Corporal de Movimento, os conteúdos que hoje fazem parte da Educação Física Escolar e a relação no contexto escolar.

1.4.A Cultura Corporal de Movimento, os conteúdos legitimados e a relação no contexto escolar

A Educação Física Escolar vem ganhando seu devido valor, que há muito tempo ficou limitada, separando o corpo da mente, numa visão dualista de uma Educação Física em função do saber.

De acordo com Freire (1997), tanto o corpo como a mente devem ser compreendidos como integrantes de um mesmo organismo, afirmando que:

[...] Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transformar, mas para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará. (FREIRE, 1997, p.14)

Sendo um Componente Curricular mais querido pelos alunos por possuir uma diversidade de atividades, proporcionar experiências fora da sala de aula, além de envolver o aluno nas mais diversas situações que envolvem a Cultura Corporal de Movimento.

Entende-se por Cultura Corporal de Movimento:

[...] aquela parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício da motricidade humana - jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais. (BETTI, 2001, p. 156)

Com relação aos esportes, as brincadeiras, as danças, as lutas e as ginásticas, Neira (2011a) afirma que não precisa seguir uma ordem de organização na perspectiva cultural, podendo ser partilhados com os alunos em qualquer etapa, nível ou ciclo de ensino, ocorrendo diversamente conforme vão estabelecendo as relações com o grupo social ou a partir de suas experiências culturais corporais, assim, os envolvidos, vão construindo e reconstruindo fluidamente seu patrimônio corporal.

Para Debortolli, Linhares e Vago (2006), como área do conhecimento escolar, a Educação Física tem o compromisso de garantir o direito de acesso à riqueza dos temas e conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, assumir responsabilidades com intervenções e condições necessárias para uma formação humana pautada em princípios de autonomia e cidadania.

Para Darido (2012, p.52), os conteúdos devem englobar:

[...] conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho, de lazer e de convivência social, valores, convicções e atitudes.

Ayoub (2001, p.57) considera que a criança é quase como sinônimo de movimentar e do brincar, afirmando que quando ela se movimenta e brinca, “ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens”. Ao se “descobrir”, ela se mostra nas múltiplas linguagens do mundo e da sua cultura.

Neira (2006), aponta que quando a criança brinca, joga, cria movimentos, ao mesmo tempo estão se apropriando da cultura na qual estão inseridas, por isso a escola deve oportunizar ambiente social e físico para que a criança se sinta confortável para arriscar-se nos desafios. No entanto, é comum a postura de alguns educadores impor a elas a contenção motora, gerando uma atitude de passividade nas crianças e um clima hostil.

Vejamos que, ao falar do aluno, estamos falando da criança, que nos remete a alguma ação: a criança que fala, que corre, que grita, que dança, que chora, que sorri, que canta e, principalmente, a criança que brinca e em todas essas ações, a criança que sente, e esses aspectos que envolvem a criança devem ser respeitados na escola e principalmente pelos professores, que estão dia a dia em contato com essa criança.

Nesse sentido, para Neira (2006), além de construir situações planejadas para se trabalhar o movimento, é preciso refletir acerca do movimento na rotina diária, incorporando a expressividade e a mobilidade do aluno como algo natural da criança, para que eles possam ser envolvidos nas atividades propostas, sendo necessário, na escola, ter uma proposta pedagógica das atividades motoras integradas ao projeto educacional, respeitando a especificidade da criança.

Darido (2012) acredita que precisa ser superado o hábito do uso só dos conteúdos procedimentais na Educação Física Escolar, que foram os mais trabalhados pelos professores na sua trajetória histórica, não sustentando mais a fragmentação. Para ela, os conteúdos da Educação Física, além de serem preservados e ensinados aos alunos, devem ser passados por reformulações e atender a sociedade atual, objetivando não só buscar a saúde, mas o saber para o lazer e o desenvolvimento da criticidade, envolvendo não só saber fazer.

A autora sugere a diversificação, além dos esportes tradicionais incluírem esportes de aventura aos conteúdos da Educação Física, justificando pelo grande número

dessa prática na sociedade, bem como o seu acesso sendo facilitado pelas diversas camadas sociais.

Existem ainda, outros aspectos que traduzem uma Educação Física Escolar rodeada de exclusões, de uma Educação Física brasileira da época da ditadura, banhada com decretos excludentes, baseada na aptidão física dos alunos e separando meninos e meninas nas aulas (FREIRE, 1997).

Infelizmente, ainda existem práticas na escola decorrentes do passado, conforme relata Darido (2012), em que os professores, muitas vezes, utilizam o prazer dos alunos pelas aulas de Educação Física como punição, ou seja, os alunos bonzinhos em sala de aula e que fazem as tarefas, participam, já os que apresentam um comportamento indesejado pelos professores, são penalizados, não podendo participar.

Vejamos que, ao punir o aluno com as práticas citadas, estamos indiretamente fazendo com que ele deixe de ter contato com os vários aspectos que envolvem os conteúdos da Educação Física e conseqüentemente, da Cultura Corporal de Movimento, além disso, nega um direito garantido pela LDB. Esse tipo de prática, se tivesse bons resultados, provavelmente não teríamos tantos problemas na escola.

Segundo Darido (2012), isso possivelmente acontece pelo fato dos professores desconhecerem o quanto a Educação Física é importante na escola e como parte do Projeto Político Pedagógico, também por não conseguirem trabalhar os limites e autoridade com os alunos, eles têm a concepção de que se o aluno gosta de participar das aulas de Educação Física, essa prática funcionará. Mais uma vez, o professor minimiza a área, tratando-a como um prêmio, não reconhecendo-a como componente curricular obrigatório por lei.

De acordo com Freire (1997), ao negar a infância e a cultura do aluno, exigindo sua mobilidade e o seu silêncio, reforçamos a cegueira do sistema escolar, a escola é uma instituição que deve formar crianças para a sociedade, entendidas como livres, portanto, não se pode conceber uma educação que restrinja a liberdade dos alunos e que negue o direito dele de estar na aula.

O professor, impregnado numa prática arcaica, não percebe que poderia ser o momento de resgatar esse aluno, valorizando ele por outros aspectos, por outras qualidades que ele tem, ao invés disso, o aluno é podado e, quando se fala em educação, Freire (1997, p.14) entende que o corpo, ao ser considerado um estranho, fica difícil solidificá-lo, para ele, é preciso “viver concretamente e corporalmente, as relações

espaciais e temporais de que a cultura infantil é repleta”, só assim o conhecimento tem significado.

Diante de fatos rotineiros como esses, nem sempre os professores de Educação Física entendem o verdadeiro sentido da Cultura Corporal de Movimento e quando ele apresenta esse domínio, existem outras barreiras, de acordo com Darido (2012), percebe-se na escola a resistência por parte dos alunos, na tentativa de professores em querer transmitir significado e sentido em outras dimensões da Cultura Corporal de Movimento, devido à tradição exacerbada do “fazer” nas aulas de Educação Física.

Com relação a esse aspecto, Bracht (2010, p.3), afirma que a Educação Física não pode ser mais pautada apenas nas destrezas físicas e esportivas dos alunos, devendo expandir, assim, o conteúdo da Educação Física deve contemplar “o saber fazer e o saber sobre esse fazer”, levando em consideração que essas duas vertentes devem ser tematizadas historicamente para que o aluno entenda que são conhecimentos que foram construídos pela sociedade ao longo dos anos.

No entanto, muitas instituições privadas e órgãos públicos estão percebendo a necessidade de mudanças com relação aos conteúdos de Educação Física e estão criando propostas curriculares em seus planos educacionais, é o caso da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Paraná, em instituições como o SESI, etc.

Com relação ao Currículo do Estado de São Paulo, para o Ensino Fundamental II e Médio, abarca uma série de conteúdos na Educação Física Escolar que, para Macedo, Russo e Ferreira (2015), apresenta critérios mais claros na organização e seleção dos conteúdos, com mais consistência e sentido, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

Todavia, percebe-se que o Currículo do Estado de São Paulo sugere temas difíceis de serem absorvidos pelo aluno, considerando a realidade das escolas, o número de aulas de Educação Física e o espaço e materiais disponíveis na escola. Pensando também nos outros níveis de ensino, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na SEE/SP (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo), ainda não foi implementado um currículo oficial, apenas orientações, cada professor em sua escola faz o seu plano de ensino e trabalha de acordo com os seus princípios.

Neira (2011a), afirma que nos currículos convencionais existe a preocupação com o ensino técnico de alguns esportes e/ou a memorização de fórmulas para calcular índices de obesidade sem ao menos saber de onde saiu as motivações para que tais

conteúdos ocupassem espaço nesses currículos. Também, ele menciona que os currículos mais conhecidos em nosso país não apresentam em suas propostas a valorização da cultura das práticas corporais indígenas e africanas.

Para ele, a descolonização do currículo disponibiliza uma série de possibilidades diferenciadas numa escola, que favorece a apropriação crítica da cultura corporal pelos alunos, facilitando, entre eles, a coletividade e dialogicidade entre as culturas. Além disso, o currículo cultural da Educação Física, ao se basear nos conteúdos socialmente conhecidos, proporciona mais chances do posicionamento crítico dos alunos com relação à sociedade, a história e a política (NEIRA, 2011a).

O Referencial Curricular do Rio Grande do Sul é organizado em temas estruturadores no sentido transversal, divididos em dois conjuntos. O primeiro conjunto trata das práticas relacionadas com esporte, ginástica, jogo motor, lutas, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto à natureza e atividades aquáticas. Já o segundo, está baseado no estudo das representações sociais que tem relação com a Cultura Corporal de Movimento. E, no sentido longitudinal, conta com uma proposta de progressão, na qual segue uma sequência de competências para cada um dos temas estruturadores adequada a cada ciclo escolar. O currículo também traz um quadro que mostra o percentual previsto para cada tema estruturador nos diferentes ciclos escolares, considerando o peso e a importância dos diferentes temas da Educação Física (MEC, 2017).

De acordo com Martiny, Florêncio e Gomes-da-Silva (2011), ao analisar o referencial curricular do Rio Grande do Sul, constatam que, no âmbito da Educação Física, caminha na direção de ter presença no ambiente escolar com perspectivas organizacionais, objetivado nas relações sociais e na dinâmica cultural, conceber um aluno mais crítico, reflexivo e autônomo, capaz de ressignificar criticamente a sua realidade, porém, para eles, só ocorrerá efetivamente, se os professores da rede estiverem vivenciando, debatendo e reformulando, do contrário pode se transformar apenas em um material didático.

A intenção até aqui neste estudo foi refletir sobre algumas possibilidades que se apresentam hoje ao professor. Somente ele, em sua prática profissional, diante do contexto escolar em que atua, poderá escolher a melhor maneira de conduzir os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento.

No próximo tópico, a preocupação será debruçar os estudos nos conhecimentos relacionados aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais, especialmente as brincadeiras de pular corda, que é o foco central desta pesquisa.

1.5 Jogos e Brincadeiras Tradicionais

Vimos no tópico anterior que, atualmente o jogo está presente na Cultura Corporal de Movimento, sendo assim, ele acompanha o ensino da Educação Física Escolar em suas várias manifestações, muitas vezes utilizado, ora como elemento facilitador de um objetivo específico, ora como próprio objeto de ensino e de aprendizagem.

A Educação Física, considerando o jogo como conteúdo, contribui para sua transmissão de geração para geração e dá base a esse rico patrimônio cultural, no entanto, os alunos devem ser estimulados à compreensão do jogo, os seus significados e seus valores na construção do patrimônio cultural (DARIDO, 2012).

Freire (1997), ao falar de jogo, esclarece que ele não deva ser somente para assimilação sem considerar a realidade, sendo assim, o jogo deve aproximar-se do trabalho, levando em conta o meio ambiente com objetos físicos e sociais e deve ser considerado um instrumento pedagógico para a formação do aluno em sua formação social.

Ao longo de sua trajetória, o jogo pode ser considerado um ícone não só na vida da criança, distintamente, ele acompanha o homem desde os seus primórdios e segundo Huizinga (2014) ele está presente até mesmo antes da cultura humana se reconhecer, até hoje, principalmente no ambiente escolar.

Com relação ao jogo, Elkonin (2009) afirma que “é uma atividade em que se reconstruem, sem fins utilitários diretos, as relações sociais” (p.19), para esse autor, nem toda a reconstrução referente à vida é jogo, para se ganhar sentido deve-se garantir o conteúdo social e humano.

Para Marin e Ribas (2013), o jogo, quando faz parte da vida humana, cria relações do indivíduo com a vida social e pode ser visto como as manifestações culturais que formam a identidade humana, e o conhecimento dessas manifestações contribuem no entendimento de aspectos econômicos, políticos e sociais onde ele acontece.

Huizinga (2007) aborda as características do jogo, considerando como uma atividade livre e não séria diante da vida, o que não deixa de envolver o jogador por

inteiro, não está ligada a interesses que possam envolver lucro e tem seu próprio contexto, seguindo suas próprias regras.

Além disso, o autor afirma que o jogo com sua intensidade e fascinação por quem o absorve não consegue ser explicado biologicamente e esse aspecto torna-se “a própria essência e a característica primordial do jogo” (HUIZINGA, 2007, p.5).

Benjamin (1984) afirma que, como a infância, o jogo, está marcado por toda parte pelas gerações mais velhas, pois o adulto, ao presentear a criança com um brinquedo, impulsiona sua vontade, mesmo que a criança seja livre para negar.

Dependendo da situação, o jogo pode mudar de local ou objetos e pode assumir outros significados, no entanto, o que diferencia um do outro são as suas regras (MARIN E RIBAS, 2003).

Nessa mesma linha de pensamento, Kishimoto (2000) afirma que a definição de jogo expressa vários entendimentos diferentes entre as pessoas e, apesar da mesma nomenclatura, exprime objetivos diferenciados. Uns com regras externas regulando o jogo, como o xadrez, outros predominam o prazer, como um jogo praticado para o lazer, outros, no entanto, é posto como obrigação, fazendo parte da profissão. Já um brinquedo, que na infância constitui a arte de uma brincadeira, como a boneca, outrora, é considerada divindade. Para ela, essas e tantas outras razões, passam a dificultar ainda mais a conceituação de jogo, sendo, muitas vezes, no Brasil, empregada a terminologia “jogo, brinquedo e brincadeira” como se fossem a mesma coisa, devido à pouca exploração da conceituação na área.

Assim, Kishimoto (2000) afirma que a compreensão da terminologia brinquedo se faz fundamental para o entendimento do jogo, para ela, o brinquedo tem uma relação próxima com a criança e não possui um conjunto de regras, estimulando a imitação da vida real, trazendo “uma referencia do tempo da infância do adulto com representações veiculadas pela memória e imaginação” (p. 21), assim, não pode ser minimizado aos vários sentidos do significado de jogo. E na brincadeira, o brinquedo é a sua ferramenta, o objeto que contribui para propagar a imaginação da criança, sendo considerado o ato lúdico, portanto, brinquedo e brincadeira estão intimamente ligados na infância não podendo ser confundidos com a nomenclatura “jogo” que, por sua vez, apresenta sempre uma intenção lúdica do jogador.

Mello (1989) define o jogo como uma atividade voluntária, possuindo traços competitivos e desenvolvidos por regras como a sorte, habilidade física ou mental, aceitas

pelos jogadores, já brincadeiras, ele nomeia como uma categoria mais abrangente, que inclui jogos e outras ações, exemplificando como uma corrida no pátio.

Kishimoto (1993) trata as brincadeiras de rua como jogo tradicional infantil, como parte do folclore, destacando-se pelo seu “anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade”, ou seja:

[...] são provenientes de práticas abandonadas por adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. A tradicionalidade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos e antigos como a Grécia e Oriente, brincaram de amarelinha, de empinar papagaios, jogar pedrinhas, e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Esses jogos foram transmitidos de geração em geração através dos conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil. Muitos jogos preservam sua estrutura inicial, outros modificam-se, recebendo novos conteúdos. A força de tais jogos explica-se pelo poder da expressão oral. Enquanto manifestações espontâneas da cultura popular, nos jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social. (KISHIMOTO, 1993, P.15)

Franchi e Ribas (2017) afirmam que uma característica diferenciada dos jogos tradicionais é que não requer o consumo exacerbado de produtos e objetos como na maioria das manifestações da cultura corporal e/ou lazer, além disso, eles reforçam a importância dos jogos tradicionais nas propostas curriculares de Educação Física, por tratar os costumes e a cultura de uma comunidade, desde que seja de maneira sistematizada e alicerçada cientificamente, com investimento científico e pedagógico do professor.

Mello (1989) considera como uma forma de manifestação lúdica praticada nas ruas, pátios, quintais e terrenos baldios e que possui diferentes denominações de acordo com a localidade onde é praticado.

Ressaltando aqui que quando falamos de jogo, de brinquedo ou da brincadeira com crianças, estamos reportando as várias culturas infantis e, dessa maneira, ao abordar esse assunto, nos remeteremos a Jogos e Brincadeiras Tradicionais, entendendo, nesse momento, a sua valorização enquanto patrimônio histórico cultural.

Fernandes (2004), em seus estudos, considera mais apropriado falar de cultura infantil do que folclore infantil, pelo fato de cultura infantil envolver o momento atual, explicando:

Existe uma cultura infantil – uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual. Esses elementos folclóricos, [...] passaram aos grupos infantis muito

remotamente. Por isso, é interessante examinar esse processo de formação da cultura infantil e ver quais foram as suas conseqüências imediatas, do ponto de vista científico (FERNANDES, 2004, p.246).

Para ele, os elementos da cultura infantil, as crianças adquirem pelas suas integrações, no entanto, se pesquisado mais profundamente, verá que os elementos da cultura vêm da cultura do adulto, através de resquícios de sua cultura adulta e que são passados para a cultura infantil, por um processo de aceitação ao novo grupo, sendo a rua, o local de sua propagação, muitas vezes se modificam na forma como se é praticada, ou no lugar, mas a sua condição social é mantida, assegurando a transmissão tradicional dos elementos da cultura (FERNANDES, 2004).

Segundo Kishimoto (1993), quando falamos da cultura popular no Brasil, nos remetemos ao seu descobrimento e a influência das primeiras colonizações portuguesas nas brincadeiras infantis, juntamente com a cultura africana e indígena, que pelo amplo processo de miscigenação, o folclore brasileiro foi se constituindo e construindo suas características próprias.

Sobre as influências indígenas nos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, Kishimoto (1993) fala do costume de tratar as aves domésticas como bonecas, de caçar passarinhos, brincadeiras nos rios, em bandos, imitação de animais que são as brincadeiras que possuem características próprias do contato com a natureza.

Para Marin e Ribas (2013), a grande diversidade cultural no Brasil são reflexos dos povos indígenas, pois já foram identificados mais de 230 povos, com mais de 172 línguas diferentes e uma grande bagagem nas diversas manifestações culturais, desde as danças, rituais, músicas, jogos e brincadeiras, como em artesanatos e pinturas corporais, o que, para esses autores, são legados culturais importantes para se resgatar e valorizar na sociedade brasileira.

A origem dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais não é tão clara pela literatura, Mello (1989) acredita que possa ter chegado pelos colonizadores portugueses, citando também a cultura lúdica indígena e negra e, em outras regiões, como em São Paulo, influenciadas por culturas mais recentes, como as italianas. Essa miscigenação de culturas parece estar atrelada às diversas nomenclaturas.

De acordo com Marin e Ribas (2013), os portugueses tiveram papel importante na colonização Brasileira e fizeram a organização em grupos, criando as associações portuguesas, procurando preservar as suas tradições, encontrar descendentes e desfrutar de jogos e atividades lúdicas. Destacando os jogos de malha, jogo de mesa sueca e chinquinho.

Kishimoto (1993) afirma que é complexo indicar com clareza a contribuição dos vários povos que foram chegando ao Brasil nos jogos tradicionais que conhecemos hoje, contudo, ela aponta alguns estudos que dá indícios de onde possa ter começado algumas delas.

A influência portuguesa no folclore brasileiro, como as lendas das cucas, bichos-papões foram passadas pelas avós portuguesas aos seus netos brasileiros, também nas literaturas europeias são descritos jogos que ainda vemos na vida das crianças brasileiras, como o pião, a amarelinha, o jogo dos saquinhos, o xadrez, tiro ao alvo, cama de gato, etc. (KHISHIMOTO, 1993).

Marin e Ribas (2013) citam também a participação dos alemães nas manifestações culturais no Brasil, tanto que, ainda hoje, é comum grupo de cantos e danças folclóricas alemãs no país e tradicionais jogos germânicos, como Corona, Minisstock, Eisstocksport, Bolão de Bola presa, Bolão de Mesa e Sprangel, acompanhados de comidas típicas e músicas alemãs.

Já com relação aos descendentes italianos no Brasil, Marin e Ribas (2013) afirmam que o que colaborou para a entrada deles no país, foi a crise social e política que a Itália estava enfrentando ao final do Século XIX, favorecendo a construção do grupo em torno da Igreja Católica, onde, não só aconteciam as Orações, mas também os jogos entre eles, sendo a bocha e o jogo de cartas o mais praticado nessa comunidade.

Com relação à contribuição dos negros no Brasil para os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais, Kishimoto (1993) afirma que não é tão clara quanto as dos portugueses, porque os negros do período colonial se misturavam nos engenhos, nas plantações e minas. Outro fator foi que, com a extinção da escravidão, houve a destruição de documentos, não sabendo, ao certo, quando eles entraram no Brasil. Assim, não se sabe também se as crianças africanas tinham espaço para as suas brincadeiras e conseguiam traduzi-las pela divergência de idiomas, já que a característica dos jogos tradicionais depende muito da oralidade (Kishimoto, 1993).

De frente a essa questão, Kishimoto (1993) buscou informações sobre as crianças que pertenciam ao engenho de açúcar. Ela relata que a infância do menino branco, das casas-grandes, eram sob os olhos da ama negra, auxiliando as mulheres na criação de seus filhos, assim, os filhos homens das negras escravas serviam de sacos de pancadas para os filhos dos homens brancos. Já as meninas escravas, em suas brincadeiras de faz de conta, serviam as meninas brancas com muita obediência. Uma

infância cercada com brincadeiras cruéis e sarcásticas que imitavam a atual situação social no Brasil.

Todavia, esse quadro se limitava aos olhos das sinhás, fora dele, segundo Kishimoto (1993), os meninos negros mostravam suas diversas habilidades motoras e se sobressaiam em cima dos meninos brancos, comandando as brincadeiras e as novas aventuras, uma mistura de convívio entre os negros e brancos durante muito tempo enriquecendo o folclore brasileiro.

No entanto, segundo Kishimoto (1993), os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais no Brasil aparecem mais a partir de 1900, nas ruas de cidades como São Paulo, onde a rua era o lugar deles acontecerem, as crianças brincavam à vontade, conforme os próprios relatos de moradores da cidade: “[...] Esconde, esconde, acusado, pula-sela, jogo de bola na mão, bolinhas de gude, futebol, varinha-tangendo-rodas, pipas, cantigas de roda, bonecas e outras brincadeiras preenchiam o cotidiano de diversos grupos infantis daqueles tempos” (p.81).

Porém, não era para todas as crianças, pois aquelas famílias mais abastadas, não podiam brincar nas ruas, por serem consideradas de “família”, somente os filhos de operários é que desfrutavam desses espaços, contudo, o que era divertido passou a ser visto como um problema. Assim, foram criados a partir de 1935, os parques infantis com a intenção de tirar essas crianças da rua (KISHIMOTO, 1993).

Tem-se notado que as brincadeiras de rua, provenientes da cultura popular, passadas de geração para geração, não é cotidianamente presente na vida de todas as crianças, e nem poderia ser, porque, hoje, segundo Dornelles (2005), não podemos mais tratar a infância como tratada na Modernidade, é necessário entender que em nossa sociedade existe uma infinidade de infâncias, cada uma com as suas particularidades e no fato de tentarmos generalizar uma infância, esquecemos que, na sua diversidade, ela é inventada como resultado de fatos sociais e históricos.

Silva e Sampaio (2011) citam alguns fatores que estão contribuindo na desvinculação das crianças nos Jogos e Brincadeiras Tradicionais nas últimas décadas, entre eles: a especulação imobiliária, valorizando o solo; o aumento de automóveis nas ruas; o crescimento arquitetônico e da população sem planejamento em algumas cidades e a sobrecarga de atividades para as crianças.

Além desses fatores, Bernardes (2008) afirma que a vinda de novas tecnologias da comunicação e da informação está contribuindo para se tornar escasso boa parte dos jogos tradicionais, em especial os jogos eletrônicos. Mello (1989) também aponta que os

brinquedos com recursos tecnológicos não facilitam à criança a sua potencialidade psicomotora.

Corroborando com esses dois autores, estudos mostram que espaços para as brincadeiras de rua, apesar de vivos na memória de idosos da grande São Paulo, não existem mais em decorrência da urbanização e do crescimento da cidade, incentivando a reflexão sobre o processo de urbanização e a apropriação de espaços públicos pelas crianças como uma forma de direito e manter a identidade da cidade (MARCILIO E AULICINO, 2016).

Para Dornelles (2005), as mudanças, não só econômicas, mas sociais, familiares e eletrônicas, juntamente com a disponibilidade de acesso das crianças às informações e ao efeito da globalização, trazem novas maneiras de ser infantil e, ao trabalhar com esses sujeitos infantis, quanto mais conhecimento sobre eles, melhor conduziremos as ações a eles, do contrário, estaremos lidando com “infâncias que a cada momento nos escapa” (p.71).

Com relação às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDCIs)¹, Martins e Castro (2011) afirmam que:

As crianças estão participando ativamente do mundo tecnológico, de uma forma ou de outra, pois este faz parte do contexto social cotidiano e atual delas. Importa saber como estão sendo subjetivadas por esta condição, que práticas sociais vão ser engendradas por este aspecto da realidade contemporânea. A tecnologia pode tanto informar quanto alienar, ou seja, tornar crianças mais sujeitos, ou mais escravos desse instrumento [...]. [...] Esse é o papel da educação, seja escolar ou não, que está nas mãos dos mais velhos: ajudar que essa criação humana possa ter um rumo positivo, guiando os mais novos na construção de uma historicidade entre o presente tecnológico e o passado, de modo que as TIC possam ser inseridas em uma perspectiva humana crítica. (MARTINS E CASTRO, 2011, p.632-633)

Dornelles (2005, p.78), ao falar de crianças que estão ao redor da tecnologia, classifica-as como “cyber-Infância”, são crianças que, muitas vezes, trazem um certo receio ao adulto, provavelmente porque não se tem o controle sobre elas, de não saber como conduzi-las, insistindo na necessidade de pesquisas que aborde as novas tecnologias nas culturas infantis.

¹As TDCIs referem-se a um conjunto de diferentes mídias de informação e comunicação, diferenciando-se das TICs, pela presença dos recursos digitais. [...] TICs caracterizam-se pelo conjunto de recursos tecnológicos, que integrados entre si, permitem a comunicação de diversas formas. Destacam-se pela sua capacidade de representar e transmitir informações através de redes de computadores e meios de comunicação [...] (DUARTE, 2016, p. 56- 64)

Nesse contexto, Vida, Russo e Tezani (2016) apontam que a escola não pode ignorar o aluno contemporâneo, devendo integrá-lo na utilização das TDICs, podendo fazer parte do plano de ensino o uso delas nas aulas de Educação Física, apresentando uma sequência didática que contribua no ensino de Jogos e Brincadeiras Tradicionais e favoreça a apropriação desse conteúdo como um bem sociocultural para o discente contemporâneo.

Segundo Marin e Ribas (2013), na comunidade indígena Kaiagang, localizada no Rio Grande do Sul, são encorajados a participarem de manifestações lúdicas nos conteúdos escolares e o professor também é responsável por desenvolver um projeto de resgate de jogos e brincadeiras com a participação de índios mais velhos da tribo.

Esses mesmos autores, em seus estudos, afirmam que os jogos tradicionais têm tido espaços não só nas aulas de Educação Física, mas de outras disciplinas, recreios e projetos, e que essas manifestações, mesmo que ainda poucas, têm alcançado a comunidade (RIBAS E MARIN, 2013).

A partir desse rico contexto que são os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais, é preciso a mobilização para que ele seja consumido, difundido e revivido em todas as infâncias, não podemos, de forma alguma, deixar os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais caírem no esquecimento, temos que reavivar as brincadeiras de rua e cultivá-las como patrimônio histórico cultural.

1.6 Brincadeiras de pular corda

Entre as brincadeiras tradicionais que fazem parte do Jogo na Cultura Corporal de Movimento, as brincadeiras de pular corda pertencem ao rol de atividades que passaram por diversas gerações, são diversas cantigas que foram criadas nessas brincadeiras, como por exemplo: “Com quantos anos você pretende se casar; Um homem bateu em minha porta; Salada-saladinha; Suco-gelado; Suco-quente; Reloginho; Zerinho; etc.”, e,, que ainda hoje acompanham as culturas infantis e se manifestam de diferentes formas e nas diferentes regiões do país.

São brincadeiras que foram sendo consolidada na Educação Física e, ao valorizá-la,, enquanto patrimônio histórico cultural da infância, estaremos contribuindo para que ela se perpetue nas culturas infantis. Desse modo, a intenção desse tópico é buscar na literatura os aspectos que envolvem as brincadeiras de pular corda, ressaltando estudos que envolvam suas características sociais, psicológicas e motoras das crianças,

importantes para o seu desenvolvimento integral, bem como estimular a sua propagação pelos professores na escola.

Com relação às brincadeiras de pular corda, Friedmann (2011) afirma que dentro do universo lúdico, há antigüísimos rituais utilizados nessas brincadeiras e existem registros por iconografias e pinturas desde a antiguidade e que continuam até os dias de hoje, com variações de uma cultura para outra e brincada por diversos públicos, sendo brincadeiras que envolvem várias habilidades tanto de quem pula a corda quanto de quem bate.

Para Freire (1997, p.86):

A corda é um dos objetos de brinquedo que mais povoam nossas lembranças de infância. Quase todo mundo sabe brincar de várias maneiras com uma corda. A proposta de brincar com corda, dificilmente será estranha ao professor ou às crianças, pois faz parte da nossa cultura.

Além disso, Freire (1997) aponta a necessidade de se trabalhar com diversos materiais na segunda infância, pois é uma fase em que a sociabilidade dela está progredindo e, mesmo que a criança tenha a preocupação com o outro, ela fantasia e dá um novo sentido ao brinquedo.

Segundo Chaparin (1991), a corda tem diversos empregos na vida do ser humano, principalmente para o trabalho, servindo para pescar, para amarrar fardos de alimentos. Por ser fácil de manejar, o contato com as crianças fez surgir diferentes brincadeiras que foram passadas de pais para filhos, dos mais velhos para os mais novos.

Para esta autora, “as brincadeiras de corda são simples, fáceis de praticar e despertam a alegria das crianças”, afirmando que:

A corda assume diferentes significados de acordo com a imaginação da criança. É um desafio que as crianças enfrentam tomando consciência de suas limitações, potencialidades e desenvolvendo a sua criatividade na invenção de novas brincadeiras.

A cantiga que muitas vezes acompanha a prática do pular corda possui um ritmo em sincronia com a cadência da batida da corda. Sua sonoridade é agradável e estimulante, provocando um grande número de repetições. (CHAPARIN, 1991, p.13)

Com relação ao material “corda”, Freire (1997) observou que é mais fácil ensinar o “Zerinho” do que pular corda, afirmando que são atividades que têm muito em comum, porém o aluno ao realizar o “Zerinho” pula a corda mais facilmente.

Ele apresenta, em seus estudos, maneiras de trabalhar com as brincadeiras de pular corda, iniciando com o Zerinho, as quais devem partir do que a criança sabe ou já aprendeu, podendo variar de acordo com a região e classe social, sendo que a orientação para a sequência da fila não deve partir do professor e também não determinando uma ordem, ou quantidade de crianças a passarem, essas condições darão, ao aluno, a oportunidade para a autonomia, serão criadas condições para eles brincarem ou não e, nesse caso, o professor deverá intervir (FREIRE, 1997).

Nesse sentido, Freire (1997) aponta que quando a criança é envolvida em atividades lúdicas, ela se esforça para realizá-las, pelo prazer na atividade, não se importando com as dificuldades encontradas. Para este autor, o professor não deve apresentar uma solução, e sim observar as particularidades de cada criança, sem se apegar a um modelo ideal para todos os alunos.

Além do “Zerinho” tradicional, Freire (1997) apresenta outras maneiras de se brincar, ou seja, “Zerinho para cada batida uma passagem”; “Zerinho mais veloz”; “Zerinho com letras”; “Zerinho com sílabas”, essas duas últimas representam a relação entre a Educação Física e as outras disciplinas; pular corda com orientação de quantas vezes pular e sair, sair pelo mesmo lado, pelo lado oposto e pular girando, deslocando-se ao longo da corda.

Freire (1997) salienta a importância de se valorizar o conhecimento prévio dos alunos, indo em direção do mais simples ao mais complicado, sendo que a função do professor é mediar, intervindo e motivando sempre que precisar, não impondo condições nas quais o aluno fracassará e sim, respeitando o limite de cada um e levando-o a construção de sua autonomia, bem como a valorização da sua cultura.

Chaparin (1991) afirma que nas brincadeiras de pular corda, acontece a inter-relação entre os aspectos cognitivos, motores e afetivos, dando como exemplo o ato da criança entrar para pular a corda. No início, há a fase de tomada de consciência, “informação sobre velocidade, distância, trajetória da corda, altura da ‘batida’”, comparando com suas habilidades motoras e optando pelo momento exato para começar a pular, em seguida, ela faz a análise da sua escolha, se foi a certa ou não, caso seja negativa, acontece a reorganização dessa tomada de consciência, se deu certo, acontece o reforço da ação. Durante toda essa ação em concomitante, os aspectos afetivos são ativados “sensações agradáveis ou não, gerando segurança, prazer, medo, receio, coragem, estímulo, decisão iniciativa, etc.” (p.15).

Considerando os aspectos motores, Bueno (2004), numa análise mais criteriosa, afirma que o pular corda é muito mais complexo do que um simples saltar, para ela, ações como entrar para pular, girar, colocar a mão no chão pulando, pular com um pé, ou com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, engloba “coordenação de membros inferiores, agilidade, ritmo, velocidade de membros e resistência muscular” (p.1), ou seja, a criança precisa adquirir padrões complexos de coordenação motora.

Em seus estudos, Bueno (2004) descreve minuciosamente a ação de pular corda:

[...]o ato de pular corda envolve: (1) mudanças repentinas poli-direcionais durante o curso do movimento; (2) um período de falta de contato com a superfície de suporte, seja repentinamente, como na corrida ou explosivamente como no salto; (3) a estabilização postural, tanto das extremidades superiores quanto das inferiores; (4) deslocamento constante do centro de massa de modo a garantir a manutenção do equilíbrio; (5) antecipação do momento em que a corda se aproxima do solo. (BUENO, 2004, p.26)

E complementa:

O indivíduo realiza seu salto mediante coordenação da sua atividade muscular e da informação da corda captada pelo sistema háptico, como por exemplo, posição e velocidade da mesma. O salto é uma ação balística sutil, controlada, contínua e fluente que impulsiona o corpo em direção vertical, de modo que a altura conseguida seja suficiente para permitir a passagem da corda sob os pés. (BUENO, 2004, p.26)

Para essa autora, ao considerar também o pular corda como uma atividade rítmica, a ação poderá ser feita sob duas condições: com o ritmo que a pessoa consegue executar ou o ritmo induzido externamente (BUENO, 2004).

Pelos estudos citados acima, considerando a área do comportamento motor das crianças, faz sentido trabalhar com as brincadeiras de pular corda na Educação Física não só na Educação Infantil, apresentando ao aluno essa manifestação, mas sim, durante todo o Ensino Fundamental, para que ele possa não só aprender a pular, mas ir ganhando controle da atividade e aperfeiçoando seu movimento.

Entretanto, deve-se tomar certo cuidado ao priorizar práticas excessivas, objetivando aspectos motores, tornando atividades que seriam essenciais para a vida da criança em práticas monótonas, descontextualizadas, gerando desinteresse nas aulas.

Ainda com relação às habilidades motoras nas brincadeiras com corda, Freire (1997) destaca o salto e a regularidade rítmica como as mais necessárias, o que eleva a

exigência na coordenação temporal do aluno. Ele afirma que a repetição dos saltos melhora a resistência e a força da criança para essa atividade.

Camilo (2012), a partir da sua experiência como docente, afirma que a prática de pular corda une o lúdico, a coordenação motora, o ritmo e a cooperação entre os alunos, possibilitando variações, tornando atrativo o desenvolvimento desse conteúdo nos anos iniciais da Educação Básica.

Em seus estudos, Camilo (2012), ao constatar a falta de motivação por parte dos alunos nas brincadeiras de pular corda, por diversos motivos, propôs a eles uma situação de aprendizagem em que envolvia formas diferenciadas de pular corda envolvendo a cultura midiática.

O percurso metodológico do trabalho de Camilo (2012) teve quatro grandes momentos, sendo que, na primeira parte, foi diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre as brincadeiras com corda, na segunda, a intenção era aumentar o repertório dos alunos através de pesquisas realizadas na internet, já no terceiro momento, os alunos vivenciaram novas formas de brincar com a corda e também realizaram o registro em forma de vídeo e fotografia, finalizando a situação de aprendizagem com a produção de uma vídeo-aula para ensinar uma modalidade de pular corda a cada grupo de alunos para um público fictício, a intencionalidade seria a de estimular os alunos a lidarem com a linguagem audiovisual.

Um trabalho um tanto ousado pensando na escola pública e os recursos tecnológicos disponíveis, todavia, isso, em nenhum momento foi colocado em discussão e nem como empecilho para desenvolvimento de sua pesquisa, a situação didática concluiu-se positivamente, resultando em uma aprendizagem significativa, baseada na valorização do aluno e seus interesses.

Estácio (2011), fala da relação de gênero nas brincadeiras de corda, ao estudar a criança e o brincar, ele relatou que, por um longo período, não era muito comum ver os meninos brincarem de pular corda, que ela está mais intimamente ligada às meninas, mas, no decorrer do tempo, esse estigma foi mudando, tanto para as meninas como para os meninos, é considerado um brinquedo que traz a lembrança da infância com diferentes maneiras de se pular.

É possível evidenciar a corda também como elemento facilitador de atividades circenses na Educação Física, atualmente alguns autores como Duprat e Bortoleto (2007) trazem discussões que envolvem a pedagogia de atividades circenses na escola, especificamente na Educação Física.

Na Holanda, a brincadeira de pular corda entre as crianças fez surgir um esporte que envolve essa habilidade, o Double Dutch, como é difundido, segundo a Confederação Brasileira de Double Dutch e Rope Skipping (CBDDRS, 2017) é praticado há anos por holandeses e, posteriormente, os norte-americanos passaram a consumir esse esporte, sendo que foi na periferia de Nova York que começou o processo de estruturação por David Walker para se chegar ao esporte como é hoje.

Sinteticamente, o objetivo do Double Dutch é pular duas cordas simultaneamente, em grupos de no mínimo três participantes e não tendo limite de pessoas, com exceção em campeonatos que dependerá das regras estipuladas, com uso de cordas de polipropileno em campeonatos mundiais, de comprimento variado e espessura de 8 a 12 mm (CBDDRS, 2017).

A partir desse esporte, foram surgindo outras modalidades, como o Jump Rope, o Rope Skipping, que permite pular corda de diferentes maneiras, tendo provas individuais e em grupo (CBDDRS, 2017).

Para Sato (2002), o Rope Skipping foi criado em 1969, nos Estados Unidos, pelo professor Richard Cendali, na época ele era jogador de futebol americano e devido ao longo período de treino utilizando a corda, a rotina e a repetição fizeram com que Richard trabalhasse manejos ludicamente ao saltar a corda.

O Rope Skipping ficou conhecido rapidamente em outros países, o que fez deixar de ser uma prática recreativa para se tornar um esporte. Sato (2002) esclarece também que apesar do Double Dutch estar contido na prática do Hope Skipping, em diversos momentos da história, seus caminhos foram traçados diferentemente.

Quando ele é praticado individualmente, valoriza-se a velocidade do movimento e dossaltos precisos, já na prática de grupo, a coordenação e a sincronização entre a equipe que é levada em consideração (SATO, 2002).

Sato (2002) afirma que por ele ser um esporte visualmente atrativo, com seus elementos acrobáticos na corda e apenas um pedaço de corda, passa ser um esporte acessível para sua prática.

Contudo, os poucos estudos sobre as brincadeiras de pular corda, apesar de relevantes, ainda necessitam de estudos mais aprofundados sobre a aprendizagem das brincadeiras de pular corda, levando em consideração, além de todos os aspectos já relacionados, a valorização dela como patrimônio histórico cultural na infância.

É nesse contexto que, ao trabalhar as brincadeiras de pular corda numa perspectiva cultural da Educação Física, estará restabelecendo um diálogo não só com os

atores envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, mas estaremos ressaltando a cultura de nossos antepassados e, a partir delas e com elas, as crianças possam compreendê-la como um ganho cultural para a sua infância, desde que criemos espaço para não só conhecer, mas criar e recriar sua própria cultura.

Nesse sentido, Neira (2011b) afirma que ao colocar o currículo cultural da Educação Física em prática, “significa abrir mão do estabelecimento de valores a partir de princípios conservadores e hegemônicos” (p.192), a dinâmica da educação multicultural, quando orientada, explicita e confronta vontades, desestabilizando quem está acondicionada nas suas verdades, pois existem vários caminhos a seguir, bastando abrir o diálogo a todos.

Além disso, Pasqualini (2006), afirma, em seus estudos de Vigotski, sobre o método de investigação do psiquismo, a necessidade da mediação do educador na apropriação do patrimônio cultural humano pela criança, pois ela, por si só, e o objeto sem a contextualização poderá haver a impossibilidade de realização dessa apropriação, para tanto, a real necessidade do professor é concebê-la e propagá-la a seus alunos,

Isso leva a crer que o conhecimento da história, da memória e da realidade alicerçada pelo professor, dá o equilíbrio ao ensino dessas brincadeiras em função da conservação e propagação dessa brincadeira tão antiga, porém, tão rica nos seus vários aspectos e a criança leva consigo no sentido de fazer parte de sua vida.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Nesse capítulo será abordada a metodologia deste estudo, apresentando os pressupostos metodológicos da pesquisa, os participantes que fizeram parte dela, as estratégias e procedimentos para a coleta de dados, bem como os instrumentos e técnicas utilizados, finalizando com a apresentação dos procedimentos para as análises dos dados coletados, tão necessários para a busca dos resultados pesquisados.

2.1. Delineamento da pesquisa

A metodologia adotada para este estudo é a abordagem qualitativa. Sampieri, Collado e Lucio (2013), afirmam que esse tipo de pesquisa pretende compreender os fenômenos que são explorados a partir do olhar dos participantes em um ambiente contextualizado, sendo recomendável quando o assunto em estudo foi pouco explorado.

Segundo Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é interpretativa e holística, pois permite aos pesquisadores interpretar os dados que enxergam, ouvem ou entendem, não distinguindo de suas origens, histórias e/ou contextos, posteriormente, são interpretadas por outros leitores, podendo fornecer outros entendimentos do estudo.

Sampieri, Collado e Lucio (2013) recomendam a utilização do modelo de pesquisa a ser utilizado, podendo programar um ou mais modelos de pesquisa, para tanto “[...] traça-se um plano de ação no campo para coletar as informações, e estabelece-se uma estratégia de abordagem do fenômeno, evento, comunidade ou situação a ser estudada” p. 154.

Dessa maneira, foi optado pelo modelo transversal exploratório, que Sampieri, Collado e Lucio (2013), consideram como uma exploração inicial em um momento específico.

2.2. Universo da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada num município localizado no Centro-Oeste Paulista, possuindo, em sua estrutura educacional, um total de 44 escolas de Ensino Fundamental/Anos iniciais, sendo 28 estaduais e 16 municipais, todas essas escolas

possuem professores especialistas para ministrarem as aulas de Educação Física Escolar.

Essas escolas normalmente recebem alunos que têm entre cinco e seis anos e que tiveram acesso à Educação Infantil gratuita, todavia, esta modalidade de ensino é mantida exclusivamente pela Secretaria Municipal da Educação e que, conforme a sua proposta, não possui professores especialistas na área de Educação Física Escolar na Educação Infantil, somente professores pedagogos para trabalhar a área do movimento.

Nas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental/Anos iniciais, os alunos de primeiro ano, atualmente, possuem três aulas semanais de Educação Física em sua grade curricular, já nos outros anos dessas escolas, apenas uma aula e nas escolas estaduais são duas aulas que fazem parte da grade curricular. Já nas escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental/Anos Iniciais, todos os anos têm duas aulas de Educação Física na grade curricular.

Para melhor compreensão do percurso metodológico, serão retomados os objetivos da pesquisa, sendo que o objetivo geral foi analisar e disseminar as brincadeiras de pular corda na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental/Anos Iniciais.

Dividido em três objetivos específicos, o primeiro foi analisar as percepções dos professores de Educação Física com relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental/Anos Iniciais, ao introduzir as brincadeiras de pular corda, bem como, evidenciar o processo de ensino e de aprendizagem desses professores ao ensinar essas brincadeiras.

No segundo, constatar como foram as brincadeiras de pular corda na infância dos avós que possuem vínculo com os alunos do 1º ano e 2º ano de uma escola estadual de um município do interior do estado de São Paulo, procurando verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento ao longo dos anos.

E o terceiro, como produto final desta pesquisa, elaborar um vídeo, contendo a história de vida dos avós participantes sobre suas brincadeiras de infância, depoimentos de professores, de como eles percebem os alunos ingressantes e suas brincadeiras e, com orientações pedagógicas do processo de ensino e de aprendizagem das brincadeiras de pular corda, valorizando a cultura evidenciada pelos avós e as contribuições dos professores, por se tratar de um instrumento de grande valia ao programa, terá um capítulo especial para sua abordagem.

O local escolhido para contemplar o objetivo geral foi uma cidade no interior do estado de São Paulo, no entanto, para contemplar o segundo objetivo específico, foi

escolhida uma escola pública estadual de anos iniciais, localizada na região oeste dessa cidade, funcionando desde o ano de 1947, atendendo, inicialmente, o Ensino Fundamental/Anos Iniciais e os Anos Finais e, a partir de 1996, com a reestruturação escolar, passou a atender apenas os alunos do Ensino Fundamental/Anos Iniciais. Atualmente, essa escola possui 20 salas, com aproximadamente 500 alunos de média e baixa renda, divididos em 02 (dois) turnos. O público dessa escola é formado por moradores do bairro, além de moradores da região central do município e outros bairros próximos.

2.3. Participantes da pesquisa

Participaram da primeira etapa da pesquisa, para contemplar o primeiro objetivo específico, treze professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dentre os quais, sete fazem parte das escolas públicas estaduais e os outros seis, das municipais, abrangendo as duas esferas organizacionais da educação pública.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, nas quais, esses professores estão identificados com nomes fictícios, ressaltando que os nomes escolhidos para representar os professores entrevistados foram nomes de atletas medalhistas das olimpíadas do Rio de Janeiro/2016 e duas atletas que participaram das paraolimpíadas, disponíveis para consulta no Apêndice 02, bem como o roteiro para a entrevista (Apêndice 01). Também estará em anexo para consulta no Apêndice 03, o quadro do perfil e da identificação dos Professores entrevistados.

Com relação aos sujeitos participantes da segunda etapa da pesquisa e, procurando atender o segundo objetivo específico, participaram 31 avós que apresentavam vínculo com os alunos do 1º e do 2º ano do período da manhã dessa escola, estes também receberam nomes fictícios, homenageando os senhores e as senhoras do livro da Ecléa Bosi, Memória e Sociedade: lembrança dos velhos e os meus avós. No entanto, cabe esclarecer que foi recebido um total de 60 questionários, selecionando trinta e um (31) questionários dos avós que possuíssem acima de 50 anos para análises.

É importante ressaltar que tanto o Projeto de Pesquisa, como os Termos Consentimento de Livre e Esclarecidos para os professores e para os avós (Apêndice A e B), passaram pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista –

Júlio Mesquita Filho – Faculdades de Ciência – Campus de Bauru, sendo aprovado pelo parecer número 1.930.799 disponível no Apêndice F, o que garantiu aos participantes o sigilo de sua identidade e também a sua desistência a qualquer momento da pesquisa.

2.4. Técnica de coleta

A técnica de coleta de dados foi planejada cautelosamente com o intuito de alcançar o objetivo desejado na pesquisa com sucesso, dessa maneira, para atingir o primeiro objetivo específico, analisar as percepções dos professores de Educação Física com relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental/Anos Iniciais, de um município do estado de São Paulo, ao introduzir as brincadeiras de pular corda, bem como evidenciar o processo de ensino e de aprendizagem desses professores ao ensinar essas brincadeiras, optamos, como instrumento de coleta, a entrevista semiestruturada com os professores de Educação Física, por oferecer maior possibilidade de contato pessoal com os sujeitos estudados.

Conforme afirmam Lüdke e André (2012), a entrevista apresenta vantagens sobre outras técnicas, pois concede a captação da informação desejada, permitindo correções imediatas e esclarecimentos, no caso da entrevista semiestruturada, permite ao entrevistador adaptações e flexibilidade em sua entrevista.

Rosa e Arnoldi (2008), ao analisar a “Entrevista” como uma técnica de coleta de dados, esclarecem:

[...] não se trata de um simples diálogo, mas sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa. (ROSA E ARNOLDI, 2008, p.17)

A confiança é um ponto crucial na validação dos dados que, a partir do momento que ocorre entre o pesquisador e o entrevistado, começa-se a instaurar confidências que, muitas vezes, são pouco relatadas pelo entrevistado. Já em outras circunstâncias, quando não se alcança essa inter-relação e o entrevistado mantém sua privacidade, pode-se levar ao insucesso da entrevista (ROSA E ARNOLDI, 2008).

Além do clima de confiança que se deve conquistar, Sampieri, Collado e Lucio (2013), salientam a importância do desenvolvimento de empatia com o entrevistado, bem como, evitar a indução de respostas e elementos que possam distrair, como por exemplo,

toques de telefone, barulhos em geral, fumaça de cigarro e etc., a entrevista deve fluir sem interrupções, conduzindo com cautela.

Outro fator que pode ser válido no início da entrevista é deixar o entrevistado ciente do objetivo do estudo e a sua finalidade, desde que não interfira nas respostas (SAMPIERI, COLLADO E LUCIO, 2013).

De acordo com Rosa e Arnoldi (2008), na entrevista semiestruturada, as questões são mais subjetivas, acompanhado por um roteiro flexível que dependerá da dinâmica da entrevista, de maneira natural.

Dessa maneira, procurou-se sempre oferecer um ambiente ao entrevistado no qual ele sentisse maior confiança, assim nos primeiros contatos, o entrevistado ficava muito à vontade para escolher o local da entrevista. Como procedimento padronizado a todos os entrevistados, foi apresentado o roteiro antes do início de cada entrevista, entendendo que isso não iria interferir diretamente nas respostas coletadas.

Complementando, Sampieri, Collado e Lucio (2013) afirmam que esse tipo de entrevista dá a liberdade de colocar mais perguntas para conseguir ter mais dados sobre o que se deseja com mais precisão, nesse sentido, conforme a necessidade e a singularidade de cada entrevista, foram feitos os devidos ajustes, para se alcançar os objetivos propostos.

A entrevista semiestruturada continha 13 perguntas, que abordavam questões com relação a como o grupo de professores de Educação Física trabalham os conteúdos Jogos e Brincadeiras Tradicionais nos anos iniciais; a percepção desses professores ao ensinar as brincadeiras com corda para os alunos e o processo de ensino aprendizagem dessas brincadeiras.

É importante salientar que a aproximação desses professores se deu por intermédio de convites, feitos pessoalmente ou por telefone, sendo que eles participam de formações continuadas a cerca de três anos juntos, oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, com reuniões presenciais periódicas, utilizando como critério para escolha, professores que trabalham no Ensino Fundamental/Anos Iniciais.

Já para atender o segundo objetivo desta pesquisa, que foi constatar como foram as brincadeiras de pular corda na infância dos avós que possuem vínculo com os alunos do 1º e 2º anos de uma escola estadual da mesma cidade, procurando verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento, ao longo dos anos foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário aos avós que tinham vínculo com os alunos do 1º ano A e 2º ano B.

A primeira intenção nossa de coleta com os avós seria entrevista, que também já ficaria o material para compor o vídeo, no entanto, a escola começou uma grande reforma e não dispúnhamos de locais para acolher esses avós para a entrevista.

Assim, a escolha da utilização do questionário nessa segunda etapa da pesquisa, se deu após uma reunião realizada com os pais das crianças do 1º e 2º anos da escola, a intenção desse encontro foi justamente pesquisar a viabilidade para conseguir falar com os avós das crianças. Nessa reunião, percebeu-se que muitos não moravam próximos da escola e mesmo que arrumássemos uma sala para acolhê-los, teriam dificuldade para se deslocarem. Outro fator é que se fossemos até eles, que seria outra possibilidade, levaríamos muito tempo para as entrevistas e não conseguiríamos conversar com muitos avós para a pesquisa.

Um terceiro ponto considerado pela opção do questionário, foi para conseguir contemplar a terceira fase, a produção do vídeo, pois precisaríamos selecionar os avós que se encaixassem na idade, ou seja, de 50 anos ou mais para participar e que tivessem disponibilidade para as filmagens, o que com os questionários em mãos, facilitou o processo.

Para Sampieri, Collado e Lucio (2013), a triangulação de métodos de coleta de dados pode ser uma opção vantajosa na pesquisa, pois, na análise qualitativa, “[...] os dados podem oferecer uma maior riqueza, amplitude e profundidade se estas vierem de diferentes atores do processo, de várias fontes e quando as formas de coletá-los são mais variadas” (p.446).

Os questionários, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) seguiram via aluno em um envelope lacrado, com uma carta explicando a finalidade do questionário e a sua importância na participação. Cada criança podia levar a quantidade de questionários que coincidia com o numero de avós que possuíam, dessa maneira, teve criança que levou quatro e outras, apenas um, porém, nem todas as crianças trouxeram os questionários preenchidos.

Sampieri, Collado e Lucio (2013) esclarecem que o questionário é um dos instrumentos mais utilizados, podendo conter perguntas abertas ou fechadas, ou ambas, conforme o objetivo a ser alcançado e a necessidade de cada pesquisa. Para eles, independente da escolha, o questionário deve conter perguntas claras, precisas e compreensíveis para as pessoas pesquisadas.

Com relação ao tamanho da pergunta, Sampieri, Collado e Lucio (2013) explicitam que as perguntas longas deixam os entrevistados entediados e podem

descontraí-lo, preferencialmente vocabulário simples, numa linguagem familiarizada e sem induzir a resposta dos sujeitos pesquisados.

Desse modo, nesta pesquisa, o questionário enviado aos avós continha sete perguntas, sendo cinco abertas e duas fechadas. A intenção foi investigar como eram as brincadeiras de infância desses avós, se brincavam de pular corda e onde brincavam com essas brincadeiras em suas infâncias, posteriormente, nas análises, foi comparada com as respostas das entrevistas aos professores, tentando identificar e apontar as transformações das brincadeiras de corda na infância.

Conforme já informado em parágrafo anterior, os alunos tiveram a liberdade de levar quantos questionários necessários para suas casas, dessa maneira, foram distribuídos 60 questionários para os alunos e retornaram 36 respondidos para a escola, em 31 dos respondidos, os avós tinham 50 anos ou mais.

Mertens (2005) apud Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.255) afirmam que são favoráveis para a pesquisa se forem devolvidos mais de 50% dos questionários, nesse caso, o retorno dos questionários pôde ser considerado satisfatório.

Todos os dados coletados nas entrevistas e nos questionários foram acompanhados sistematicamente para a análise dos dados, a qual será descrita no próximo tópico.

2.5. Procedimentos para a análise dos dados

Segundo Rosa e Arnoldi (2008), esse momento é o foco central da pesquisa, será o afunilamento com base nas teorias, no qual buscará regularidades e divergências dos dados coletados, focando o problema investigado e os objetivos envolvidos. Para eles, nessa etapa:

[...] há a busca de uma apreensão profunda de significados nas falas, nos comportamentos, nos sentimentos, nas expressões, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados para a abordagem conceitual do entrevistador, trazendo à tona, por intermédio da fala, do relato oral, uma sistematização baseada na qualidade. (ROSA E ARNOLDI, 2008, p.67)

Para Sampieri, Collado e Lucio (2013) ao receber os dados não estruturados na coleta, damos sequência ao processo estruturando as informações de acordo com as circunstâncias e natureza da pesquisa, observando cuidadosamente alguns pontos:

[...] Conseguir esses propósitos é um trabalho paulatino. Para satisfazê-lo, devemos organizar e avaliar uma grande quantidade de dados coletados (gerados), para que as interpretações decorrentes do processo sejam direcionadas para a formulação do problema. Uma fonte de dados importantíssima que é adicionada à análise, são impressões, percepções, sentimentos e experiências do pesquisador ou pesquisadores [...]

[...] A análise é um processo eclético (que concilia diversos pontos de vista) e sistemático, mas não é rígido, nem mecânico [...]

[...] É um caminho com direção, mas não em “linha reta”, nos movemos continuamente “daqui para lá”; vamos e retornamos dos primeiros dados coletados para os últimos, interpretamos e damos significado a eles, e isso ajuda a ampliar a base de dados quando for necessário, até que construímos um significado para todos os dados (SAMPLIERI, COLLADO E LUCIO, 2013, p.447-448)

Nesse contexto, foi feita a análise, primeiramente, das entrevistas com os professores, porque era o que já tínhamos em mãos e, posteriormente, a leitura e a análise dos questionários dos avós, na sequência, para facilitar a estruturação, a triangulação da coleta, evidenciamos os seguintes pontos de análises e dividimos em categorias:

- O ensino dos Jogos e das Brincadeiras Tradicionais na Educação Física Escolar:
- As brincadeiras de pular corda na infância e na escola
 - Percepção dos professores de Educação Física às crianças ingressantes no Ensino Fundamental sobre as brincadeiras de pular corda;
 - O processo de ensino aprendizagem dos professores;
- A relação dos avós com as brincadeiras de pular corda em suas infâncias.

Para se chegar a essas categorias, partiu-se das leituras do conteúdo das entrevistas, com a revisão da literatura estudada e baseada nos dois primeiros objetivos específicos.

A estruturação da primeira categoria foi com o propósito de elucidar as questões relacionadas aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais no ensino da Educação Física pelos professores participantes, assim, analisamos as perguntas de números 1, 7 e 11 das entrevistas que abordavam esse assunto, destacando pontos principais como a relação da formação inicial e continuada do professor com a escolha dos conteúdos no planejamento.

Já a segunda categoria adentrou, especificamente, no primeiro objetivo específico, procurando analisar as percepções desses professores com relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental/Anos Iniciais, ao introduzir

as brincadeiras de pular corda, bem como evidenciar o processo de ensino e de aprendizagem dos mesmos nas brincadeiras de pular corda, assim, a atenção foi voltada para as análises das perguntas 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 12 que tratava das brincadeiras de pular corda.

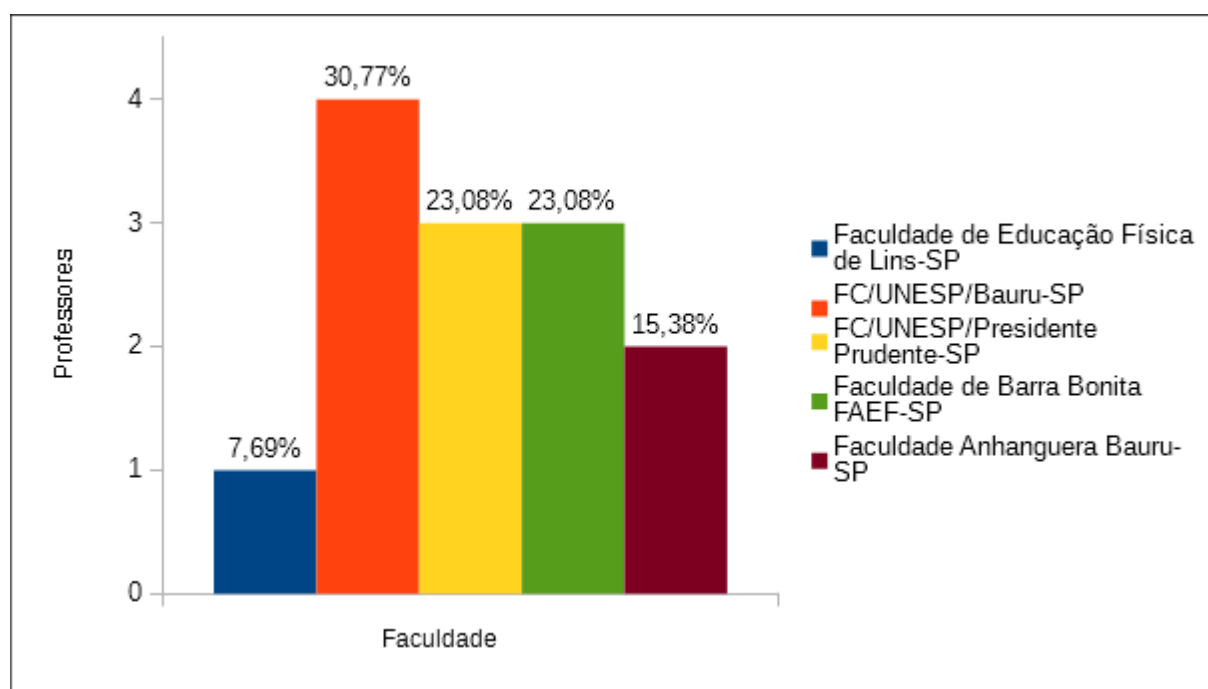
Na terceira categoria, estabelecemos vínculo com os questionários coletados com a intenção de investigar como se deu o processo de aprendizagem desses avós nas brincadeiras de pular corda e, posteriormente, estabelecemos uma conexão com as análises das entrevistas, apontando se tiveram transformações dessas brincadeiras, as quais discutimos no terceiro capítulo à luz da revisão de literatura:

CAPÍTULO 3

JOGOS E BRINCADEIRAS DE PULAR CORDA: O QUE NOS DIZEM OS PROFESSORES E O AVÓS

Este trabalho teve duas coletas de dados: a entrevista com os professores de Educação Física e o questionário para os avós das crianças do 1º e 2º anos. É apresentado a seguir, análise do perfil dos grupos, tanto dos professores, quanto dos avós que participaram da coleta.

Gráfico1: Formação de professores



Fonte: Elaborado pela autora a partir do quadro do perfil dos professores no Apêndice J, 2017.

Com relação à formação inicial dos professores, de acordo com Gráfico1, 53,85% dos professores, representando um pouco mais que a metade, são formados em faculdades públicas do Estado de São Paulo e 46,15% em faculdades particulares.

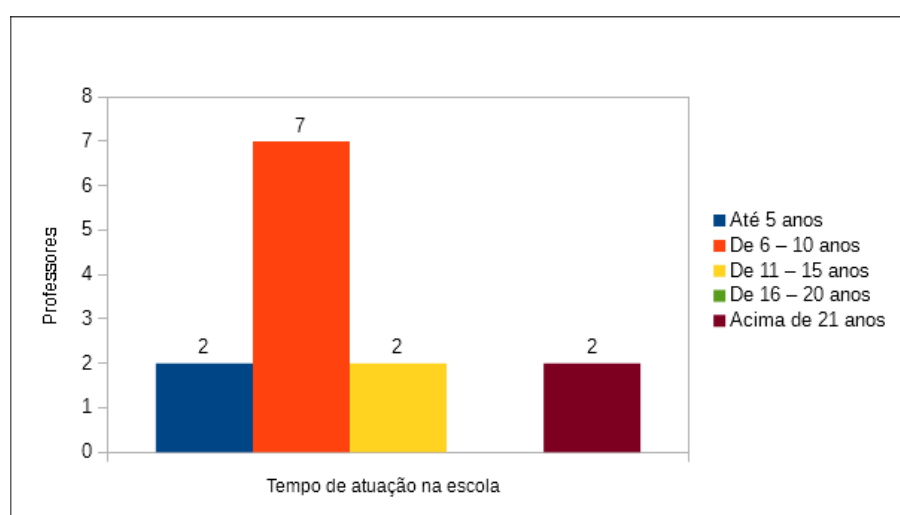
Dos sete (7) professores entrevistados que cursaram faculdades públicas, quatro (4) professores fizeram pós- graduação, sendo que duas (2) fizeram mestrado profissional e um (1) cursou doutorado. Já com relação aos outros três (3) professores que ainda não

fizeram pós graduação, um deles vai iniciar o mestrado profissional e o outro iniciou o Redefor, porém, não concluiu.

Já dos seis (6) professores entrevistados que cursaram faculdades particulares, três (3) fizeram especialização na área, dentre eles, uma iniciará o Programa de Mestrado. Dos outros três que não fizeram pós- graduação, um deles também iniciará o Mestrado.

Em síntese, podemos constatar nas análises do perfil desses professores, que apenas 30,76%, representando dois (2) professores de faculdades públicas e dois (2) de particulares, não tiveram ainda a oportunidade de prosseguir em nível de pós-graduação.

Gráfico 2: Experiência profissional dos professores



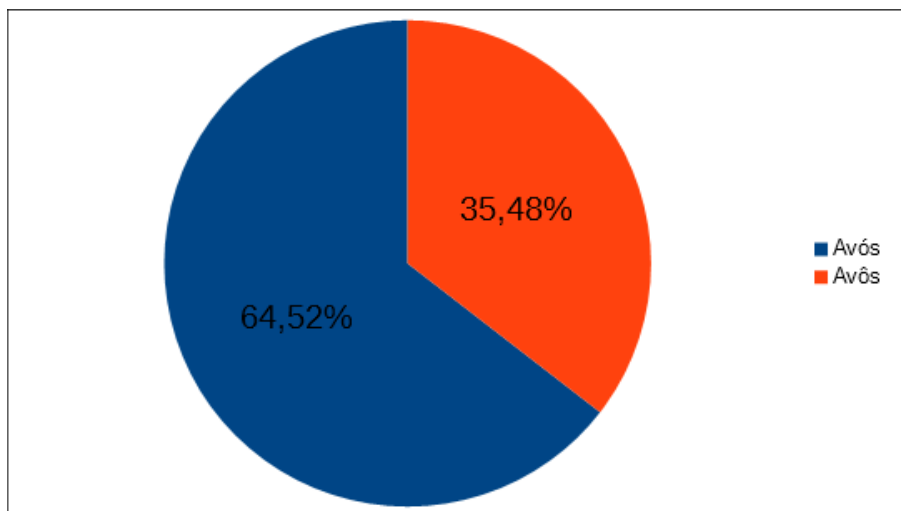
Fonte: Elaborado pela autora a partir do quadro do perfil dos professores em Apêndice J, 2017.

Com relação à experiência profissional dos professores entrevistados, no Gráfico 2 podemos observar que dois (2) professores possuem até cinco anos de atuação em escolas, sete (7) têm entre seis e dez anos de experiência escolar, dois (2) estão entre onze e quinze anos e outros dois (2) têm acima de vinte e um anos de atuação. O que representa que mais da metade desses professores, ou seja, 53,85% têm acima de cinco anos de experiência profissional nas escolas.

Podemos considerar, de acordo com a análise do Gráfico 2 e o Apêndice J, que a maioria dos professores são experientes, pois os dois professores que possuem menos de seis anos de experiência na escola trabalham há quatro anos em escolas e já passaram por estágios probatórios.

Agora, com relação ao perfil dos avôs que fizeram parte da pesquisa, como já descrito anteriormente, todos possuem vínculo com os alunos do primeiro e segundo ano, possuindo acima de 50 anos de idade, totalizando trinta e um (31) questionários.

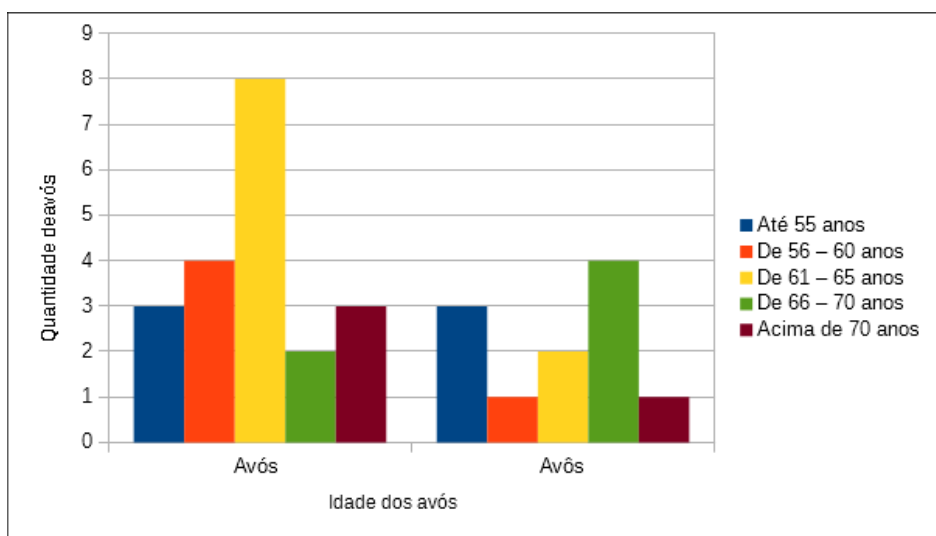
Gráfico 3: Percentual de avôs e avós participantes



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários, 2017.

Desta maneira, o Gráfico 3 mostra o percentual de avôs e avós que responderam os questionários e que possuem acima de 50 anos. Desses trinta e um avôs (31), onze (11) são do sexo masculino, correspondendo a 35,48% de avôs e vinte (20) participantes são mulheres, representando 64,52 % de avós.

Gráfico 4: Idade dos avôs



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários, 2017.

Com relação à idade dos avós, o Gráfico 4 mostra que seis (6) avós possuem até 55 anos de idade e mais seis (6) estão entre 66 e 70 anos, cinco (5) avós possuem entre os 56 e 60 anos e apenas quatro (4) avós têm acima de 70 anos, prevalecendo dez (10) avós, que estão com a idade entre 61 e 65 anos.

De acordo com o Gráfico 4, observa-se que das avós participantes, a maioria tem entre 61 e 65 anos, já os avôs que participaram da pesquisa, a maioria possui entre 66 e 70 anos.

Dando continuidade à apresentação e às primeiras análises dos dados, a pesquisa foi dividida em três tópicos. No tópico 3.1 denominado **“O ensino dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais na Educação Física Escolar”** serão apresentados a análise dos dados coletados pelas entrevistas com os professores de Educação Física no que se refere aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais no contexto de suas aulas, identificando como eles costumam trabalhar com esse conteúdo, também verificar se na escolha dos conteúdos Jogos e Brincadeiras Tradicionais e conteúdos de outra natureza houve a interferência da formação inicial e continuada.

No tópico 3.2 recebendo a nomenclatura de **“As brincadeiras de pular corda na infância e na escola”** serão tratadas especificamente as brincadeiras de pular corda, visto que é o objeto de estudo específico desta pesquisa e que também foi coletada pelas entrevistas com os professores de Educação Física.

Finalizando a apresentação e a análise dos dados, no tópico 3.3, **“A relação dos avós com as brincadeiras de pular corda em suas infâncias”**, a pesquisa adentrará nos questionários, no universo da infância dos avós dessas crianças, procurando analisar o passado dessas pessoas, a fim de entender como foram as brincadeiras de pular corda em suas infâncias e se existe uma relação de como apresentar, atualmente, pelas crianças.

3.1 O ensino dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais na Educação Física Escolar

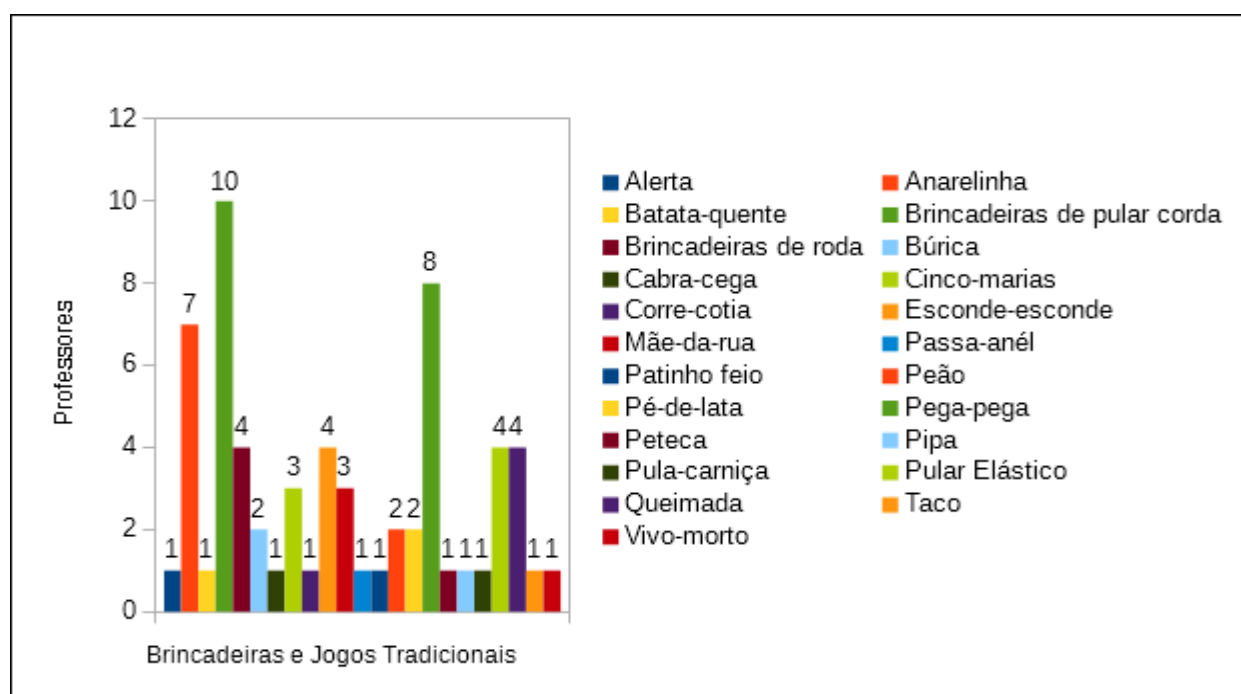
Nesse tópico, a intenção foi desvelar como os professores de Educação Física têm trabalhado os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais no seu dia a dia, quais eles conhecem, qual a relação no seu planejamento e na sua formação.

Dessa maneira, ao indagar os professores de Educação Física sobre o conteúdo Jogos e Brincadeiras Tradicionais, o intuito a princípio era saber se as brincadeiras de

pular corda faziam parte do processo de ensino e de aprendizagem desses professores, conseqüentemente saber como esse conteúdo estava sendo propagado na escola. Procurou-se investigar quais eles passavam para os alunos, em quais anos, se continha no seu planejamento anual e também o reflexo da sua formação na escolha dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais. .

Assim, nas análises das transcrições das entrevistas, os treze professores participantes afirmaram que trabalham com Jogos e Brincadeiras Tradicionais nos anos iniciais, eles citaram várias atividades que dão aos seus alunos, aparecendo vinte e uma (21) brincadeiras tradicionais diferentes em suas falas, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5: Jogos e Brincadeiras Tradicionais citados pelos professores de EF



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Analisando o Gráfico 5, ao considerar os Jogos e Brincadeiras Tradicionais que os professores trabalham, observa-se que as mais citadas foram as brincadeiras de pular corda (10), pega- pega (8) e amarelinha (7), no entanto, mais da metade das brincadeiras foram citadas apenas por um ou dois professores. O fato dessas três brincadeiras aparecerem mais vezes pode ser por serem as mais rotineiras no dia a dia deles, lembrando-se com facilidade dessas brincadeiras no momento da entrevista.

Dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais contidos no Gráfico 5, o nome de todos foram colocados, conservando a oralidade do professor, já que, de acordo com Kishimoto (1993), a transmissão oral desses jogos é uma característica fundamental para a sua

propagação, pois são experiências transmitidas na espontaneidade e permitem alterações e a criação de novos jogos. Observa-se nesse gráfico, por exemplo, a brincadeira da Búrica, que outros conhecem por bolinha de gude, ou o jogo de Taco, que em outras regiões são chamadas de Bets ou Bétia e nenhuma dessas maneiras de serem conceituadas pode-se dizer que é errada ou simplesmente generalizar a brincadeira, os educadores devem conservar seja ela como o aluno conhece, ou como vai ser transmitida a eles, o importante é que fique claro para os alunos que pode haver vários nomes em um jogo ou brincadeira tradicional, mas que a essência é a mesma.

Dentre os professores entrevistados, a Prof.^a Agatha disse que os alunos gostam muito de alguns Jogos e Brincadeiras Tradicionais, contudo mesmo ela não tendo tanta experiência em algumas, ela fazia com eles, conforme sua fala: “[...] O elástico eu já tentei trabalhar também, mas eu mesma não brincava muito, mas os alunos acabaram me ensinando [...]. (PROF.^a AGATHA).

Para Freire (1996, p.23-24), pensando democraticamente:

[...] Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar [...].

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética [...].

Mesmo com a falta de experiência e de pouca vivência da professora sobre essa brincadeira, a aprendizagem aconteceu, ela estava aberta para a experiência dos alunos e, nesse caso, houve uma troca entre eles, representando uma via de mão dupla.

Contudo, para se ter efetivamente o ensino e a aprendizagem de algum conteúdo, segundo Vasconcellos (2002), o processo deve assumir um caráter de reflexão, de construção até a prática, sendo que o ensino e a aprendizagem caminham juntos com reciprocidade, devendo ter relação com as concepções de conhecimento e de currículo e, dessa maneira, deve constar no Projeto-Pedagógico da escola. O ensino e a aprendizagem não podem acontecer de forma aleatória, devem ser pensadas, repensadas e agregadas ao planejamento para se ter valor e não correr riscos nas ações sem planejamento.

Já a Prof.^a Poliana relatou que ela procura sempre fazer um levantamento com os alunos dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais que eles conhecem e, em cima disso, ela apresenta a eles novas possibilidades dentro do contexto dos alunos.

Outro relato positivo foi o da Prof.^a Martine, que incluía nos conteúdos os jogos e as brincadeiras da cultura indígena e africana, acrescentando, na prática, brincadeiras vividas por esses povos.

As escolas precisam de bons exemplos como esses, a valorização do ensino dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais no espaço escolar é importante para a conservação e disseminação da cultura popular, o que para Friedmann (2005) é da responsabilidade do educador não deixar morrer o jogo tradicional na infância e transmitir às atuais gerações.

Conforme as entrevistas, observa-se que os professores demonstram conhecimento dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, conhecem muitas atividades que pertencem a eles, no entanto, alguns demonstraram que nem sempre situam como parte do conteúdo “Jogo”, trabalha apenas como um apêndice de outros conteúdos, como por exemplo, utilizam de jogos para se chegar ao esporte, fatores como a hegemonia dos esportes, formação e o currículo das escolas favorece essa situação.

Neira (2011a) esclarece que ainda grande parte das escolas privilegiam um currículo baseado na cultura dominante, mostrando como alternativa a essa realidade o multiculturalismo, afirmando que:

A educação numa perspectiva multicultural crítica não só valoriza e reconhece as diferenças como também assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, bem como, apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural (p.24).

Com relação à hegemonia do esporte, Neira (2011a) nos diz que mesmo em poucas ocasiões em que se questiona o favorecimento do *esportes brancos, cristãos e euroamericanos* (p.24), eles são substituídos por práticas psicomotoras ou descontextualizadas, o que contribui para a propagação de práticas corporais de grupos culturais com privilégios sociais. No entanto, para esse autor, não se pode culpar o professor quando priorizam alguns conteúdos curriculares, pois os mesmos são oriundos de sua formação na Educação Básica, dos cursos de Licenciatura e de formações continuadas, legitimando esses saberes em suas ações.

Nota-se que, normalmente, esses professores vão norteando e direcionando suas práticas de acordo a princípio, com a sua experiência pessoal, consolidando com a formação inicial e a formação continuada, solidificando seus ideais, construindo a sua experiência profissional e aplicando no seu planejamento do ensino e da aprendizagem. Dessa maneira, constatou-se que alguns professores trabalham com mais intensidades e

discernimento os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais, outros, no entanto, reconhecem que poderiam trabalhar mais, conforme a fala da Prof.^a Agatha e do Prof.^o Diego:

“[...] acho que falta ainda para mim é eu tentar resgatar um pouco mais essas brincadeiras tradicionais, até ver o que eles conhecem dessas brincadeiras tradicionais e a gente trabalhar em cima disso, ainda eu peço nesse sentido!”. (PROF.^a AGATHA)

“[...] tenho pouco conhecimento disso e é por isso que uso muito a experimentação, deixo a criança iniciar, o objetivo ali já me basta para criar a experimentação, mas se eu souber mais, eu vou tirar mais proveito disso [...]”. (PROF. ^o DIEGO)

Diante das falas, foi possível apontar que eles encontram certa limitação com relação a esse conteúdo. Observa-se que muitas vezes é mais fácil para o professor trabalhar com o que já sabe e o que já tem conhecimento, contudo, de acordo com Freire (1996), ele não se apodera, pois, enquanto ensina, deve continuar a busca sempre, a pesquisa faz parte da natureza do professor e ele precisa de formação constante.

Além disso, devem oportunizar a construção de um currículo cultural, buscando o diálogo com o conhecimento do aluno, assim, segundo Neira (2011a), estaremos propiciando uma ação política e pedagógica na Educação Física e rompendo a tradicionalidade da área, muitas vezes pautada na exclusão, na classificação e na monocultura.

Pensando no planejamento dos professores, quando colocado em prática, ele terá que buscar meios para alcançar. Para Vasconcellos (2002), a ação deve pautar-se do conhecimento para a realidade, é a partir da busca do conhecimento que fará diferença na formação do aluno, o professor busca mediação para a sua realidade, tem uma intencionalidade, superando o planejamento espontâneo.

Entretanto, ao perguntar aos professores se colocam os Jogos e Brincadeiras Tradicionais no planejamento anual, houve indícios da não inclusão desses conteúdos no planejamento, ressaltando o relato da Prof.^a Agatha, esclarecendo que ela trabalha com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais quando percebe que seus alunos estão motivados:

“[...] não coloco especificamente como Jogos e Brincadeiras Tradicionais, mas sempre dentro das minhas aulas eu procuro trabalhar algumas brincadeiras tradicionais [...] eles pedem as brincadeiras tradicionais e a gente fica passando pra eles.” (PROF.^a AGATHA)

Nesse caso, se o aluno não apresentasse uma motivação para essas atividades, provavelmente esse conteúdo não seria garantido a eles, o que provavelmente não aconteceria na opção do currículo cultural, pois de acordo com Neira (2011a):

A partir do mapeamento do patrimônio cultural corporal da comunidade, os educadores investigam e recuperam as experiências dos estudantes, analisando seus saberes sobre as práticas corporais e as formas com as quais suas identidades se inter-relacionam com essas manifestações. A intenção é trabalhar pedagogicamente esses conhecimentos de tal maneira que as identidades culturais dos grupos que frequentam a escola possam ser legitimadas na instituição e, conseqüentemente, na sociedade [...] (p.168).

Também foi identificado que alguns professores compreendem que os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais já não precisam mais ser ensinados, destacando a fala da Prof.^a Lia com relação à percepção dos professores: “[...] eu acho que é um tema que as pessoas acham que é tão batido, que todo mundo sabe, mas eu creio que precisa ser mais trabalhado”.

Segundo González e Schwengber (2012), quando propomos experiências aos alunos estruturadas por temas, é possível perceber a mobilização de competências e conteúdos e o professor consegue focar o ensino, no entanto, quando não há essa estruturação e as propostas são alicerçadas em atividades sem conexão e, subitamente, a aprendizagem não é permanente.

Numa perspectiva cultural da Educação Física, de acordo com Neira (2011a), ela vai se atentar no pensar e no agir baseado na cultura, tematizando as culturais corporais no ambiente escolar, “com suas histórias, biografias, formas latentes e manifestações de dominação e regulação, resistência e luta, também do ponto de vista dos oprimidos, com a pretensão de desestabilizar as representações produzidas de forma unilateral”(p.166).

Nesse sentido, um currículo multicultural orientado:

[...] reafirma o princípio de que um bom ensino é aquele que considera seriamente o patrimônio da comunidade e abre espaço para diversidade de etnias, classes sociais, religiões, gêneros e demais marcadores sociais que perpassam a cultura corporal das populações estudantis [...] escuta o que os diferentes têm a dizer e presta atenção no repertório cultural corporal que os indica. (NEIRA, 2011^a, p. 167-168)

Levando em conta os fatores acima mencionados e as entrevistas, percebe-se que ainda existem lacunas sobre os conteúdos que englobam os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais na Educação Física, reforçando a carência desses conteúdos na formação

inicial e continuada desses professores, dos quais, seis (6) apontaram que não tiveram uma disciplina específica de Jogos e Brincadeiras Tradicionais. Os professores alegaram que esse conteúdo era abordado em outras disciplinas como de Atividades Lúdicas, Educação Física no Ensino Infantil e Fundamental, Recreação e Ginástica, de acordo com algumas falas:

“Voltado especificamente para os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais que eu me recorde, não, nem na especialização, na graduação também não, específico de jogos tradicionais, não.” (PROF.^a MAYRA)

“Especificamente não, mas eu tive aula de recreação e aí na recreação tinha esses jogos, essa brincadeiras [...] eu aprendi bastante coisa na faculdade, mas, assim, conteúdo teórico específico de jogos e brincadeiras, não.” (PROF.^o FELIPE)

“Não, ai não! Faz parte da disciplina, mas é um conteúdo de vários, não tem uma disciplina.” (PROF.^a MARTINE)

Já com relação à formação continuada, os cursos que os professores participaram envolviam jogos em geral, voltados para a ludicidade, recreação e lazer, somente dois professores afirmaram ter participado de cursos específicos de Jogos e Brincadeiras Tradicionais.

Outro aspecto levantado nas análises foi que, muitas vezes, o professor de Educação Física confunde o conteúdo Jogos e Brincadeiras Tradicionais com jogos desportivos, brincadeiras, atividades psicomotoras e atividades rítmicas.

Nesse contexto, Okamoto (2011) afirma que o jogo popular, apesar de ser um conhecimento transmitido por muitas gerações, aprendido espontaneamente nas ruas, parques, praças, e diversos espaços públicos, vê-se que na escola ele é trabalhado tanto como conteúdo quanto como estratégia de ensino.

Verificando facilmente nas falas de alguns professores que, antes ou ao responder a pergunta que tratava dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, queriam a confirmação do que englobaria esse conteúdo: o Prof.^o Thiago, após citar algumas brincadeiras, perguntou: “[...] seriam essas brincadeiras né!?![...]”. Já o Prof.^o Diego falou de algumas atividades que já trabalhou, deu uma pausa e também indagou: “[...] não sei se encaixam nas tradicionais, todas elas se encaixam? O que seriam as tradicionais? Dentro do meu contexto?”.

Esses professores, apesar de trabalharem com os Jogos e com as Brincadeiras Tradicionais em suas aulas, nem sempre conseguem identificar esse conteúdo como

pertencente ao “Jogo” e diferenciar de outros que fazem parte da Cultura Corporal de Movimento, o que também pode estar atrelado à caminhada histórica da Educação Física e sua afirmação enquanto área de conhecimento na educação.

Em estudos Betti e Kuriki (2011) constataram que, apesar das grandes melhorias propostas por autores que contribuíram entre 1980 e 1990 para a prática pedagógica na Educação Física Escolar, ainda se vêem muitos professores que não tem ciência delas, ou se tem algum conhecimento, apresentam aulas que poderiam ser melhores preparadas pedagogicamente.

Até o momento da pesquisa foram analisados os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais no geral, procurando entender como é concebido esse conteúdo por esse grupo de professores nas escolas, envolvendo todas as brincadeiras e jogos que fazem parte dele. Constatamos que, no geral, os professores têm trabalhado com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais, no entanto, vimos que o trabalho com esse conteúdo poderia ser realizado com mais ênfase, elaborando um planejamento que contemple essas manifestações corporais e buscando maior conhecimento sobre o conteúdo que possibilite o conhecimento histórico cultural, conseqüentemente sua valorização nas raízes históricas e culturais, favorecendo o sentido de pertencimento dessa cultura corporal pelos alunos e maior elo com a cultura brasileira, além disso, buscar possibilidades do trabalho interdisciplinar na escola, desde que estabelecidos nesse planejamento, nota-se que não é apenas um ou outro fator que pode estar interferindo na efetivação dos conteúdos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, mas uma junção deles.

A partir do próximo tópico, serão apresentados e analisados especificamente os dados que envolvem as brincadeiras de corda, buscando, através da percepção desses professores de como as crianças têm sustentado essas brincadeiras em sua infância, se elas trazem esse conhecimento de casa e das brincadeiras de rua ou se elas adquiriram alguma experiência na Educação Infantil com os professores pedagogos.

Também será apontado se os professores de Educação Física trabalham com as brincadeiras de pular corda, tentando identificar com é o processo de ensino aprendizagem dessas brincadeiras por esses professores, o que interfere no processo, se eles conhecem algum material que aborde essa temática e se gostariam que tivesse um material de consulta sobre as brincadeiras de pular corda.

3.2 As brincadeiras de pular corda na infância e na escola

A partir desse ponto, a intenção nesta pesquisa será focar as brincadeiras de pular corda enquanto uma das possibilidades pertencentes aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais, pois se trata de uma brincadeira muito antiga que, apesar de não sabermos ao certo a sua origem, conforme estudado no Capítulo 1, além da existência de pinturas de pessoas antigas brincando de pular corda e sendo disseminada até hoje para crianças, ressalta-se as características nela presente, como a transmissão oral, conservação, mudança e universalidade, mesmo que modificando-se as manifestações na cultura infantil, a sua estrutura inicial permanece. (KISHIMOTO, 1993)

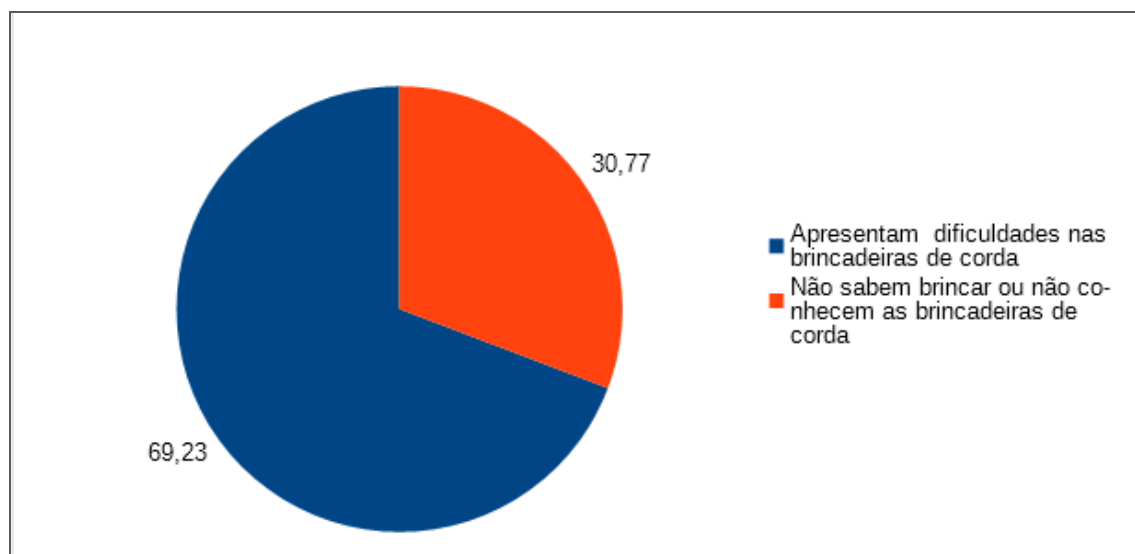
Nesse sentido, a pesquisa se debruçará especificamente nos dados, com o intuito de mostrar a percepção dos professores participantes com relação às crianças ingressantes no Ensino Fundamental nas brincadeiras de pular corda, ou seja, se as crianças conhecem essa brincadeira, se apresentam dificuldade, ou não e o porquê dessa relação.

Em seguida será apresentado como se dá o processo de ensino e de aprendizagem desses professores, procurando desvelar como eles apresentam essa brincadeira aos alunos, como se dá o prosseguimento na aprendizagem e finalizando abordaremos a influência da formação inicial e continuada do professor nesse processo, com relação às brincadeiras de pular corda.

3.2.1 Percepção dos professores de Educação Física às crianças ingressantes no Ensino Fundamental sobre as brincadeiras de pular corda

A intenção, ao investigar a percepção dos professores que ministram aula de Educação Física para os 1º anos dos Anos Iniciais foi constatar como se encontra o aluno quando ele entra em uma escola de Ensino Fundamental com relação às brincadeiras de pular corda, já que possui outra estrutura da Educação Infantil, do qual ele frequentava, buscando identificar o conhecimento dos alunos nas brincadeiras de pular corda, se possuem algum tipo de dificuldade e, se sim, qual é essa dificuldade e como o professor lida com ela.

Gráfico 6: Percepção dos professores de Ensino Fundamental com relação aos conhecimentos dos alunos nas brincadeiras de pular corda no 1º ano



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Sendo assim, com relação à percepção dos professores entrevistados sobre os conhecimentos dos alunos nas brincadeiras de pular corda que ingressam nas escolas públicas de Ensino Fundamental/ Anos Iniciais, dos treze (13) professores entrevistados, nove (9) professores, representando 69,23 %, deixaram claro que os alunos têm dificuldade com essas brincadeiras e quatro (4) dos professores, equivalendo a 30,77%, disseram que eles não sabem brincar de pular corda ou não tem conhecimento das brincadeiras nessa idade, conforme exposto no Gráfico 6.

Os nove (9) professores que relataram que os alunos têm dificuldade, argumentaram que a maioria das crianças não conhece as brincadeiras e as cantigas de pular corda, eles alegaram que os alunos possuem pouca vivência e não têm ritmo e/ou tempo de passar ou saltar a corda, sendo necessário trabalhar bastante esse conteúdo nos primeiros anos do EF, conforme suas falas:

“[...] hoje em dia ela tem mais dificuldade do que quando eu comecei né!”
(PROF.^a RAFAELA)

“[...] No primeiro ano, muitos, a grande maioria tem muita dificuldade de pular corda [...] e não tem uma vivência assim muito grande com relação às brincadeiras, a esses jogos, as cantigas de pular corda [...]”
(PROF.^a MAYRA)

“A maioria não sabe né? Porque os pais não ensinam, porque tem a questão da rua.” (PROF.^o FELIPE)

A Prof.^a Kahena afirmou que às vezes o aluno fala que sabe pular e na hora de brincar não consegue. Outros dois professores afirmaram que quando os alunos não gostam, normalmente, é porque não sabem pular.

É importante ressaltar que o fato dos alunos não saberem pular corda não pode ser considerado como um problema nas aulas de Educação Física, levando em consideração que hoje a infância é considerada multifacetada, assim, cada criança traz uma experiência das suas manifestações corporais, ela pode não saber pular corda, mas ela pode saber dançar, correr, saltar e tantas outras atividades corporais, e nada disso vai impedi-la de aprender as brincadeiras de pular corda.

Assim, segundo Larrosa (2003), não se trata de nós, enquanto educadores, supostos conhecedores da infância e, a partir desse ponto, reduzirmos ela aos nossos conhecimentos e concebê-las como obra-prima de nossos sonhos. Enquanto educação, pertence aos quesitos, reconhecer e aceitar a responsabilidade, sendo que “receber é criar um lugar: abrir espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa” (p.188).

Nesse sentido, cabe ao professor entender a criança como tradutora, produtora e reprodutora de cultura e, ao ensinar as brincadeiras de pular corda a elas, independente de como elas chegam à escola, de qual experiência ela teve com essas manifestações corporais, o mais importante é como trabalhar com o ensino e a aprendizagem do aluno.

Desa maneira, Neira e Nunes (2008) expõe que a prática pedagógica, quando pautada na perspectiva cultural, proporciona aos envolvidos a oportunidade de conhecer a diversidade cultural pelas manifestações corporais, nela o gesto não é fonte do certo ou do errado, mas sim, aberto ao diálogo entre as culturas, transmitindo significações culturais pelas brincadeiras, danças, ginásticas, lutas, esportes, artes circenses e etc.

Observou-se também, no contexto desses professores, situações de fuga da criança, não assumir que não sabem, ou não querer pular porque não sabem, reforçam sentimentos que as crianças tendem a ter quando passam por momentos de frustrações.

O que também está relacionado ao medo de errar, o medo de errar perante o amigo, a professora. Destacando a fala da Prof.^a Poliana e do Prof.^o Isáquias respectivamente:

“[...]alguns já sabem pular, tem segurança, outros tem muito medo de pular, de tentar, falam que não vão conseguir, ou eu imagino que a experiência que ela teve não foi boa, foi assim... uma experiência ruim, porque ela não conseguiu e aí ela passou a ter medo de pular [...]”.
(PROF.^a POLIANA)

“São crianças com cinco ou seis anos, um período muito complicado [...] junta-se a isto a falta de estímulos motores, gerando medo, vergonha entre outros aspectos.” (PROF.º ISÁQUIAS)

O medo e a insegurança dos alunos ao participarem de brincadeiras de pular corda apareceram em outras falas também:

“É eu procuro fazer com que ela perca o medo ou receio de pular a corda né, e falar que ela esta em uma escola, que lá é um ambiente para ela aprender, pra deixar ela mais calma com relação a isso, aí intervir ir passando os passos para ela pular corda, então primeiro bato palma e ela vai no ritmo da corda, pra bater palma no ritmo da corda, depois ela vai fazendo pulando Zerinho, depois ela vai pulando sozinha com corda individual ou coletivo e aí vai”. (PROF.ª LIA)

Já o Prof.º Thiago chamou a atenção desse fato não só acontecer com as brincadeiras de corda, ocorrendo em outras atividades também.

No entanto, entendemos que os professores devem mudar o olhar com relação aos alunos, desconstruir qualquer estigma que aparecer e compreender a criança como um ser brincante, como um ser capaz, com características pessoais e culturais próprias, e nessa linha de pensamento, Neira e Nunes (2008), nos dizem que a Educação Física na escola deve permear por entre as dimensões individuais e sociais históricas, sendo que:

A dimensão individual refere-se à própria formação da subjetividade e identidade do educando pela reflexão sobre sua cultura e a cultura dos outros disponibilizada na escola, de modo a propiciar-lhe a realização do seu bem-estar pelo usufruto dos bens sociais e culturais que devem ser ofertados aos cidadãos de uma sociedade democrática.

A dimensão social por sua vez, deriva de sua razão de ser condição de pluralidade do homem como ser histórico. Neste sentido, não se trata apenas de educar para o bem-viver individual, mas para que indivíduo possa contribuir para o bem viver de todos [...] (NEIRA E NUNES, 2008, p. 274).

Outro aspecto levantado nas entrevistas foi com relação à falta de interesse dos alunos nas brincadeiras de pular corda conforme vão ficando mais velhos. Tanto a Prof.ª Martine quanto a Prof.ª Lia alegaram que o interesse dos alunos vão diminuindo conforme vão crescendo.

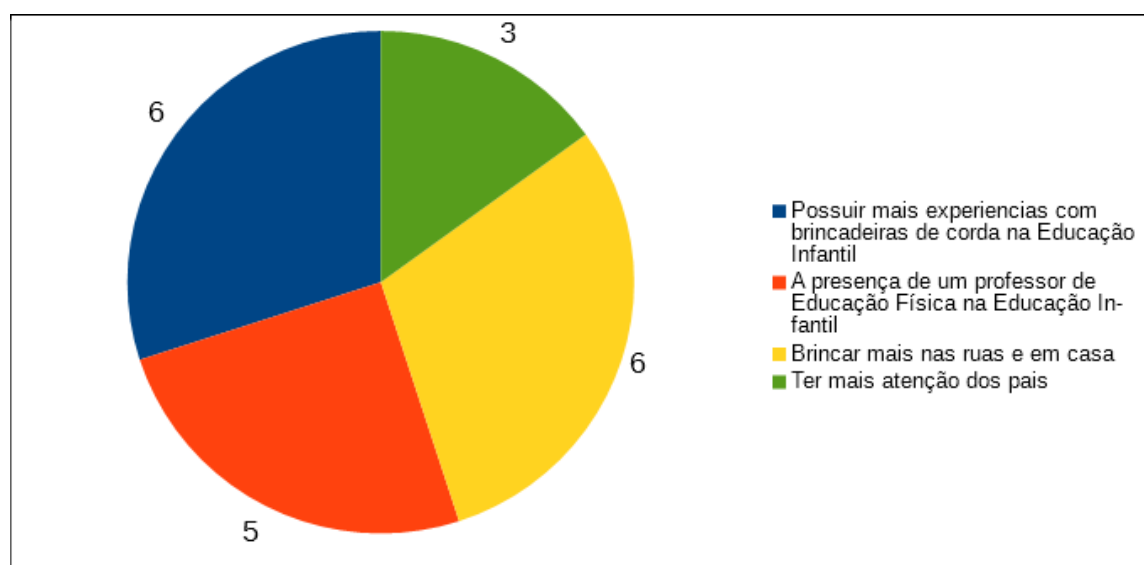
Esse fato nos fez questionar o porquê dessas crianças perderem o interesse não só pelas brincadeiras de pular corda, como relatado, mas também pelas outras manifestações corporais, novamente recai sobre como esse conteúdo vem sendo trabalhado. Pensando na motivação desses alunos, Bock, Furtado e Teixeira (1999),

consideram três tipos de variáveis que devem ser pensadas para se tê-la: o ambiente, as forças internas do indivíduo e objeto que o atraí.

Dessa maneira, pode ser que algumas dessas variáveis não estão fluindo conforme o esperado para haver maior motivação desses alunos nas atividades propostas, pensando na escola, dois aspectos os professores podem manipular para aumentar o interesse: com relação ao ambiente e o objeto e, assim, interferir na vontade do aluno. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999), o professor deve gerar condições ao aluno, como, por exemplo, iniciar o trabalho pedagógico com o que o aluno precisa, introduzindo outras vertentes na medida do possível.

Além disso, os professores devem fazer o exercício da auto-crítica com relação à maneira e às atividades que eles têm passado aos seus alunos, procurando refletir se são desafiadoras, como estão as estratégias para desafiar esse aluno, visto que o desafio é um aspecto motivacional importante para o aluno querer fazer alguma coisa.

Gráfico 7: Aspectos que poderiam ser diferentes nas dificuldade apresentadas pelos alunos do 1º ano de acordo com os professores de Educação Física



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ao indagar os professores sobre o que poderia ser diferente com relação às dificuldades encontradas nos alunos de primeiro ano, alguns aspectos se destacaram no Gráfico 7. Seis (6) professores afirmaram que os alunos poderiam ter mais experiências com as brincadeiras de corda na Educação Infantil, cinco (5) acreditam que se tivesse um professor de Educação Física na Educação Infantil, a dificuldade apresentada pelos alunos no primeiro ano do Ensino Fundamental seria outra, seis (6) alegaram que as

crianças não brincam mais nas ruas e em casas e três (3) chamaram a atenção com relação a uma maior atenção dos pais com seus filhos.

Observa-se que dois dos aspectos listados no Gráfico, o primeiro e o segundo, referem-se à realidade da escola, evidenciadas em algumas falas dos professores com relação à falta do professor especialista em Educação Física:

“[...] se ela tá numa escola e não tem professor de Educação Física, que passa a desenvolver essas atividades, conseqüentemente ela vai ter um pouquinho mais de dificuldade para realizar quando ela entra nos anos iniciais”. (PROF.^a POLIANA)

“[...] Talvez se tivesse um professor de Educação Física com plano de aula, com as atividades diferenciadas seria melhor.” (PROF.^a BARBARA)

“[...] é algo muito solto e a questão de não ter o professor formado né em Educação Física, é algo preocupante, não tem aquela qualificação com o movimento, um movimento sem sentido, sem intencionalidade, então com certeza atrapalha muito”. (PROF.^o FELIPE)

Talvez para esses professores, a presença de um professor especialista em Educação Física na Educação Infantil nortearia melhor as manifestações corporais dessas crianças, pois, de acordo com os estudos de Santos (2016), nesse nível da educação, os professores pedagogos têm dificuldade em diferenciar o que é conteúdo, objetivo e procedimentos com relação à área de movimento, gerando insegurança e sobressaindo, no planejamento, práticas consolidadas em suas experiências e com professores mais experientes.

Entretanto, é importante salientar que, também o professor de Educação Física, muitas vezes, não está preparado em sua formação para trabalhar com crianças pequenas, outro fator que ocorre nas escolas de Ensino Infantil, quando as aulas de Educação Física são ministradas por professores especialistas, por conta da carga horária, o professor não cria vínculo no ambiente escolar, indo uma, no máximo duas vezes por semana para dar suas aulas, não participando efetivamente dos estudos coletivos e nem da rotina da escola, alicerçando uma prática totalmente alienada das outras atividades curriculares.

Os professores entrevistados também fizeram observações com relação ao horário destinado a Educação Física na Educação Infantil:

“[...] é na Educação Infantil que eles deveriam ser estimulados né, muitas vezes eles vão para o parque [...]”. (PROF.^o FELIPE)

“[...] na Educação infantil não tem Educação Física né, até tem o horário, mas é o professor [...]” (PROF.^a BARBARA)

“[...] mas de repente, foi pouco pobre a experiência com esses tipos de atividades na Educação Infantil.” (PROF.^a MAYRA)

Cabe esclarecer que a questão do universo da Educação Infantil com o Ensino Fundamental/Anos Iniciais é muito diferente, pois, a primeira, se apresenta mais dinâmica aos alunos, concentra-se em campos de experiências em torno da linguagem e precisa ter mais liberdade para fluir melhor, já no EF/Anos Iniciais apresenta uma estrutura mais disciplinar, assim, acreditamos que as brincadeiras, mesmo sendo um elemento explorado na Educação Infantil, podem, muitas vezes, ser sinônimo de garantia com relação ao repertório das crianças ao ingressar no EF/Anos Iniciais.

Já com relação ao item do Gráfico 7, que trata dos aspectos relacionados às crianças brincarem menos nas ruas e em casa, esses professores acreditam que elas chegam à escola com essa dificuldade porque fazem parte de uma geração na qual as TDCs estão inseridas cada vez mais cedo na vida das crianças, o que permite a elas perderem o interesse por outras atividades, destacando a fala da Prof.^a Rafaela:

“[...] o problema da tecnologia de hoje é que elas vivem ligadas, antenadas [...] tem que ter uma educação para a tecnologia, usar de forma responsável [...] nós temos que aprender a conviver com tudo isso!”

De fato são crianças pertencentes a uma geração tecnológica e globalizada, denomina por Dornellas (2005) de “infância cyber”, no entanto, não podemos generalizar. Para esse autor, ao igualar tudo o que nos for infantil, correremos o risco das crianças nos escaparem, assim, a criança deve ser concebida “como produto de uma trama histórica e social na qual o adulto que com ela convive busca capturá-la através das relações de saberes” (p. 12), essa é a grande provocação aos educadores do século XXI.

Sendo assim, Vida, Russo e Tezani (2016), após a estrutura de um plano de ação para a vivência com os alunos na Educação Física com o uso das TDICs nos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, acreditam que ela pode colaborar na relação entre professor e aluno, além de favorecer a apropriação desses conteúdos como um bem sociocultural para o aluno que temos hoje nas escolas.

Em se tratando de maior presença dos pais na vida das crianças, apesar de apenas três professores terem afirmado esse dado, conforme o Gráfico 7, é relevante comentar que é um fato constante observado nas escolas, sendo comum a não

participação dos pais na vida de seus filhos, seja ela de ordem psicológica, social ou cognitiva.

De acordo com Colacino (2016), ao estudar as expectativas que as famílias têm sobre a escola, afirma que a maioria delas apresenta esperança e acredita na escola e na formação de seus filhos, entretanto, desconhecem maneiras de estarem presentes nessa formação e de como podem participar democraticamente nas decisões da escola, por sua vez, alguns profissionais da escola minimizam a função dos pais em apenas verificar as obrigações de seus filhos, como tarefas, estudos, reforços, reuniões e eventos e que nem sempre têm sucesso nessa função e são apedrejados por isso. Para ela o que necessita é a quebra de paradigmas existentes entre as partes envolvidas, escola e família, através de diálogos, participação democrática e da solidariedade para a superação do individualismo entre as partes.

Agora, quando perguntado aos professores sobre o desenvolvimento das crianças nas brincadeiras de pular corda, eles salientaram que essas brincadeiras proporcionam um desenvolvimento integral nelas, no entanto, sobressaindo questões relacionadas ao desenvolvimento motor da criança, exemplificando com as falas abaixo:

“[...] Coordenação, o saltar né! Lateralidade também quando você balança pra ela pular de um lado para o outro, que a corda vai e volta, um pula e outro pula sem sair no mesmo lugar [...]”. (PROF.^a AGATHA)

“[...] a corda trabalha tanto o ritmo, coordenação motora, flexibilidade, habilidade, agilidade, então influencia bastante [...]”. (PROF.^a BARBARA)

“[...] ajuda bastante na coordenação motora deles”. (PROF.^a KAHENA)

Ressaltamos que as brincadeiras de pular corda são uma das possibilidades pertencentes aos Jogos e Brincadeiras Tradicionais que podem fazer parte da Educação Física Escolar, dessa forma, ao trabalhar, não só com essas brincadeiras, mas todas as outras num contexto mais amplo, conseqüentemente, desenvolverão vários aspectos que envolvem a coordenação motora da criança, bem como o ritmo ao saltar nessas experiências.

Citaram também questões relacionadas às dimensões cognitivas e afetivas, além do desenvolvimento da autoconfiança e superação dos alunos, conforme falas:

“[...] É uma atividade que ela desenvolve o cognitivo, porque a criança ela precisa pensar o que ela vai fazer, o movimento que ela vai fazer né [...]”. (PROF.^a POLIANA)

“[...] tem a questão da autoconfiança, você percebe que quando ela consegue pular ela fica mais confiante [...]”. (PROF.º FELIPE)

Entretanto, dois professores falaram sobre a questão do desenvolvimento da criança ao resgatar as brincadeiras de pular corda enquanto patrimônio histórico cultural, conforme suas falas:

“[...] Resgata um pouquinho estas brincadeiras tradicionais, acho que estão bastante esquecidas aí, né, tanto na infância das crianças como na escola mesmo, porque as vezes vai ficando maior, vai trabalhando outros conteúdos [...]. (PROF.ª MAYRA)

“[...] é um resgate da cultura, eu vejo que falta isso pra elas no dia a dia, fora da escola, que a escola esta se tornando um local único desse movimento do brincar né, destas brincadeiras, e elas precisam disso [...] não só motora, mas trabalhar com pesquisas, no próprio resgate né, fazer com que eles consigam, busquem com os pais, avós, isso faz com que eles tenham mais tempo com essas pessoas, que as vezes não tem no dia a dia né, então é um motivo a mais pra eles buscarem né esse contato maior com os pais, os avós, e resgatar a cultura e trazer né, não deixar morrer.” (PROF.º THIAGO)

Mesmo assim, mais uma vez, a infância é vista como absoluta em algumas falas, entendemos que a criança brinca sim fora da escola, talvez não brinque do que acreditamos que seja necessário, mas elas estão brincando a todo o momento em suas vidas, brincar é uma característica dela, seja na escola, seja nas ruas, seja em seus quartos.

Segundo Dornelles (2017), a criança se comunica pelo lúdico, perpetuando e renovando a cultura infantil a cada geração, levando, assim, com elas, as brincadeiras, a convivência em grupo e é pelo brincar, não só uma, mas várias vezes, que ela aprende o novo e vai moldando a cada novo brincar.

Nesse sentido, cabe a escola valorizar o brincar da criança, criar ambientes e momentos que lhes permitam essa relação com o brincar, de acordo com Nicoletto, Sommerhalder e Alves (2017), ao estudar relações do brincar livre na escola, constaram que nessa ação as crianças se relacionam entre elas, trocando e compartilhando novas experiências, colaborando para que a escola seja compreendida além de um local de conhecimentos sistematizados, é preciso oportunizar um lugar que permita as experiências das culturas infantis, bem como formá-las para a vida, desde que respaldado pelo planejamento e com o acompanhamento dos professores.

Ao perguntar aos professores se os alunos gostam das brincadeiras de pular corda e como é essa relação, eles afirmam que os alunos gostam bastante dessas brincadeiras, sendo uma atividade muito bem recebida pelas crianças na escola, uns professores disseram que os deixam empolgados, outros que é motivante porque envolve desafios, ou pela liberdade que o material traz para a criança.

Outro ponto que foi possível constatar na análise das entrevistas foi a relação de gêneros nas brincadeiras de pular corda. A Prof.^a Agatha relatou que nessas brincadeiras existe uma integração entre meninos e meninas, que não existe preconceito, para ela, esse aspecto, quando bem trabalhado com essa idade, futuramente refletirá na adolescência deles.

O que também pôde ser detectado pela Prof.^a Poliana em sua afirmação “[...] eles gostam bastante, não só as meninas, quanto os meninos [...]”.

No entanto, a Prof.^a Victoria ao relatar sua experiência com os primeiros anos, afirmou: “Aprendem sim, principalmente as meninas, os meninos têm mais aquela “a brincadeira de menina [...]”.

De acordo com as análises, ainda vemos a necessidade de se trabalhar a relação de gênero com crianças desde o primeiro ano nas escolas, aos poucos eles vão compreendendo as relações com o outro e a importância do outro independente do sexo.

3.2.2 O processo de ensino e de aprendizagem dos professores

Vimos nas análises do tópico 2 que dos treze (13) professores entrevistados, ao citarem os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais que trabalham na escola, dez (10) deles lembraram das brincadeiras de pular corda (Gráfico 5).

Entretanto, ao questionar os professores de que maneira eles trabalham com as brincadeiras de pular corda, quatro (4) professores responderam que procuram trabalhar do mais simples até as atividades mais complexas e desafiadoras para eles, sendo que a Prof.^a Mayra e Prof.^a Poliana especificaram que elas gostam de fazer um trabalho gradual e com os primeiros anos é mais voltado para o desenvolvimento das habilidades motoras dos alunos, envolvendo bastante saltos, que são características de uma prática alicerçada em tendências tradicionais da Educação Física, trabalham, por exemplo, com brincadeiras de “pular a cobrinha”, “Zerinho”, “Reloginho”, pulando em diferentes distâncias e alturas, ou seja, atividades como um meio para se chegar às brincadeiras de pular corda, de acordo com suas afirmações:

“[...] a partir do primeiro ano, eu procuro trabalhar mais voltado para o desenvolvimento das habilidades motoras né dos alunos, então, atividades de cobrinhas com eles, aumentando a distância pra eles trabalharem o pular, os saltos, é... brincadeiras de relógio, quando a gente gira a corda e eles tem que né saltar. [...] ampliando mais esses jogos e brincadeiras durante as séries”. (PROF.^a MAYRA)

“[...] a gente trabalha as cantigas, as parlendas, as crianças fazem cantando a música e pulando a corda e quando as crianças são menores, o desenvolvimento das capacidades físicas [...] [...] desde o primeiro ano eu insiro, as brincadeiras mais simples de bater a corda uma, duas pra ela adquirir aquela segurança de pular e aí conforme os anos a gente vai deixando mais difícil [...]”. (PROF.^a POLIANA)

Outros, no entanto, utilizam as mesmas brincadeiras de corda citadas pelas professoras Mayra e Poliana, porém, não explicitaram a maneira como trabalham as brincadeiras de pular corda.

Acreditamos que ao homogeneizar as crianças do mais simples para o mais complexo, ou a partir das faixas etárias delas, estaremos, muitas vezes, subestimando o seu conhecimento, nesse sentido, ao trabalharmos um conhecimento numa perspectiva cultural e multicultural da Educação Física, valorizaremos o que a criança tem a nos oferecer, o que ela já sabe, o que ela é capaz e, a partir daí, com elas poderemos traçar meios para configurar o aprendizado.

Desse modo, Neira e Nunes (2008), afirmam a pedagogia que propõe práticas motoras, os alunos participaram e haverá o divertimento, no entanto, nada aprenderão sobre o percurso sócio-histórico que perpassa pelas várias manifestações da cultura corporal, não despertará a criticidade, a criação, o agir e o transformar, só o executar. Para esses autores, as atividades realizadas na Educação Física não podem esvaziar-se a ponto de perder seu significado pessoal, social e cultural e sim, a partir das práticas sociais, pautadas no diálogo, externalizando sentimentos e intenções.

Dois professores disseram que aliam as brincadeiras de faz de conta para envolver as crianças ao iniciar as brincadeiras de pular corda, contextualizando e contando histórias, conforme fala dos professores:

“Geralmente eu começo a trabalhar com eles, eu faço uma brincadeira assim como se eles tivessem que pular um rio, aí eu coloco a corda no chão, uma, duas e vou distanciando, aí depois começo a mexer a corda e eles vão ter que pular [...]”. (PROF.^a BARBARA)

“[...] começo no primeiro ano pulando rio, faço algumas historinhas, daí joga tubarão e joga isso tal. E faz o rio, depois começa a movimentar a

corda, faz a cobrinha, conta historinha, que se pisar perde um pé, aí brincando né!”. (PROF.º FELIPE)

Foram detectados também outros recursos didáticos usados por eles, como por exemplo, a Prof^a Kahena salientou que usa bastante a voz de comando nas brincadeiras de pular corda, ela esclareceu que gosta de falar para que as crianças consigam encontrar o momento certo de pular e, quando necessário, pula com elas.

Já o Prof.º Diego enfatizou o uso da corda como recurso material, através da experimentação, destacando sua fala:

[...] Experimentação sem determinar a forma, o que sair, o que eles conseguirem fazer com a corda, com a bola, com o arco é o suficiente pra mim, é aquilo que eu procuro, eu quero a aproximação dele com aquele equipamento, com aquele material, eu não vou ensinar a criança a pular corda, eu acho que a criança ela aprende sozinha, a gente cria o espaço para ela poder desenvolver, sabe, ela pode me ver pulando corda, ela vê o outro amigo pulando corda, mas eu acho que algumas situações ninguém ensina, ela tem que fazer e ela cria um jeito de pular, tem gente que pula com um pé só, tem gente que dá aqueles dois pulinhos, eu acredito que eles resolvem muito fácil a questão, a experimentação, dá o espaço pra eles experimentarem, aí cada aula você avança um pouquinho sabe, eles avançam, eles sentem, eles avançam e falam pra você o que conseguiu “professor consegui duas vezes, consegui três!”, mas é isso que eu faço, crio o espaço para eles poderem praticar, brincar”. (PROF. DIEGO)

De fato, devemos criar espaços para as crianças brincarem, no entanto, isso pode não ser o suficiente para que elas adquiram autonomia, nesse sentido, é relevante a atenção do professor sobre os alunos, bem como a mediação, evitando que uma simples experiência de brincadeira gere algum desconforto nela, causando medo ou insegurança e, muitas vezes, desconectadas da sua vida, assim:

Ao incorporar a cultura corporal de origem do/a aluno/a, não apenas no que ele/a já conhece, mas buscando novas fontes de informação, em sua comunidade e na literatura referente ao tema, o professor influirá para que a criança enriqueça o conhecimento sobre a história do seu grupo social e da classe trabalhadora, podendo se orgulhar tanto da sua origem quanto da sua classe social (NEIRA E NUNES (2008) p. 276).

Em estudos de Pasqualini (2006), sobre Vigoskt, Leontiev e Elkonin na perspectiva histórico-cultural, relata que o professor deve ter visão na função de orientador no processo de desenvolvimento na infância, efetivando a organização da atividade do aluno e a transmissão da experiência social acumulada, fazendo o aluno avançar em cada fase que se encontra.

Constatou-se também, em algumas falas, que nem sempre o objetivo das atividades propostas pelos professores é a brincadeira de pular corda, utilizando como um recurso para se chegar a outros fins:

“[...] colocar várias cordas, amarrado de uma viga para a outra, [...] todo cruzado, aí eles passam por baixo, por cima, se arrastando, então vários exercícios [...]” (PROF.º RAFAELA)

“[...] salto em altura, de ir erguendo e também passar por baixo, pular por cima, cabo de guerra.” (PROFE.ª MARTINE)

“[...] eu faço algumas atividades sistematizadas assim, sabe tipo circuito [...]” (PROF.º DIEGO)

Ainda sobre o processo de ensino e de aprendizagem, a maioria deles relatou que desconhecem algum processo nas brincadeiras de pular corda, cada professor descreveu a sua maneira de trabalhar, traduzindo sua experiência e vivência e a partir delas foram criando oportunidades para os alunos, uns mais e outros menos. Conforme as falas:

“[...] eu procuro trabalhar né, como eu falei, com atividades, iniciando nas séries iniciais, com atividades mais simples de saltar, de pular, até chegar nas séries finais [...]” (PROFª MAYRA)

“A eu tento seguir do mais fácil para o mais difícil, mas eu nunca peguei um método que mostre o certo.” (PROFª BARBARA)

“Não eu nunca pesquisei, [...] eu fiz uma vez um curso de Rollp... acho que é o nome de pular corda em inglês, [...] aí eu aprendi algumas coisas, eu aplico né, mas assim científico, metodologia, nada, não tenho nada.” (PROF.º FELIPE)

“Na verdade eu sempre segui a minha linha, da experimentação mesmo, nunca foquei num material, [...] eu sempre fui da experiência, da prática de como a criança é... ela mesmo se movimenta e ela mesma experimenta a atividade dela, trabalho mais dessa forma.” (PROF.ª MARTINE)

“[...] nós ensinamos pra criança o relojinho, aí depois eu pesquisei, [...] encontrei uma sequencia didática pra ensinar a pular corda, mas dupla, então eu fiz mais ou menos com eles [...]” (PROF.ª LIA)

E mais uma vez fica evidente a ausência de práticas pautadas em estudos culturais, valorizando o aluno no seu contexto social e a sua diversidade, o professor ao determinar o que é simples e complexo para o aluno já esta se distanciando dele, assim, de acordo com Neira (2011a), ao trabalhar com o currículo cultural no Ensino Fundamental, criam-se oportunidades de se trabalhar com temas, no qual os professores adentram nas suas próprias culturas corporais e a dos alunos triangulando com outros saberes, como os acadêmicos, do senso comum, populares e de outros grupos,

resultando em novos sentidos as práticas corporais, não existindo degraus, nem tão pouco, etapa, nível e ciclos de ensino com essa articulação.

Nesse sentido, o olhar do professor de frente ao aluno precisa ser ressignificado, principalmente ao trabalhar com crianças, ir desconstruindo e, ao determinar o que é simples e complexo, sempre pensar no grupo e ele como parte desse processo.

Ao indagar sobre a formação continuada específica nas brincadeiras de pular corda, mais uma vez, a maioria afirmou que nunca participaram, eles disseram que às vezes as brincadeiras de pular corda apareciam com outras propostas, mas nada especificamente e diferente do que já conheciam, normalmente eram formações voltadas para o lazer e recreação.

Com relação ao interesse dos professores sobre algum material disponível nas brincadeiras de pular corda, para possíveis estudos ou consultas, todos os professores se mostraram interessados em ter acesso, justificando a melhoria em sua prática, sobressaindo a fala da Prof.^a Mayra:

“[...] todo o material que a gente possa levar para as nossas aulas eu acho que é importante, eu não conheço não, nenhum material que fale especificamente as brincadeiras com corda, e eu acho que são materiais que vem para somar, para ajudar a gente no planejamento das aulas [...]”
(PROF.^a MAYRA)

E apesar de alguns professores serem adeptos ao uso da internet para consultas a materiais orientadores nas brincadeiras de corda, o Prof.^o Diego salientou que não bastaria algo só para pesquisar na necessidade, isoladamente e não expandir mais, ele acredita que deva ter nas escolas também um material físico para consulta dos professores, vivências práticas com formações pedagógicas e encontros entre os professores para compartilharem experiências.

Conforme os relatos dos professores nas entrevistas, com relação ao processo de ensino e aprendizagem das brincadeiras de pular corda, percebemos que, apesar deles utilizarem essas brincadeiras em suas aulas, nem sempre os professores constroem um caminho a ser percorrido pelo aluno, ou seja, uma estruturação, um planejamento ou um processo vislumbrando por um objetivo, muitas vezes se mostraram confusos e pensativos ao relatar sua prática.

Percebe-se que o conhecimento histórico sobre as Jogos e as Brincadeiras Tradicionais não são tão evidentes nesses professores, conhecimento esse importante para a propagação não só das brincadeiras de pular corda, mas todas que a englobam,

como patrimônio histórico cultural na infância, para que o aluno se sinta apoderado de sua cultura e construa um laço de pertencimento.

Para finalizar a apresentação e análise dos dados, no tópico 3.3 serão apresentados e analisados os questionários aplicados aos avós, procurando revelar como eram as brincadeiras de pular corda em suas infâncias.

3.3 A relação dos avós com as brincadeiras de pular corda em suas infâncias

Até esse ponto, a pesquisa estava concentrada no universo do professor de Educação Física, procurando entender a criança e a relação com as brincadeiras de pular corda, para tanto, foi feita, primeiramente, uma busca pelos conteúdos Jogos e Brincadeiras Tradicionais com a intenção de alcançar o objetivo proposto.

Com os avós também foi feita essa investigação, averiguando como eram suas brincadeiras na infância e do que brincavam, conforme o Quadro abaixo:

Tabela 1: Jogos e Brincadeiras que faziam parte da infância dos avós

Jogos e Brincadeiras que faziam parte da infância dos avós	
Mulheres	Homens
Pega-pega, esconde-esconde, cantigas de roda, pular corda, bets, amarelinha, escravo de Jô, elástico, passa anel, casinha, fazer comidinha, queima, bolinha de gude, salada mista, bom dia, minha senhorinha, lenço, cobra cega, peteca, boneca de espiga de milho, boneca de pano e de barro, jogo das pedrinhas, pique	Jogar bola, jogar peão, lutinha, bolinha de gude, pipa, esconde-esconde, bets, sela, paredão, pique, bilbôque, pé-de-lata, cavalinho de pau, pular corda, pega-pega, carrinho, carrinho de madeira, carrinho de rolimã, carrinho de carretel, passa-anél, peteca, balanço, perna-de-pau, jogo das pedrinhas, amarelinha, bolinha de sabão, forca, cantigas de roda.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

De acordo com o Quadro 2, as brincadeiras que fizeram parte tanto da infância das avós, quanto dos avôs foram: pega-pega, esconde-esconde, cantigas de roda, amarelinha, passa-anel, jogo das pedrinhas e bolinha de gude. Observa-se, no quadro, que muitas brincadeiras são conhecidas por nós e algumas, provavelmente, pelos alunos.

Dessas brincadeiras lembradas pelos avós, das vinte avós (20) mulheres que participaram da pesquisa, catorze (14) lembraram da corda ao falar de suas brincadeiras de infância e sete (7) citaram-na como a brincadeira que mais gostavam de brincar. Já

dos onze (11) avôs homens, cinco (5) se recordaram das brincadeiras de pular corda e apenas um (1) disse que era a brincadeira de sua preferência.

Algumas falas dos avós nos questionários foram destacadas por marcarem características de uma geração que não era muito comuns os brinquedos industrializados:

“Fazia cavalinho com cabo de vassoura, carrinho com cabo de vassoura e tampa de leite ninho.” (SR. ABEL)

“Brincávamos de esconde-esconde, pega-pega, pular corda, pois na época eram poucas crianças que tinham brinquedos.” (D. RISOLETA)

“Eram todas na rua que acontecia, brincávamos de esconde-esconde, rela-rela, queima, pular corda, boneca e utilizávamos muito brinquedos feito a mão e de madeira.” (D. ALICE)

“Brincava com espiga de milho, fazia bonecas, colocava pauzinhos na laranja para parecer vaquinhas, toquinhos de árvore, latas de maça de tomate fazia panelas.” (D. JOVINA)

Lembranças de um tempo que não volta mais, porque a infância não é mais a mesma e nem com os mesmos protagonistas, mas que, de certa forma, podemos mantê-las vivas na cultura da infância de hoje, desde que ressignificadas, atendendo a demanda das características das crianças contemporâneas.

Segundo Bosi (1984), ao exprimir sobre a memória:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (p.46-47).

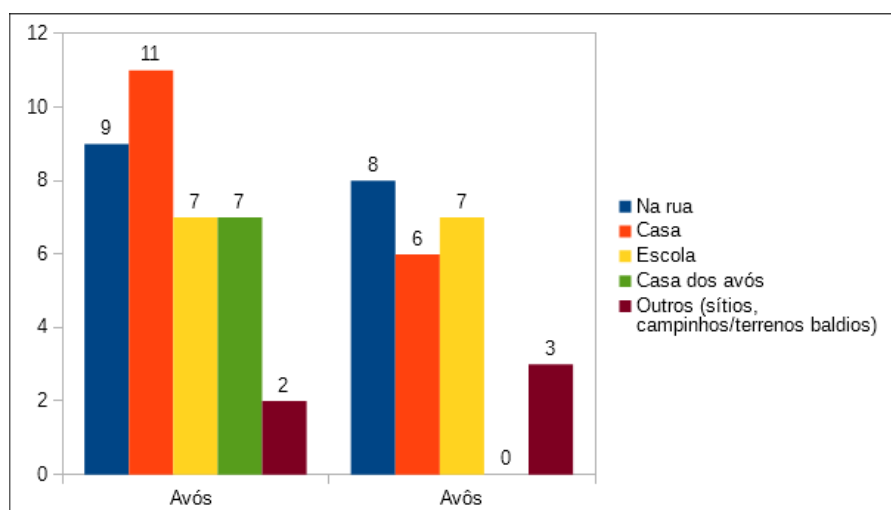
Obviamente, se for perguntado a uma criança se já trançou um cabelo de milho fingindo ser uma boneca, será muito compreensível se em sua resposta ela dizer que nunca viu uma espiga de milho, pois hoje vivemos numa sociedade consumista, dominada pela indústria, ditando as regras da oferta de produtos para elas e que muitas vezes poda a liberdade da criança de criar, recriar e imaginar em cima de um objeto qualquer, pois lhe oferece pronto. Nesse sentido, há importância da memória das pessoas mais velhas.

Bosi (1994), ao estudar pessoas idosas, relata sobre essas memórias que:

Nelas, é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; Enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta que, de algum modo, ainda absorva nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que a uma pessoa de idade (p.60).

Assim, com relação aos lugares onde os avós costumavam brincar, de acordo com o Gráfico 8, dezessete (17) avós disseram que brincavam na rua e em suas casas, catorze (14) citaram a escola, sete (7) falaram que brincavam na casa dos avós e cinco (5) especificaram outros lugares, como sítios, campinhos e terrenos baldios.

Gráfico 8: Lugares onde os avós brincavam



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ao perguntar das recordações das brincadeiras de pular corda, vinte e quatro (24) avós citaram que aprenderam em grupo, com amigos, com irmãos e primos, relatando que duas crianças batiam a corda e a outra pulava, ou amarravam uma das pontas da corda em algum lugar e na outra ponta alguém batia. Fazendo desafios de quem pulava mais vezes a corda, ou mais rápido, revezando quem batia entre eles. Também citaram que balançam a corda de um lado para o outro, como se fosse uma cobra para as pessoas passarem. Já seis (avós) disseram que aprenderam sozinhos, dois (2) com os pais e seis (6) assinalaram a escola.

A brincadeira de pular corda que mais ficou em destaque nos questionários foi a brincadeira da “Salada, saladinha”², conforme as falas:

² Na região do Estado de São Paulo para se brincar de “Salada, saladinha” duas crianças batem a corda enquanto a terceira pula. O objetivo é pular a corda sem tropeçar, enquanto o trio canta a

“[...] Fogo batia a corda bem lento, depois acelerava o movimento aí chegava no foguinho”. (SR.AMADEU)

“Sal, pimenta, fogo, foguinho era a minha preferida. Consistia em começar a pular devagar enquanto todos diziam sal, pimenta, fogo, foguinho e a velocidade da corda aumentava, até ficar muito rápido.” (D. ARIOSTO)

Nota-se que os avós, ao rememorar as brincadeiras de pular corda, aparece o desafio na percepção desses avôs nessas brincadeiras.

Segundo Bosi(1994), mesmo que não seja para todos, mas na grande maioria, quando a pessoa envelhece e deixa de ser membro ativo da sociedade, passa a ter outra função, a de lembrar-se do passado, assim, ela “está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60).

Dessa maneira, ao procurar entender a infância dos avós, seus jogos e suas brincadeiras de infância, estamos lidando com histórias verídicas e, ao mesmo tempo, intensas de suas vidas, o que contribuirá na compreensão da cultura infantil que temos hoje na sociedade.

Bosi (1994) afirma que a criança não tem apenas contato com a história escrita, elas conversam com seus avós de uma maneira linear, pois estes já não precisam mais se preocupar com o que é certo para a criança, e essa socialização infiltra suas raízes na história vivida da criança.

Apenas dois dos avôs disseram não brincar de pular corda e o Sr Dirceu disse que brincava raramente, conforme as falas: “Não brincava de corda, na minha época existia o preconceito de dizer que pular corda era brincadeira de menina” (SR. ABEL). “Não costumava brincar com cordas.” (SR.ANTÔNIO)

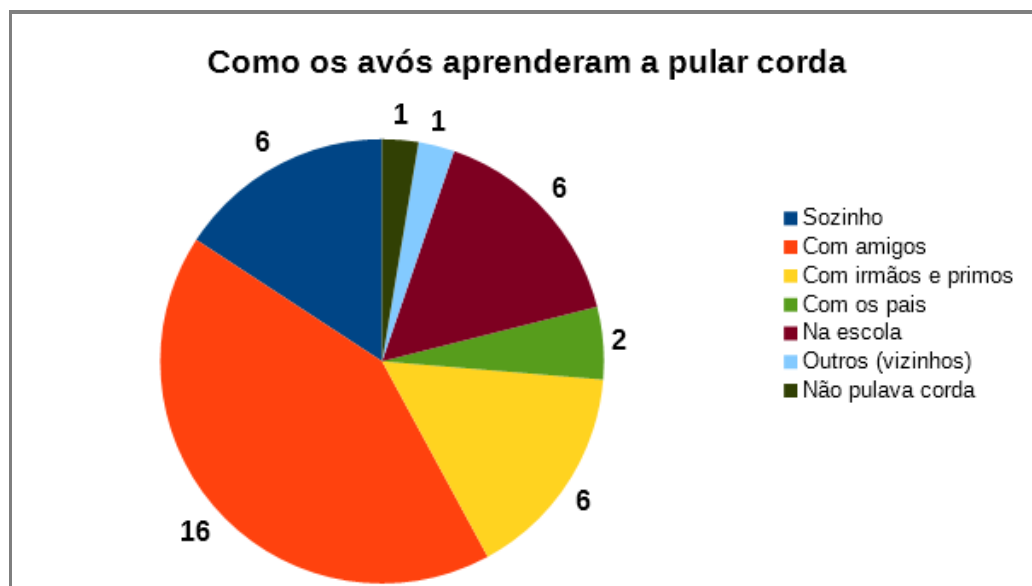
Com relação ao gênero nessas brincadeiras, também apareceu na fala do Sr Dirceu: “Tinha dificuldade (era considerada brincadeira de menina)”. Já o Sr. Oswaldo respondeu que as meninas brincavam de pular corda e ele pulava junto, percebe-se que a brincadeira de pular corda estava mais presente na infância das meninas, mesmo assim, ele brincava com elas.

Ainda com relação a esse assunto, comparando a fala do Sr. Abel e o S. Dirceu, que possuem respectivamente 63 e 67 anos, com a fala do Sr. Oswaldo, com 51 anos de

música, quando chega a canção nos versos “Fogo, foguinho, fogão, a dupla que bate corda acelera o ritmo para desafiar ainda mais quem esta pulando. Se o participante que pular errar, ele para e entra outra criança em seu lugar. (MAPA DO BRINCAR, 2017)

idade, pode-se constatar que, com o passar dos anos, essa situação foi ficando menos evidente, embora ainda existisse a relação de brincadeiras de menina e menino, conforme a fala anterior do Sr. Antônio com 54 anos de idade.

Gráfico 9: Como ou com quem os avós aprenderam a pular corda



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quando perguntado aos avós onde eles aprenderam a pular corda, observa-se no Gráfico 9 que a maioria respondeu que aprendeu com alguém fora da escola, sendo que dezesseis (16) citaram amigos, seis (6) com irmãos e primos, dois (2) com os pais, um (1) com o vizinho. Já na escola apenas seis (6) avós escolheram essa alternativa, o que podemos concluir que o local principal do aprendizado dessa brincadeira era fora da escola.

Assim, quando questionados se eles brincavam de pular corda na escola, do total dos questionários analisados, dezesseis (16) avós responderam que brincavam sim, no pátio, na hora do intervalo, na educação física, um (1) deles salientou que os alunos levavam a corda nas bolsas. Já onze (11) participantes responderam que não brincavam na escola, alegando em algumas falas:

“Não, na escola não era “permitido brincar”, era mais comum brincar com amigos, primos, vizinhos e etc.” (SR. AMADEU)

“Não brincava na escola de corda, porque não tinha escola perto do sítio onde morava.” (SR. ABEL)

“Não, pois na minha época não tínhamos condições de estudar, pois tínhamos que ajudar em casa.” (D. RISOLETA)

“Não, estudei na escola de freiras, isso era proibido”. (D. AUGUSTA)

“Não, não havia pátio para se brincar na escola.” (D. HELENA)

“Morava em fazenda e não frequentava escola.” (D. MARIA)

Analisando os dados acima e as falas, podemos constatar que os avós que brincavam de pular corda na escola, certamente aprenderam a brincadeira fora dela e na escola brincavam nos momentos livres, já os avós que disseram não brincar na escola com brincadeiras de corda, percebem-se que alguns não frequentavam escola e outros que frequentavam-na, não ofereciam condições, tanto no espaço físico quanto para momentos destinados ao lazer dentro dela.

Com relação à facilidade dos avós em pular corda e se eles gostavam, foi possível identificar pelos questionários que todas as avós tinham facilidade em pular corda e que gostavam muito, já os avôs, três deles assumiram que tinham dificuldade em pular corda e, justamente, foram esses três avôs que problematizaram com relação ao gênero nas brincadeiras de pular corda, considerando ser uma brincadeira mais de meninas do que de meninos.

Os avós relataram que, mesmo com brinquedos simples, as suas brincadeiras aconteciam de maneira prazerosa, rodeada de amigos, primos e irmãos. As brincadeiras de pular corda foram uma das mais citadas, principalmente entre as mulheres e apareceu a relação de gênero entre os avôs nessas brincadeiras.

Após essa análise, vemos que ainda hoje alguns Jogos e Brincadeiras Tradicionais que fizeram parte da infância desses avós, está presente na vida das crianças, embora com especificidades distintas, talvez com menos frequência nas ruas ou em suas casas e com menos intensidade.

No entanto, lá de convir que quando tratamos da infância, é necessário considerá-la, conforme Larrosa (2003) nos traz, a sua alteridade, sendo assim, cada criança possui sua verdade e nós devemos estar em prontidão para escutá-las, tomando iniciativas, oportunizando espaços para elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos o início da pesquisa, tínhamos a seguinte problemática: “como os professores têm trabalhado as brincadeiras de pular corda, pertencentes aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais, considerando-as como patrimônio histórico cultural da infância ao receber as crianças no Ensino Fundamental/Anos Iniciais?”, levando a um objetivo principal deste estudo, que trata da análise e disseminação das brincadeiras de pular corda na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental/Anos Iniciais de um município do interior do estado de São Paulo, ou seja, como essas brincadeiras se apresentam hoje, como elas eram e como podemos trabalhar com elas atualmente na escola para a sua propagação como patrimônio cultural da infância.

Desmembrado em três objetivos específicos, o primeiro deles voltado a analisar as percepções dos professores de Educação Física com relação às crianças ingressantes no primeiro ano dos anos iniciais ao introduzir as brincadeiras de pular corda, bem como, evidenciar o processo de ensino aprendizagem desses professores ao ensinar essas brincadeiras. O segundo, constatar como foram as brincadeiras com corda na infância dos avós que possuem vínculo com os alunos do 1º ano e 2º ano, verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento ao longo dos anos. E o terceiro, a elaboração de um vídeo, objetivando subsidiar os professores pedagogo e/ou de Educação Física no ensino das brincadeiras de pular corda, propondo orientações didáticas para desenvolver no aluno a consciência corporal e cultural nessas brincadeiras, efetivando o aprender brincando, bem como preservar o patrimônio histórico da Cultura Corporal de Movimento, legitimado pela história da Educação Física.

Com a pesquisa finalizada, mesmo não sendo um dos objetivos, nos foi possível traçar algumas considerações com relação aos Jogos e às Brincadeiras Tradicionais, identificando que os professores de Educação Física que participaram da pesquisa, apresentam conhecimento desse conteúdo e também diferentes manifestações corporais, entretanto, alguns foram indicando dificuldade no planejamento escolar.

Além disso, constatou-se que, em alguns momentos, o “Jogo” é considerado parte do processo e não como objetivo principal do ensino e da aprendizagem, o que pode estar relacionado com a hegemonia de conteúdos mais favorecidos na Educação Física, como o esporte, a formação dos professores e, conseqüentemente, a superficialidade do conhecimento acerca dos Jogos e das Brincadeiras Tradicionais.

Em se tratando especificamente das brincadeiras de pular corda, averiguamos que os professores percebem que a maioria das crianças que ingressam no Ensino Fundamental/Anos iniciais sentem dificuldade com as brincadeiras de pular corda ou desconhecem elas e as suas cantigas, sendo um conteúdo que deve ser bastante abordado nos primeiros anos do Ensino Fundamental, no entanto, esse aspecto não pode ser motivo para reduzirmos a criança em suas manifestações corporais, cabendo ao professor interpretá-la como tradutora, produtora e reproduzidora de cultura e, a partir disso, traçar caminhos para que os alunos não só aprendam as brincadeiras de pular corda, mas retribuam com os seus conhecimentos.

Nesse lócus é que convidamos os professores a pensarem as manifestações da cultura corporal numa perspectiva culturalmente favorecida, oportunizar aos alunos experiências dos quais Neira (2011b) nos traz:

A partir do mapeamento do patrimônio cultural corporal da comunidade, os educadores investigam e recuperam as experiências dos estudantes, analisando seus saberes sobre as práticas corporais e as formas com as quais a suas identidades se inter- relacionam com essas manifestações. A intenção é trabalhar pedagogicamente esses conhecimentos de tal maneira que as identidades culturais dos grupos que freqüentam a escola possam ser legítimas na instituição e, conseqüentemente, na sociedade [...] (NEIRA 2011b, p. 188)

Reconhecemos que, na visão dos professores, se os alunos tivessem mais experiências com as brincadeiras de corda na Educação Infantil e com um professor da área, ministrando aulas de Educação Física, a dificuldade que eles percebem nas crianças, seria menor. Também apontaram o fato das crianças não brincarem mais tanto nas ruas e em casa contribuindo para isso.

Segundo os professores entrevistados, os alunos apreciam as brincadeiras de pular corda, sendo uma atividade muito bem recebida pelas crianças, no entanto, eles relataram alguns comportamentos dos alunos diante dessas brincadeiras, como o medo e a insegurança, que podem estar relacionados à alguma vivência negativa dessas crianças e a falta de interesse e motivação das crianças à medida em que vão crescendo.

Contudo, acreditamos que independente da experiência das manifestações corporais adquiridas na Educação Infantil e, mesmo diante de tais comportamentos, cabe ao professor investigar e isso envolve o diálogo, o olhar diferenciado e estudos sobre a criança, respeitando sua diversidade cultural e não tratar como divergência e sim, procurar oportunizar diferentes espaços de conhecimentos para o ensino e a

aprendizagem, não só das brincadeiras de pular corda, mas todas as outras que fazem parte da cultura corporal de movimento e do cotidiano do aluno.

Constatamos que os professores de Educação Física reconhecem que as brincadeiras de pular corda proporcionam o desenvolvimento integral da criança, todavia, sentimos a falta de abordarem na questão do resgate das brincadeiras com corda enquanto patrimônio histórico cultural.

Diante disso, acreditamos também que não basta culpar um, ou outro, cabendo uma melhor compreensão das culturas infantis no espaço escolar, e que a criança é mais do que já sabemos ou nos propomos a dizer, a saber, para Larrosa (2003) ela deve ser entendida “como um outro”, esclarecendo que é “aquilo que sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas [...]” (p. 184).

Com relação ao processo de ensino aprendizagem dos professores nas brincadeiras de corda, constatamos que a maioria dos professores trabalham com essas atividades considerando suas experiências e vivências e, a partir delas, foram criando condições aos alunos, uns mais e outros menos. Mostrando-se interessados em materiais sobre o assunto para possíveis consultas para a melhoria do ensino e da aprendizagem dos alunos.

Das brincadeiras citadas pelos avós, muitas ainda conhecidas por nós e algumas, provavelmente, pelos alunos. No entanto, os avós relataram características de brinquedos feitos à mão, confeccionados, muitas vezes, a partir de objetos disponíveis em suas casas, diferente de hoje, que as crianças estão rodeadas com brinquedos industrializados.

E é nessa riqueza que podemos enxergar possibilidades em nossas práticas, trazer a memória desses avós para a escola na atualidade é poder compartilhar de experiências que os avós tiveram e que nossos alunos não têm, porque são frutos da sua cultura inserida.

As brincadeiras de pular corda foram uma das mais citadas como favoritas entre as avós e alguns avôs, nas suas recordações dessas brincadeiras aconteciam, normalmente, em grupo de amigos e irmãos, constatando a prevalência de avós ao aprender a pular corda fora da escola, com ajuda de amigos, irmãos e primos. Na escola, como já sabiam a pular, eles brincavam no intervalo ou em momentos livres.

Essas brincadeiras eram bem aceitas pelos avós, relataram ter facilidade e gostar dela, todavia, alguns avôs consideravam a brincadeira como sendo só de menina,

demonstrando que, nessa época, diferenciavam o que caracterizavam com relação às brincadeiras de meninos e de meninas.

Entendemos que a história de vida dos avós e a relação com suas brincadeiras é de grande valia para a aproximação das crianças de hoje, mas não podemos e não conseguiremos estabelecer as mesmas experiências do brincar, certamente serão outras e as contribuições também serão, sendo mais uma possibilidade na escola.

Enfim, com esta pesquisa esperamos contribuir com os professores na importância e na valorização de compartilhar das gerações, de manter viva na infância das crianças os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e, em especial, as brincadeiras de pular corda, que ela possa ganhar vida nas novas gerações, não apenas como um simples objeto, mas como um objeto que ganha vida na brincadeiras e é concebido como um patrimônio cultural de todas as infâncias.

Assim, finalizamos esta pesquisa com a certeza de que a busca do conhecimento para a vida do docente deve ser constante, participar do mestrado profissional proporciona ao pesquisador uma experiência não só no conhecimento científico, mas, ao mesmo tempo, nos leva a aprimorar a prática pedagógica como um todo, além do mais, ao propor um produto educacional, estamos contribuindo para que outros docentes se encorajem a estudá-lo e a buscar mais conhecimento, o que refletirá diretamente e efetivamente na formação do aluno.

DESENHO DO PRODUTO

Título do vídeo: Vamos Brincar de Pular Corda?

Introdução

Ao trabalhar com a Educação Física na Educação Básica, estamos trabalhando com múltiplas infâncias, nos quais os alunos possuem singularidades diferentes uns dos outros devido à sua bagagem cultural na sua experiência de vida. Com a crescente globalização e, conseqüentemente, a cada vez mais informação em torno da criança, assim, o seu modo de brincar e interagir muda constantemente e elas estão vivendo numa frenética alienação tecnológica, tomando espaço em suas vidas cada vez mais. Assim, a Educação Física pode ser considerada um campo para estabelecer, além de vínculo com a família, dar condições para que, a partir de seus conteúdos, os alunos tenham contato com as suas origens culturais ao trabalhar os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais na escola.

Para a conclusão do curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP – Campus de Bauru, é necessário a elaboração de um Produto, efetivando, assim, um dos seus objetivos, os quais envolvem a busca por saberes produzidos na universidade aos saberes da prática pedagógica dos professores que atuam em sala de aula da Educação Básica, assim, após realizar a pesquisa presente, intitulada como: **“Brincadeiras de pular corda: aprendendo e ensinando com a sua trajetória histórica”**, unindo e articulando os dados coletados nas entrevistas e nos questionários com o referencial teórico estudado, resultou um material concreto e que ofereceu subsídio para a elaboração de um vídeo abordando as brincadeiras de pular corda nas culturas infantis, denominado de: **Vamos Brincar de Pular Corda?**

Pretende-se com vídeo oferecer aos professores pedagogos e de Educação Física subsídios que lhes deem suporte para trabalhar as brincadeiras de pular corda numa perspectiva Cultural da Educação Física, disponibilizando sugestões e desafios e que, a partir do brincar das crianças, unindo-se à experiência dos avós e à prática pedagógica do professor, possibilite a aprendizagem efetiva dos alunos nas brincadeiras de pular corda e saiba desfrutar dessa brincadeira em suas várias possibilidades, principalmente na valorização dessas manifestações corporais como um patrimônio da

infância das crianças, para que eles possam ter condições de apoderar-se delas no sentido de pertencimento histórico de suas vidas.

Espera-se que, com a produção desse vídeo, tanto o professor pedagogo e/ou especialista em Educação Física, possam valorizar as brincadeiras de pular corda na escola, transmitindo-as aos alunos como um conteúdo de Educação Física legitimado pela história. E que, a partir dele, juntamente com a sua experiência prática pedagógica possa contribuir para a sua reflexão e favorecer um ambiente de ensino e de aprendizagem motivadora, assegurando ao aluno o direito desse conhecimento de maneira efetiva e preservando uma infância digna de brincar e aprender brincando com a sua história.

Objetivos do Produto

Subsidiar o professor pedagogo e/ou de Educação Física no ensino das brincadeiras de pular corda, propondo orientações didáticas para desenvolver no aluno a consciência corporal e cultural nessas brincadeiras, efetivando o aprender brincando, bem como preservar o patrimônio histórico da Cultura Corporal de Movimento, legitimado pela história da Educação Física.

Metodologia

O desenvolvimento da construção da produção do vídeo foi realizado em **quatro etapas**. Na **primeira etapa**, aconteceu o convite aos alunos do 1º e do 2º anos da escola, o convite seguiu aos pais, através dos alunos, esclarecendo como iria acontecer o processo e a sua finalidade, ressaltando que esses pais já haviam sido comunicados anteriormente numa reunião específica sobre a pesquisa e o suposta filmagem.

Nessa mesma fase foi realizado o convite aos avós que apresentavam vínculo com os alunos, aos dois professores de Educação Física e à Psicóloga Social por telefone. Já o convite ao Professor Pedagogo de uma das salas de aula e à Coordenadora Pedagógica, ambas da mesma escola, o convite foi feito pessoalmente. Todos eles me atenderam com muita prontidão e, em nenhum momento, se mostraram resistentes à participação na pesquisa.

Para finalizar a primeira etapa da construção do vídeo, foi feito o contato com a equipe técnica e construído o roteiro do mesmo. Ele foi dividido em quatro esferas do

aprender: Pesquisa/acervo; Ampliação; Aprofundamento e Disseminação do conhecimento, descritos na tabela abaixo:

Tabela 2: Roteiro para a construção do vídeo

ESFERAS DO APRENDER		FINALIDADE	AÇÕES	LOCAL DA FILMAGEM	PARTICIPANTES DA CENA
1º Momento Pesquisa/Acervo	Arqueologia do brincar de pular corda	Recorrer à memória dos mais velhos sobre as brincadeiras de pular corda	Solicitar às crianças uma pesquisa/entrevistas aos avós ou pessoas mais velhas sobre as brincadeiras de pular corda.	Sala de aula	Professora de Educação Física (pesquisadora) e as crianças do 1º ano A e 2º B da E.E. Profº Henrique Bertolucci.
			Levantamento e reflexão sobre as formas de brincar, das parlendas e cantigas das brincadeiras de pular corda com o material pesquisado pelos alunos (Roda de conversa).	Sala de aula	Professora de Educação Física (pesquisadora) e as crianças 1º ano A e 2º B.
			Entrevistar alguns avós sobre as brincadeiras de pular corda.	Quadra/pátio /biblioteca e parque.	Avós e professora de Educação Física (pesquisadora)
2º Momento Ampliação	2º Momento Ampliação Brincando de pular corda	Ampliação Brincando de pular corda Identificar o que as crianças sabem sobre as brincadeiras de pular corda e como elas brincam entre si.	Disponibilizar várias cordas de diferentes tamanhos para que as crianças explorem o material à vontade.	Quadra e área livre da escola	Professoras de Educação Física (pesquisadora), Professoras Pedagogas e as crianças do 1º A e B.
			A partir do que as crianças brincaram fazer uma reflexão com elas sobre essas brincadeiras, valorizando enquanto patrimônio histórico cultural da infância e incentivando-as a cultivar essas brincadeiras (roda de conversa).		
		Mediar às brincadeiras de pular corda	Mediar as brincadeiras de pular corda, procurando facilitar para que as crianças superem as dificuldades e consigam brincar com prazer, entendendo também que nas brincadeiras de pular corda envolve a		

			coordenação motora dos movimentos e o ritmo.		
3º Momento Aprofundamento	Aprofundamento Brincando de pular corda com os avós	Aprofundamento Brincando de pular corda com os avós Reforçar as brincadeiras de pular corda como patrimônio histórico cultural, levando as crianças a refletirem no processo de como aconteciam essas brincadeiras na infância desses avós e como ela é hoje feita.	Escolher algumas brincadeiras de pular corda que os avós brincavam e algumas as crianças brincam e eles juntos desfrutarem delas. Roda de conversa final, tanto os avós, quanto as crianças relatando o que sentiram e como foi esse momento.	Quadra da escola	Avós, crianças, Professoras Pedagogas do 1º A e 2º B e a Professora de Educação Física (pesquisadora)
4º Momento Disseminação do conhecimento (Sugestão no vídeo)	Disseminação do conhecimento do Festival de Brincadeiras de pular corda	Disseminação do conhecimento Festival de Brincadeiras de pular corda Compartilhar as brincadeiras de pular corda e disseminar novas formas de brincar.	Convidar os pais, irmãos e toda a família a participar de um festival na escola com brincadeiras de pular corda envolvendo toda a comunidade escolar.	Espaço livre da escola.	Professora de Educação Física (pesquisadora) dando a sugestão no vídeo.

Além do processo descrito acima, conforme já dito antes, o vídeo contou com a participação de convidados, a escolha desses profissionais se deu pensando pelas diversas áreas que atuam no contexto escolar, escolhendo assim uma professora de Educação Física dos Anos Iniciais, um professor de Educação Física que já atuou como coordenador de área e que possui uma visão geral não só na docência, mas de um processo que envolve a Educação Física Escolar como um todo, desde a sua gestão até os quatro níveis de estudos da área (Fundamental Anos Iniciais, Anos Finais, Ensino Médio e Ensino Superior). Na área da gestão, foi convidada a coordenadora pedagógica da escola, por ser a pessoa que esta integrada no processo educacional do aluno,

envolvendo todos os componentes curriculares, já a professora escolhida para participar do vídeo, foi uma professora pedagoga que possui uma vasta experiência no primeiro ano dos Anos Iniciais. E, por fim, a psicóloga que, apesar de não atuar dentro da escola, trabalha no Centro de Referência de Assistência Social mais próximo da escola onde se deu a pesquisa, portanto, uma pessoa que conhece a realidade das famílias ali inseridas e que atua efetivamente com elas. Conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 3: Profissionais convidados a participar do vídeo

CONVIDADOS	ÁREA DE ATUAÇÃO	RELATOS	LOCAL DA FILMAGEM
Suzi Dornelas e Silva	Professora de Educação Física de Anos Iniciais da E.E. Profº José Ranieri.	As brincadeiras de pular corda na perspectiva Histórico Cultural e qual a sua percepção das crianças nessas brincadeiras.	Biblioteca ou área livre da escola.
Rodrigo Cordeiro Camilo	Professor de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo e Ex- Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico de Educação Física da SEE-SP/Bauru.	Motivação dos alunos nas brincadeiras de pular corda.	Biblioteca ou área livre da escola.
Ana Lúcia Coelho	Psicóloga Social atuante nas famílias do CRAS/Jd Ferraz-Bauru-SP.	A importância da família nas brincadeiras para o desenvolvimento psicológico da criança e o reflexo na adolescência e vida adulta.	Biblioteca ou área livre da escola.
Aline Fernanda Colaccino	Coordenadora pedagógica da E.E. Profº Henrique Bertolucci.	A integração entre família e a escola no processo de ensino aprendizagem das crianças.	Biblioteca ou área livre da escola.
Priscila Carrara	Professora Pedagoga da E.E. Profº Henrique Bertolucci e EMEF Geraldo Aroni.	A parceria entre os professores de sala e de Educação Física nas brincadeiras.	Biblioteca ou área livre da escola.

Faria parte do vídeo também, o relato de uma família, falando da participação nas brincadeiras com os seus filhos, no entanto, as duas primeiras famílias que escolhemos não quiseram participar, alegando vergonha e a última tentativa já estava confirmada pela

mãe, porém, no último momento, ela nos enviou um bilhete no caderno do aluno com o seguinte texto:

“Olá professora, quero desde já me desculpar, pois não vai dar para eu fazer aquela entrevista, achei melhor deixar para outra família que brinque mais com seu filho!
Ontem eu perguntei a ele se alguém perguntasse se o pai e a mãe brincam com ele, ele respondeu não. Eu não o culpo pela resposta, pois quase não brincamos com ele mesmo!”(MÃE DO ALUNO)

Ficamos um pouco perplexas com esta afirmação, no entanto, ela foi sincera em expor o que realmente aconteceu, infelizmente não são raros casos como esse na vida de muitas crianças. Observando-se a necessidade de se trabalhar futuramente com as famílias e com os alunos da escola, a relação do brincar, possibilitando a eles reflexão sobre a ausência do brincar com seus filhos e com os alunos, externalizando esses sentimentos de como eles percebem e sentem a atitude dos pais.

Assim, como já estávamos com o tempo cronometrado, optamos por não colher o depoimento da família.

De posse aos termos de livre consentimento de participação no vídeo das crianças, seguimos a pesquisa de campo e demos início à **segunda etapa** da construção do vídeo e iniciamos as primeiras filmagens. Essa primeira coleta das gravações nós contamos com a colaboração das Professoras das duas salas de aula escolhidas para participar, visto que para a gravação do 1º momento do vídeo, se trataria de uma solicitação das crianças de uma pesquisa com os avós sobre as brincadeiras de pular corda e, após o retorno dela, a reflexão sobre as formas de brincar pesquisadas com eles e o momento da ampliação, no qual as crianças tiveram a oportunidade de brincar com as brincadeiras de pular corda como conheciam e, também, com a mediação da professora, a equipe técnica estaria na escola apenas na outra semana.

Já para o segundo dia de gravação, a equipe técnica nos auxiliou, a intenção foi colher depoimentos dos avós convidados, assim, realizamos as entrevistas com 08 avós, de acordo com a descrição da tabela, procuramos abordar as suas brincadeiras de infância e as brincadeiras de pular corda.

Tabela 4: Avós participantes do vídeo

AVÓS CONVIDADOS	IDADE	NETA (O)/ANO ESCOLAR
Maria Bezerra Batista	72 anos	Sophia 2º ano
Maria Helena da Silva Custódio	63 anos	Murilo 2º ano
Josefa de Carvalho Simas	60 anos	Marina 2º ano
Etelvaldes de Souza Soares	67 anos	Mariana 2º ano
José dos Santos Simas		Marina 2º ano
Aguinaldo Oliveira Munhoz	54 anos	Giovana 2º ano
Regina Celia dos Reis	54 anos	Rafael 1º ano
Rosana Celeste Pereira Pinto	62 anos	Maria Clara e Felipe 1º ano

Ressaltando que, dentre os avós participantes, a Sra. Josefa e o Sr. José são órfãos, se conheceram no orfanato na infância e se casaram.

Nesse mesmo dia, esses avós foram convidados a subir na quadra para participar do momento de Aprofundamento, e eles puderam brincar e conversar com as crianças sobre diversos aspectos que envolviam as brincadeiras de pular corda, finalizando, assim, a segunda etapa da construção do vídeo.

A **terceira etapa** de construção se deu no dia seguinte, com o depoimento dos professores de Educação Física, da Pedagoga e da Coordenadora Pedagógica, cada depoimento focava um objetivo, conforme a descrição da tabela 3. Essa terceira etapa foi finalizada na semana seguinte, onde fomos com a equipe técnica até o local de trabalho da psicóloga e realizamos o último depoimento previsto.

O vídeo foi finalizado na **quarta etapa** com o processo de edição e seleção das cenas, bem como a revisão final, idealizando o produto dessa pesquisa, o vídeo “**Vamos Brincar de Pular Corda?**” no qual ficará disponível gratuitamente no repositório da UNESP e no site do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica da FC – UNESP – Campus de Bauru – SP.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. RJ: Zahar, 1978.

ARROYO, M. G. A construção social da infância. In: **Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos**. Belo Horizonte: CAPE, 1994, p. 11-7.

AYOUB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 53-60, 2001. Suplemento 4. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v15%20supl4%20artigo6.pdf>>. Acesso em 15 Jul. 2015.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BERNARDES, E. L. Jogos e Brincadeiras Tradicionais: um passeio pela história. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro da História da Educação. Percursos e desafios da Pesquisa e da História da Educação**. 17 a 20 de Abril/2008, Uberlândia-MG. Anais... Uberlândia/MG. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/47ElizabethBernard>>. Acesso em: 19/04/2017.

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E. C. M. A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.27, n.3, p.467-483. Set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1807-55092013000300013&lng=e. Acesso em 19/12/2017.

BETTI, Mauro. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y.M. de; RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

BETTI, M.; KURIKI, F. M. As proposições teóricometodológicas para a Educação Física escolar das décadas de 1980 e 1990: antes, agora, e depois? **EFDeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires, Ano 15, Nº 153, Fev./2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd153/as-proposicoes-para-a-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 05-04-2017.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BONAMINO, A. MARTÍNEZ, S. A. Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental: a participação das instâncias políticas do Estado. **Educação & Sociedade**, Set 2002, vol.23, no.80, p.368-385. ISSN 0101-7330.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRACHT, V. A educação física no ensino fundamental. In: **I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais**. Anais... Belo Horizonte, novembro de

2010. p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file>. Acesso em 12/09/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 11.274, 6 de fevereiro de 2006. **Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial da União, Brasília, 7 fev. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm. Acesso em 04/04/2016.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>. Acesso em: 10/10/2017.

_____. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 09/04/16.

_____. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. **Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294/1996**. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.793.htm. Acesso em: 09/04/16.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>. Acesso em 10/10/2017.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

_____. **Apresentação/História**. [2016]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/institucional/historia>. Acesso em 09/04/2016.

_____. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996 dá outras providência. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em 22/12/2017.

BUENO, F. C. R. **Padrão de coordenação do pular corda: um estudo desenvolvimental**. 2004. 101 f. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/87384>. Acesso em 04/05/2017.

CAMILO, Rodrigo Cordeiro. **Mídias e Linguagem Audiovisual: investigando possibilidades na prática pedagógica do professor de Educação Física**. 2012. 209 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96686>. Acesso em: 24/07/2017.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2005.

CHAPARIN, F. C. S. **Brincadeiras de pular corda: resgate da cultura popular**. 1991. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação Física Escolar)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000328322>>. Acesso em: 04/04/2017.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

COLACINO, A. F. **A função social da escola: convergências e divergências na expectativa da família e da escola na formação da criança**. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica), FC/UNESP- Bauru/SP. 22-02-2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DOUBLE DUTCH E ROPE SKIPPING (CBDDRS). **Modalidades**, 2017. Disponível em : <<http://cbddrs.org.br/modalidades>>. Acesso em: 03/05/2017.

COSTA, L. A. P. P. **Um olhar sobre a infância e as brincadeiras a partir de relato de idosos da cidade de mineiros**. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás- Goiânia-GO. 09-09-2008.

CRAIDY, C. E. ; BARBOSA, M. C. S. Ingresso Obrigatório No Ensino Fundamental aos 6 anos. In: In: BARBOSA, M. C. S.; DELGADO, A. C. C. & Cols. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p.19-36.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução: Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

_____. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNESP/SP. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2012. p. 51-75, v. 16. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41556/1/Caderno_blc2_vol6.pdf>. Acesso em 14-05-2017.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DEBORTOLI, J. A.; LINHALES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física "para" e "com" as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 92-105, nov. 2006. ISSN 1980-6183. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/48>. Acesso em: 01/03/2016.

DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

DORNELLES, L. V. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Porto Alegre: Vozes, 2005.

_____. **Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca.** Disponível em : <http://nuted.ufrgs.br/oa/pi/html/todomundobrinca.html>. Acesso em 18/12/2017.

DUARTE, M. S. **A contribuição dos recursos das TDICS no processo de ensinar e aprender.** 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Câmpus de Frederico Westphalen – URI-FW. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-119.pdf>. Acesso em:30/08/2017.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física Escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo.** 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

ESTÁCIO, M. M. de S. **Um olhar sociológico sobre a criança e o brincar.** Natal/RN: EDUFRN, 2011. Coleção Dissertação e teses do CCHLA – UFRN. Disponível em : <http://cchla.ufrn.br/publicacoes/olhar.pdf>. Acesso em 20/08/2017.

FERNANDES, F. As “trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In **Pro-Posições.** V. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004.

FRANCHI, S. RIBAS, J. F. M. Jogos Tradicionais e Praxiologia motriz: elementos para a organização do trabalho pedagógico e da didática na educação física escolar. In: FERREIRA, L.Ap. RAMOS, G. N.S. **Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz:** compreendendo as práticas corporais. Curitiba: CRV, 2017.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro:** Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **Paisagens infantis:** uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças. 2011. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3284>>. Acesso em: 03/03/2016.

_____. **O Universo Simbólico da Criança:** Olhares sensíveis para a criança. Coleção Educação e Infância. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. Brincar na infância: berço das naturezas, linguagens e culturas das crianças. **Revista Novos Dramaturgos**, São Paulo, n. 178, 29 mar. 2012. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5815_BRINCADEIRA+A+LINGUAGEM+DA+INFANCIA. Acesso em 05/10/2017.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 03-11, June 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/01/2018.

GAUTHIER, C.; TARDIFF, M. **A Pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias**. Tradução: Lucy Magalhães. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2010.

GONZÁLEZ, F. J.; SCHWENGBER, M. S. V. **Prática Pedagógica em Educação Física: Espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Eldebra, 2012.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

INFOPÉDIA. **Tendência (história)** in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$tendencia-\(historia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$tendencia-(historia)). Acesso em 03/02/2017.

KHISHIMOTO, T. M. **O jogo, a Criança, e a Educação**. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J. ; PAGEL, S. D. ; NASCIMENTO, A. R. do. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Estação Gráfica, 2006. p. 13-23.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.183-207.

LOBO, A.P. S. L. A Educação Infantil a criança e o ensino Fundamental. In: BARBOSA, M. C. S.; DELGADO, A. C. C. & Cols. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 69-78.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.

MACEDO, T. F.; RUSSO, A. C.R.; SOUZA, R. S. M. S; FERREIRA, L. A. Pensando o currículo de educação física do estado de São Paulo a partir da praxiologia motriz .In: **V Congresso Brasileiro de Educação**, 2015, Bauru Anais...Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2015.

MAPA DO BRINCAR. **Mais brincadeiras com corda**. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/corda/228-salada-saladinha->>. Acesso em 03/08/2017.

MARCILIO, D. S.; AULICINO, M. P. Brincadeiras, lugares e modos de vida na memória de antigos moradores dos Distritos da Penha e do Cangaíba no Município de São Paulo. **XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade**, Rio Grande do Sul: 2016. Anais...Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Disponível em: <http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461642104_ARQUIVO_ArtigoPortoAlegreV4.pdf> Acesso em 07/05/2017.

MARIN, E. C.; RIBAS, J. F. M. (orgs.). **Jogo Tradicionais e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, L. T.; CASTRO, L. R. Crianças na contemporaneidade: entre as demandas da vida escolar e da sociedade tecnológica. **Revista Latino-americana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud**, 2 (9), p. 619 – 634, 2011.

MARTINY L. E. ; FLORÊNCIO, S. Q. N. ; GOMES-DA-SILVA. P. N. O referencial Curricular da Educação Física do Estado de São Paulo: Uma análise qualitativa de conteúdo. **Pensar a Prática**, [S.l.], v.14, n.1, maio 2011. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/9769/9144>>. Acesso em 13/08/2017.

MELLO, A. M. **Psicomotricidade, Educação Física e Jogos Infantis**. 7ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1989.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Estado da Educação** Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000011650.pdf>> Acesso em 26/08/2017.

NEIRA, M. G. **Educação física: desenvolvendo competências**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física**. São Paulo: Blucher. 2011a. (Coleção: A reflexão e a prática no ensino; vol.8).

_____. **O currículo cultural da educação física em ação: a perspectiva dos seus autores**. 2011. Tese(Livre Docência em Educação Física (estudo e ensino))- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011b.

_____. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 276 – 304, maio/ago. 2015.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativa**. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, set. 2016. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p188>>. Acesso em: 16 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p188>.

NICOLIELO, M. E.; SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. Brincar na educação infantil como experiência de cultura e formação para a vida. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 285-298, ago. 2017. ISSN 1984-6444. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/22271>>. Acesso em: 24 mar. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1984644422271>.

OKAMOTO, S. R. S. **O Jogo Popular como Conteúdo de Ensino nas Aulas de Educação Física**. 2011. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR. Disponível em: http://www.uel.br/cef/demh/especializacao/doc/monografias/Sueli_Ribeiro.pdf. Acesso em 30-03-2017.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação escolar da criança de 0 a 6 anos: desenvolvimento e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin**. 2006. 206 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara/SP, 2006. . Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90339>. Acesso em: 02/10/2017.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia**, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto/SP, n. 4, p. 15-30, 1993. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/29513>. Acesso em 17-01-2017.

ROSA, M. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SACRISTÁN, G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, C. A. S. dos. **Currículo, infância e educação corporal: fundamentos na perspectiva da abordagem histórico-cultural e diretrizes curriculares no campo da interdisciplinaridade**. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica). FC/UNESP- Bauru/SP. 19-02-2016.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SATO, A. P. B. **Rope skipping: Uma nova modalidade esportiva**. 2002. 43f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). UNICAMP – Campinas/SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000321829>. Acesso em: 10/07/2017.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

SILVA, A. L. B. da. A sociedade contemporânea: a visão de Zygmunt Bauman. **Revista Extraprensa**, [S.I.], v. 4, n. 2, p. 31-37, jun. 2011. ISSN 2236-3467. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77237>. Acesso em: 16 Jul. 2015.

SILVA, J.; SAMPAIO, T. Jogos tradicionais: reprodução, ampliação, transformação e criação da cultura corporal do movimento. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.19, n.1, p.72-86, 2011.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá/PR, v.19, n.3, p.313-331, 2008.

VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VIDA, I. G.; RUSSO, A. C. R. R.; TEZANI, T. C. R. **A utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Jogos e Brincadeiras Tradicionais na Educação Física**. Anais do I Congresso de Educação PET Pedagogia, Araraquara SP: Faculdade de Ciência e Letras, 2016 v. 1, p. 75 – 76.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-professores**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP**

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU

Faculdade de Ciências

Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A pesquisa intitulada BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA tem como objetivo geral a reinterpretção das brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, para tanto, pretende-se analisar as percepções dos professores de Educação Física com relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental ao introduzir as brincadeiras com corda, bem como evidenciar o processo de ensino aprendizagem destes professores ao ensinar as brincadeiras com corda, também evidenciar e comparar a infância de idosos da mesma cidade que possuem vínculo com uma das escolas, procurando verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento ao longo dos tempos. A expectativa com esta investigação é a elaboração de um vídeo documentário, com a história de vida dos idosos sobre suas brincadeiras de infância e com uma sequência didática, servindo como material de apoio para os professores.

A pesquisa fará uso de entrevistas, sendo que os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos e a identidade dos participantes mantidas em sigilo. Os riscos da pesquisa são mínimos, havendo suporte do pesquisador quando se fizer necessário.

Os participantes poderão isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejarem, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável da pesquisa. Tais participantes também não terão qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-los por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovado nexos causal.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador(a) do RG n.º _____ e CPF _____, me comprometo a participar, como voluntário(a), da referida investigação de autoria e execução da Mestranda Angela Cristina Rodrigues Russo sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, junto ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Curso de Mestrado Profissional – UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

 Assinatura do/da participante

Bauru, ____ de _____ de 20__

Telefones para contato: _____

Informações da pesquisadora

E-mail: angelacrusso50@gmail.com

Telefone para contato: (14) 99113-1101 / 33139-9031

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- AVÓS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
 Faculdade de Ciências
Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada **BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA** tem como objetivo geral a reinterpretação das brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, para tanto, pretende-se analisar as percepções dos professores de Educação Física com relação às crianças ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental ao introduzir as brincadeiras com corda, bem como evidenciar o processo de ensino aprendizagem destes professores ao ensinar as brincadeiras com corda, também evidenciar e comparar a infância de idosos da mesma cidade que possuem vínculo com uma das escolas, procurando verificar e apontar as transformações dessa Cultura Corporal de Movimento ao longo dos tempos. A expectativa com esta investigação é a elaboração de um vídeo documentário, com a história de vida dos idosos sobre suas brincadeiras de infância e com uma sequência didática, servindo como material de apoio para os professores.

A pesquisa fará uso de questionários, sendo que os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos e a identidade dos participantes mantidas em sigilo. Os riscos da pesquisa são mínimos, havendo suporte do pesquisador quando se fizer necessário.

Os participantes poderão isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejarem, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável da pesquisa. Tais participantes também não terão qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-los por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovadonexo causal.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador(a) do RG n.º _____ e CPF _____, me comprometo a participar, como voluntário(a), da referida investigação de autoria e execução da Mestranda Angela Cristina Rodrigues Russo sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, junto ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Curso de Mestrado Profissional – UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

 Assinatura do/da participante

Bauru, ____ de _____ de 20__

Telefones para contato: _____

Informações da pesquisadora

E-mail: angelacrusso50@gmail.com

Telefone para contato: (14) 99113-1101 / 3313-9031

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO- AVÓS



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
Faculdade de Ciências

Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica

Termo de Assentimento e autorização para utilização de imagem e vídeo

Você esta sendo convidado a participar do trabalho intitulada **BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA**, o objetivo da pesquisa é a reinterpretação das brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, e como resultado da pesquisa, será feito um vídeo com a história de vida dos idosos sobre suas brincadeiras de infância e com uma sequência didática com os alunos.

As filmagens serão feitas na escola no horário agendado para a sua entrevista, portanto sua imagem estará no vídeo documentário e o vídeo produzido será utilizado para fins científicos, para que outros professores o assistam.

Os riscos da pesquisa são mínimos, e sempre que precisar pode contar com o suporte do professor/pesquisador, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu e você poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora/pesquisadora Angela Cristina Rodrigues Russo, sob a orientação da Profa. Dra. Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pessoalmente ou pelo telefone (14) 991131101ou (14) 33139031.

Deste modo, eu _____, CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado (a) à Av/Rua _____ Cidade: _____

AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da minha imagem nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Assinatura do participante

Assinatura da professora/pesquisador

Bauru(SP), ____ de _____ de 2017.

APÊNDICE D-TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO PAIS



unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
 Faculdade de Ciências
 Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica

Termo de Autorização para utilização de imagem e vídeo

Seu filho (a) esta sendo convidado a participar do trabalho intitulada **BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA**, o objetivo da pesquisa é a reinterpretação das brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, e como resultado da pesquisa, será feito um vídeo com a história de vida dos idosos sobre suas brincadeiras de infância e com uma sequência didática com os alunos.

As filmagens durante as aulas de Educação Física farão parte deste vídeo para a sequência didática, portanto a imagem do seu/sua filho (a) estará no vídeo documentário.

Se ele sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, vocês poderão procurar a professora/pesquisadora Angela Cristina Rodrigues Russo, sob a orientação da Profa. Dra. Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pessoalmente ou pelo telefone (14) 991131101ou (14) 33139031.

Deste modo, eu _____, CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado (a) à Av/Rua _____ Cidade: _____

AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da imagem do meu/minha filho (a) _____ nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

 Assinatura dos pais ou responsáveis do participante

 Assinatura da professora/pesquisador

Bauru(SP), ____ de _____ de 2017.

APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA A UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO-ALUNOS



unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
 Faculdade de Ciências
 Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica

Termo de Assentimento e autorização para utilização de imagem e vídeo

Você esta sendo convidado a participar do trabalho intitulada **BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA**, o objetivo da pesquisa é a reinterpretação das brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental - Anos Iniciais, e como resultado da pesquisa, será feito um vídeo com a história de vida dos idosos sobre suas brincadeiras de infância e com uma sequência didática com os alunos.

As filmagens serão feitas na escola no horário agendado para a sua entrevista, portanto sua imagem estará no vídeo documentário e o vídeo produzido será utilizado para fins científicos, para que outros professores o assistam.

Os riscos da pesquisa são mínimos, e sempre que precisar pode contar com o suporte do professor/pesquisador, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu e você poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora/pesquisadora Angela Cristina Rodrigues Russo, sob a orientação da Profa. Dra. Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pessoalmente ou pelo telefone (14) 991131101ou (14) 33139031.

Deste modo, eu _____, CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado (a) à Av/Rua _____ Cidade: _____ **AUTORIZO,**

através do presente termo, a utilização da minha imagem nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

 Assinatura do participante

 Assinatura da professora/pesquisador

Bauru(SP), ____ de _____ de 2017.

APÊNDICE F: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: BRINCADEIRAS COM CORDA: ENSINANDO E APRENDENDO COM A SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Pesquisador: Angela Cristina Rodrigues Russo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63859717.0.0000.5398

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista campus Bauru

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.930.799

Apresentação do Projeto:

A proposta principal é reinterpretar as brincadeiras de cordas na infância das crianças das Escolas de Ensino Fundamental, demonstrando as áreas de desenvolvimento beneficiadas, bem como, a sua disseminação como patrimônio da cultura corporal.

Objetivo da Pesquisa:

Correspondem as escolhas dos métodos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão devidamente apresentados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os procedimentos metodológicos sugeridos estão condizentes com as necessidades e os objetivos propostos pelo projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pertinentes e devidamente apresentados.

Recomendações:

Nada a declarar.

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-6087

Fax: (14)3103-6087

E-mail: arimaia@fc.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU
- JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 1.930.799

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto em pauta se encontra elaborado em acordo com os parâmetros éticos presentes na Resolução 466/12 tanto em sua dimensão metodológica como em respeito aos direitos dos sujeitos envolvidos na investigação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_805133.pdf	16/01/2017 18:40:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Assentimento_Livre_Esclarecido_alunos.doc	16/01/2017 18:35:02	Angela Cristina Rodrigues Russo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_Livre_Esclarecido_professores.doc	16/01/2017 18:34:40	Angela Cristina Rodrigues Russo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Angela_Russo.doc	16/01/2017 18:31:07	Angela Cristina Rodrigues Russo	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.doc	16/01/2017 16:53:10	Angela Cristina Rodrigues Russo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 17 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Alessandro Moura Zagatto
(Coordenador)

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-6087

Fax: (14)3103-6087

E-mail: arimaia@fc.unesp.br

APÊNDICE G: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA/ANOS INICIAIS

Data: **Tempo de entrevista:**

Dados

Nome:

Idade:

Formação do profissional

Local de formação e curso:

Ano em que se formou:

Pós Graduação:

Tempo de atuação na escola:

Tempo em que atua nos Anos Iniciais:

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?
- 2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?
- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?
- 4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?
- 5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?
- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)
- 7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?
- 8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.
- 9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

- 10-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?
- 11-Falando no contexto dos Jogos e Brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?
- 12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente
- 13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

APÊNDICE H: QUESTIONÁRIOS A SEREM RESPONDIDOS PELOS AVÓS DOS ALUNOS

Nome: _____ Idade: _____

RG: _____ CPF: _____ Telefones: _____

1- Como eram as brincadeiras de sua infância? (Fale do que brincava, se brincava com algum brinquedo ou objeto, etc.)

R: _____

2- Do que mais gostava de brincar?

R: _____

3- Onde costuma brincava? (pode assinalar mais de uma questão)

- () Na rua () Na escola
() Em minha casa () Outros _____
() Na casa de meus avós

4- Com relação às brincadeiras de corda, lembra de alguma que brincava? Consegue descrever como brincava?

R: _____

5- Como aprendeu a pular corda?

- () Sozinho
() Com os meus amigos
() Com os meus irmãos e primos
() Com os meus pais
() Na escola
() Outros _____

6- Tinha facilidade para pular corda? Gostava?

R: _____

7- Brincava de corda na escola? Comente

R: _____

_____**Obrigada pela colaboração**

APÊNDICE I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Data: 08/11/2016

Tempo de entrevista: 14'46''

Dados

Nome: Prof.^a Rafaela

Idade: 59 anos

Formação do profissional

Local de formação: Faculdade de Educação Física de Lins -

Ano em que se formou: 1986

Pós Graduação: Especialização em psicodrama

Tempo de atuação na escola: 30 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 30 anos

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, muito, valorizo muito, é o que eu mais trabalho – jogos e brincadeiras da cultura popular. Geralmente os que dá para agente trabalhar na quadra né, porque tem muitos que não dão, por exemplo, esconde-esconde para você trabalhar é interesse também, mas não dá, então as cantigas de roda que eu gosto muito, é..., eu faço muitas adaptações em cantigas de roda, dramatizações, é muito interessante, até esse ano eu fiz é..., “o cravo e a rosa”, que graça! É..., eles fazem a roda, então as crianças vão cruzando....

A gente vai cantando, eles vão dramatizando o cravo e a rosa, então eu gosto muito, aí é..., essas brincadeiras tradicionais: pega-pega, são vários, vários tipos de pega-pega é..., queimada; pular corda né, nossa com a corda né tem muitas coisa, eu gosto muito; além das brincadeiras da cultura popular, o simples pular corda tem muitos exercícios na nossa área, na área da Educação Física, que você pode estar brincando e adaptando para as brincadeiras da cultura popular né! Tem “n” possibilidades né. Agora eu te falar a corda, colocar várias, pular é..., fazer exercício, por exemplo, semana passada eu coloquei as cordas, eu aproveitei o espaço...

Amarrado de uma viga para a outra, ficou todo cruzado, aí eles passaram por baixo, por cima, tipo assim (mostrou com gesto) se arrastando né..., então vários exercícios. Então eu junto corda, as brincadeiras de bola. Além das queimadas tem a brincadeira dos passes, da ameiba né, as brincadeiras com bola são várias, agora de cabeça eu não lembro muito.

- 2- Com relação às brincadeiras com corda, tem outras possibilidades qual você costuma trabalhar fora as que você já me explicou? De que maneira?

R: Música?... , com a corda, a..., a sim batendo corda com música, sim, “Um homem bateu em minha porta”, tem “Salada saladinha”, tem é..., tem aquela do cabelo lá... “Suco gelado”, tem é ... a do relógio, que fica rodando.

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: A sim, hoje em dia ela tem mais dificuldade do que quando eu comecei né! Que eu comecei na década de 80, então elas brincavam mais na rua né, tinham mais espaços, é... não tinha tecnologia como tem hoje né, então antigamente elas tinham mais coordenação, elas, é..., elas tinham mais é... corporeidade, se pode falar desse jeito né, elas tinham mais consciência corporal do que hoje, né! Hoje em dia elas, as vezes, você dá a corda né pra saltar, elas não conseguem achar aquele movimento do impulso, não conseguem, não sabe viu, nunca fez, percebe que elas nunca tiveram essa vivencia, então isso é muito comum hoje em dia, essa dificuldade, de não saber a lateralidade, usar os lados né, quando, tirando a corda, fazendo os exercícios de zig-zag, elas não conseguem fazer p zig-zag é impressionante, e de pular corda também elas não conseguem fazer isso aqui ó (ela mostrou o gesto)

Dar o impulso no corpo?

R: É, dar o impulso para cima, então é difícil elas acharem esse movimento, percebe que é uma falta de vivencia mesmo.

- 4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: A sim, daí eu justamente eu passo essas atividades, esses exercícios para eu ver como que ela esta, esse corporal, e aí eu insisto nessas atividades do pulo, diversificar bastante com diversos objetos, usando materiais esportivos, usando sucatas, trabalhando é... esquerdo, direito, frente, atrás, saltar pra frente, pra trás, do lado, é...passos para um lado, para o outro, passos para a direita, para a esquerda, saltar para frente, saltar para trás, então eu procuro usar bastante, tanto através de exercícios, quanto através de jogos e que na cultura popular tem bastante jogos .

- 5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: A com certeza, poderia, mas eu acho assim, é... é difícil, é muito difícil, porque é..., ã..., por causa do próprio sistema né, os pais não, não ficam mais com os filhos e hoje a realidade que a gente vê você percebe que tem filhos, é... pais que nem conhecem o seu próprio filho, que quando ele vem é... aqui pra escola, é chamado na escola e...por causa de algum problema, o pai fica... dizendo “nossa mais em casa ele não é desse jeito”, mas porque, o filho fica trancado no quarto, no computador ou no joguinho lá, então eles não têm nem contato, é a realidade do próprio processo, os pais de hoje não conhecem os próprios filhos, entendeu, então é... eles não tem muito mais essa vivência do brincar, ã... então é complicado, que... fugiu, qual que é? Fala de novo a pergunta?

Se você acha que poderia ser diferente?

R: A então, então, seria diferente se mudasse isso né, uma forma de conscientizar a família de hoje, até teve uma matéria no Fantástico desta vez né...

Desta semana?

R: É desta semana, falou alguma coisa, tocou alguma coisa sobre isso, né, sobre a... o problema da tecnologia com as crianças de hoje né que elas vivem ligadas, antenadas, eles de um lado a família do outro, não esta tendo comunicação né e eles não... não, pra que eles voltem né que eles tem que brincar mais, ficar junto com a família, tem que sair de casa, tem que né ... então é... tem que uma educação para a tecnologia, para o uso da tecnologia, usar de forma responsável, como a tecnologia tá praticamente nova né no mercado, nós estamos é... praticamente geração e tempo, ela é nova, as pessoas ainda estão vislumbradas com a tecnologia. Então eu acho que vai chegar uma hora que eles vão perceber que tem que usar de forma responsável porque esta prejudicando a própria humanidade né, então o que eu acho é isso. Poderia ser diferente, como a trinta anos atrás, que a família ficava mais junta, comia junta, até tinha televisão, assistiam juntas, saiam mais, eram mais presentes, hoje é muito individualizado, cada um no seu canto né, até quando sai, fica cada um com o seu celular, não tem comunicação, por outro lado, os pais ficam fora na, chegam em casa, não dão conta, não querem nem saber, muitas vezes as crianças por conta disso né a educação hoje não é mais, as crianças, nós estamos tendo muitos problemas de indisciplina é... porque a criança por um lado ela sente, você percebe que as crianças estão pedindo isso né, esse limite, que eles não tem em casa então eles chegam na escola e apresenta diversos problemas emocionais e tudo mais né, então é... só mudaria uma educação, uma nova educação né para a família de hoje, com a tecnologia e com a forma de vida que tem hoje né. Nós temos que aprender a conviver com tudo isso né, eu acho e a falta dessa união, da... desse convívio familiar é que...que as crianças estão... esta faltando pras crianças como um todo e acaba atrapalhando também nessa vivencia corporal delas, interfere né, acaba interferindo, porque elas ficam em seus quartos ou na sala né, já nascem com a baba eletrônica, já fica direto, como eu disse os pais nem conhecem os filhos que tem em casa, porque não tem contato né com os próprios filhos, e... e não tem contato por diversos motivos, porque trabalham e chegam em casa tem os afazeres domésticos, tal, o filho ficam lá no canto, não saem também e quando saem, cada um na sua, então tá muito individualizado a vida de todos hoje, é família mais cada um na sua. É... eu costumo pensar... porque no curso que eu fiz de psicodrama, que é da área de psicologia, então o ser humano tem as etapas do social e tem as etapas do desenvolvimento, então é o eu, o eu-tu, o eu- ele, eu-tu-ele-nós, né, até o nós é quando chega no amadurecimento da relações né, então eu penso que voltamos na etapa do “eu”, só eu, não consigo enxergar o outro, quando eu to nessa fase do eu, é porque eu não consigo enxergar o outro, então é a fase da criança que ela tá... que ela é egocêntrica, então essa é a fase do eu, então ela só... só se reconhece como um ser único, não tem comunicação com o outro porque ela não vê o outro, porque ela não consegue. Então eu acho que nós

estamos regredindo e por causa da tecnologia de hoje que nós estamos tento, que acaba afetando todo mundo.

- 6- Com relação a sua percepção ao ensino destas brincadeiras, você acha que as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Elas gostam sim, principalmente as brincadeiras com corda e elas gostam muito de correr, todas as brincadeiras de pega-pega, todo o tipo de pega-pega, elas entram na quadra né, já brincando de pega pega não é? Principalmente os pequenos, eles gostam muito, mas é... então todas as brincadeiras da cultura popular, pena que não dá pra gente trabalhar tudo né, e levar outras coisas como perna-de-pau, eu já cheguei a levar pé de lata, mas eu tive que parar é... “a porque a criança vai virar o pé e porque num sei que lá... vai machucar”, é então já levei pneu na escola, no estado não dá, mais como eu trabalhei no São Francisco, eu tinha lá pneu, eu tinha pé de lata, só que de madeira, todo de madeira né, eu pedia e lá eu tinha espaço para guardar todas essas coisas e eu sempre cultivei bastante, eu sempre procurei trabalhar bastante as brincadeiras da cultura popular. Então o que dá para eu trabalhar eu trabalho, o que não dá eu não trabalho.

- 7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem? Em quais anos?

R: É mais nos anos iniciais, no 1º, no 2º, no 3º, até o 4º, no quinto eu já começo a introduzir né de forma recreativa né os esportes, mas eu trabalho mais os anos iniciais.

E as brincadeiras com corda aparecem no planejamento?

R: A sim, eu coloco, a... coloco... eu coloco na... nos procedimentos utilizados né, como materiais, mas escrever os jogos assim eu descrevo no diário qual a atividade que vou dar com corda naquele dia, se é jogos de iniciação esportiva, se são exercícios, que eu posso trabalhar só exercícios com corda, se eu posso trabalhar as brincadeiras da cultura popular, mas eu também posso trabalhar só as brincadeiras como também é... fazer só... usar a corda como só exercício.

- 8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento da criança? Explique.

R: Sim, porque através da corda, ela aprende várias coisas, ela aprende tempo, por exemplo quando eu balanço a corda, que ela tem que... então quando a criança esta aprendendo a pular corda, que ela não sabe ainda, a primeira coisa que eu faço é balançar a corda e eu peço para elas é... tentar pular sem deixar a corda relar na perna então, só que é assim eu fico de um lado eu amarro num lugar ou peço para algum ajudar a eu balançar aí então além de pular a corda, elas aprendem tempo, qual é o tempo que eu tenho que deixar a corda chegar ou ir pra dar pra eu pular, entende?! Ela tem que sentir que ela

Coordenação, o saltar né! Lateralidade também quando você balança pra ela pular de um lado para o outro, que a corda vai e volta, um pula e outro pula sem sair no mesmo lugar, aqui é aquela que é do Patinho, Patinho, patinho vamos pular o ano

inteirinho, um, dois, três... se sabe qual que é? Balança, balança, balança e depois pula. Então tem ns, ela trabalha coordenação, lateralidade, força também né, o cabo de guerra, mo próprio saltar né, força nas pernas. Então contribui bastante para o desenvolvimento da criança, muito, não forçando a barra, mais eu acho que a maioria do desenvolvimento humano, uma boa parte a gente contribui com a corda, uma boa parte.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Que ensina ele a brincar... eu sempre coloco aquele que nunca pulou além daquele exercício, que é dois batendo, agora a criança com uma corda só, então eu peço pra ela por a corda no chão, dá um passo e joga a corda pra trás e vai acelerando com forme vai aprendendo, nossa elas aprendem em dois palitos, então eu uso este método.

10-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Claro, com certeza, rrsrsr

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Eu tive, mas é desta forma, no meio do contexto das brincadeiras da Cultura Popular não enfatizando as brincadeiras, as atividades com corda. Teve contato, teve acesso num todo, a... tem a peteca, tem a bola, tem o pé de lata, tem a corda, mas não assim focando.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais as brincadeiras com corda? Comente

R: A sim, eu fiz bastante, nossa, esses cursinhos pequenos de 30 horas, de 180 horas, eu fiz bastante de brincadeiras da Cultura Popular. Olha, que tivesse como objetivo só a corda não, geralmente fala num contexto de trabalhar as brincadeiras da cultura popular e aparece a corda lá, mas não aparece assim como foco de atividade, não me lembro.

13-Lembra de autores que te remete aos Jogos tradicionais na graduação ou até mesmo na formação continuada?

R: Faz bastante tempo, olha eu fui, eu frequentei tantos cursos, tantos cursos,que depois, lógico que a gente esta sempre aprendendo, mas chegou uma hora que só tava mudando de nome, as brincadeiras eram as mesmas, só mudava uma coisinha ali, o jeito de falar, o jeito de colocar, mas é... aí eu fui parando de fazer, lógico que isto não justifica né, é... porque a gente tá sempre..., a geração estão mudando e a gente sempre esta mudando né, mas é... a brincadeira é isso né, cabe você também por a criatividade em cima das atividades que foi aprendida, mas deu aprender... eu fiz muitos cursos, com gente muito boa, pessoal de Campinas, lá do Nordeste, eu participei de muito curso da ENAPE, em Minas,

Poços de Caldas, participei na área de Educação Física Escolar, logo que me formei eu quatro anos seguidos lá, a gente é jovem né, topava qualquer coisa, ficava no mesmo quarto com colega, com um monte de gente, era só festa, também com a idade com o tempo, as coisas vão ficando mais difíceis também, mas eu fiz muitos cursos e sempre procurei fazer, porque eu sempre gostei de trabalhar com os pequenos, porque eu penso que eu tenho melhor comunicação com eles, do que com os adolescente, eu sempre procurei fazer nessa área, focando do primeiro ao quinto ano.

Então é isso, eu agradeço, muito obrigada pela colaboração!

Data: 11/09/2016

Tempo entrevista: 13'23"

Dados

Nome: Prof.^a Mayra

Idade: 31 anos

Formação do profissional

Local de formação: Unesp Bauru – Licenciatura Plena

Ano em que se formou: 2007

Especialização Educação Física Escola – Ufscar

Mestrado Profissional Docência para Educação Básica Unesp Bauru

Tempo de atuação na escola: 8 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 8 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas?

Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, é... procuro trabalhar em todas as séries do primeiro ao quinto ano, que são as series que eu trabalho, e eu procuro desenvolver este conteúdo com todas as turmas. Dentre as brincadeiras tradicionais, brincadeiras populares, amarelinha, pular corda, pular elástico, brinquedos populares também, pipa, peão, então eu procuro trabalhar mais em torno destes jogos e brincadeiras tradicionais, populares, brincadeiras de antigamente, pega-pega, esconde-esconde, mãe da rua, cantigas de roda, brincadeiras de roda também.

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Bom, a partir do primeiro ano, eu procuro trabalhar mais voltado para o desenvolvimento das habilidades motoras né dos alunos, então, atividades de cobrinhas com eles, aumentando a distância pra eles trabalharem o pular, os saltos, é... brincadeiras de relógio, quando a gente gira a corda e eles tem que né saltar e aí eu vou trabalhando de uma forma de atividades mais simples até as atividades mais complexas até chegar o pular corda mesmo. E dentre as brincadeiras de pular corda, o relógio, o zerinho, é... faço pesquisas com as crianças para eles levarem pesquisas pros pais sobre as cantigas né de pular corda que os pais costumavam brincar quando eram crianças, é... e procuro desenvolver isso também nas aulas, a gente ensina estas musicas, ensina né como o modo de pular corda com essas cantigas, é mais explorando essas brincadeiras de cantigas e aí até o 5º ano, as vezes eu faço com duas cordas para estar dificultando o jeito de brincar com a corda, que eu me lembro acho que são mais essas atividades que eu costumo explorar durante as aulas.

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Eu percebo que é...no 1º ano muitos, a grande maioria tem muita dificuldade no pular corda, então é..., precisa ser bem trabalhado nesse primeiro ano até né dando continuidade nas outras séries, porque eles, muitos não conhecem as cantigas, é uma ou outra, que conhecem, suco gelado, que as vezes é trabalhado em sala de aula, algumas cantigas que eles conhecem, a brincadeira de cobrinha, mas a grande maioria tem a dificuldade de pular, de pular corda e não tem uma vivência assim muito grande com relação a essas brincadeiras, a esses jogos, as cantigas de pular corda. Então, no primeiro ano eu tenho que é... trabalhar bastante né desenvolver bem o saltar, o pular com eles, pra ir é... cada vez mais aprofundando mais, essas habilidade, essas brincadeiras, ampliando mais esses jogos e brincadeiras durante as séries.

- 4- Neste caso, com relação a como é ou seria sua intervenção?

Respondeu na anterior

- 5- Com relação a essa dificuldade que você relatou das crianças do primeiro ano, você acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Eu não sei se de repente, elas ingressam no 1º ano, mas derrepente foi um pouco pobre a experiência com esses tipos de atividades na Educação Infantil, algumas crianças chegam pulando corda muito bem, mas, eu acho que é desta falta de vivências de experiências de pular corda, eu acho que isso aí poderia ser melhor trabalhado nas serires iniciais, na educação infantil, eu acho que isso poderia é, auxiliar né, melhorar o desenvolvimento das crianças com relação a esses jogos.

- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Olha, é um material que eu gosto bastante de trabalhar nas aulas e as crianças gostam muito, as que não gostam, tem um pouco de medo ou receio é que já tiveram, não um trauma, mas tem muita dificuldade de pular, muitas vezes não querem pular, querem só bater corda, porque falam que não sabem e não querem pular mesmo, mas eu sempre é... não forço, vou ajudando, peço a amiguinha dar a mão para pular junto, para elas perderem esse medo, não ter vergonha de errar, de pular, porque eu explico pra eles, é uma pratica, quanto mais eles praticarem, melhores eles vão pular corda. Então eu acho muito importante, tanto esses jogos, as brincadeiras de pular corda, acho que também trabalha

Resgata um pouquinho estas brincadeiras tradicionais, acho que estão bastante esquecidas aí, né, tanto na infância das crianças como na escola mesmo, porque as vezes vai ficando maior, vai trabalhando outros conteúdos e esses conteúdos vão sendo deixados de lado e não vão sendo muito trabalhados, então eu acho muito importante esse resgate dos jogos e brincadeiras.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: (Já respondeu)

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento da criança? Explique.

R: É... eu acho que... como eu falei, no primeiro, eu vejo que eles não tem maturidade ainda, então eles têm muita dificuldade de pular corda, mas eu acho que tem relação sim, que a gente tem que ir trabalhar do essas habilidades pra cada vez mais melhorar o desenvolvimento motor da criança, não só nas habilidades de saltar, mas também de correr e todas as outras habilidades, eu acho que é importante sim, tem relação sim, tanto no desenvolvimento como no crescimento da criança.

9- Você conhece algum método ou maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Um método... maneira eu não conheço, eu procuro trabalhar né, como eu falei, com atividades, iniciando nas series iniciais com atividades mais simples de saltar, de pular, até chegar nas series finais no caso dos 5^o anos com jogos e brincadeiras mais é... com níveis mais difíceis, mais complexos de atividades, mas não conheço nenhum método para trabalhar esses tipos de jogos e brincadeiras, eu desconheço.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Eu acho que sim, eu gosto bastante de estudar, de pesquisar, participar de oficinas, de curso e acho que todo o material que a gente possa levar para as nossas aulas eu acho que é importante, eu não conheço npe, nenhum material que fale especificamente as brincadeiras com corda, e eu acho que são materiais que vem para somar, para ajudar a gente no planejamento das aulas, é... com

atividades diversificadas, diferentes que de repente a gente não conheça, eu acho interessante, importante.

11-Falando deste contexto, dos Jogos e brincadeiras tradicionais, na sua graduação como foi o ensino dos conteúdos desta natureza?

R: Voltado especificamente para os Jogos e as Brincadeiras Tradicionais que eu me recordo, não, nem na especialização, na graduação também não, específico de jogos tradicionais, não.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais as brincadeiras com corda? Comente

R: Não, durante a formação não e de cursos que eu já fiz, eram jogos, assim, voltados para a recreação, mas específico de jogos e brincadeiras com corda não, nenhum curso, nem na graduação, não foi abordado.

13-E para finalizar nossa entrevista, na sua graduação ou na nas formações lembra de algum autor que abordasse os jogos e as brincadeiras?

R: Não, específico desse assunto não conheço nenhum autor, de Jogos e brincadeiras com corda não, agora com jogos tradicionais, hum... não me lembro, autores específicos que trabalhe com jogos tradicionais, a gente encontra muito trabalho na...artigos, publicações, mas autores e livros específicos sobre jogos e brincadeiras eu, eu, com corda um que eu gostava, gosto né de trabalhar é o do João Batista Freire, eu acho que é o único livro que eu já usei e já usei algumas atividades do livro, que é Educação de corpo inteiro, que eu me recordo foi o único assim, mas ele não fala específico dos jogos e brincadeiras, mas assim são atividades com corda, lá ele trás variação que a gente pode fazer durante as aulas, mas eu acho que o único autor que trás atividades com corda, mas específicos de jogos e brincadeiras tradicionais, não lembro de nenhum autor especificamente.

Então é isso, eu agradeço, muito obrigada pela colaboração!

Data: 18/11/2016 - Tempo de gravação: 13'29"

Dados

Nome: Prof.^a Poliana

Idade: 28 anos

Formação do profissional

Local de formação: Unesp Presidente Prudente/

Ano em que se formou: 2010

Pós: Começará em 2017 o Mestrado em Rede em Educação Física

Tempo de atuação na escola: 4 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 4 anos

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, no meu planejamento anual tem o conteúdo Jogos e Brincadeiras Tradicionais é... e eu trabalho a maioria das brincadeiras populares, faço um levantamento com as crianças do que elas conhecem, apresento novas brincadeiras que talvez elas não conheçam e é sempre muito bacana tá trabalhando né, o resgate histórico das brincadeiras, o resgate das brincadeiras é bem interessante porque as vezes eles trazem brincadeiras que até eu mesmo não conheço e... desta forma a gente vai colocando nas aulas, inserindo durante um período de um bimestre, é... é... rrsrrs... é isso, rrsrrs.

E quais brincadeiras você trabalha com eles?

R: A vai desde o pega-pega, a queima, as brincadeiras mais populares escolhidas por eles, mãe da rua, corda, é... cabra- cega, esconde-esconde, pula carniça, cinco Marias, relógio que também é brincadeira de corda, vivo ou morto, dentre outras, mas estas são as mais populares entre eles mesmo.

- 2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Olha, eu utilizo muito corda, as cantigas populares, porque trabalha de uma certa forma com as professoras é... pedagogas né, então a gente trabalha, as cantigas, as parlendas, as crianças fazem cantando a música e pulando a corda fazendo o que a musica pede e também quando as crianças são menores, o desenvolvimento de capacidades físicas, é... brincadeiras de zerinho, de pular elevando a altura da corda e mais... deixa eu vê..., iniciação de pular corda, porque muitas vezes as crianças tem um medo, um receio de pular corda. Então desde o primeiro ano eu insiro, as brincadeiras mais simples de bater a corda uma duas vezes pra ela adquirir aquela segurança de pular e aí conforme os anos a gente vai deixando mais difícil, vai deixando mais desafiador para a criança.

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Olha é assim, bem variado, algumas já sabem pular, tem segurança, outras têm muito medo de pular, de tentar, falam que não vai conseguir, ou eu imagino que a experiência que ela teve não foi boa, foi assim uma experiência ruim, porque ela não conseguiu e aí ela passou a ter medo de pular, então eu falo que eu vou ajudar que ela vai conseguir e aí aos poucos a gente vai fazendo com que ela perca esse medo, mas é variado, assim, digo meio a meio, metade consegue já, uma parte e a

outra tem um pouco de medo, mas se a gente vai insistindo ela vai perdendo esse medo e realizando a atividade.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: Eu falo pra ela pra ela confiar em mim né, que eu vou ajudar e que ela vai se machucar e que ela vai conseguir se ela tentar, então o importante é ela tentar. Aí junto com ela eu vou falando o momento dela pular, pra ela ter esse ritmo da corda, que é um pouco difícil de início né, não tem noção do pular no ritmo da corda, então eu intervenho desta forma, pra ela ir com calma, mostrando pra ela que é possível, que ela é capaz de conseguir.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Sim, se elas fossem mais estimuladas né, porque às vezes elas não são tão estimuladas no ensino infantil né, atividade física quando elas estão no ensino infantil e aí elas chegam com um pouquinho de medo no primeiro ano.

E Esta falta de estímulo, você acha que tem relação com a falta do Professor de Educação Física na Educação Infantil?

R: Eu acho que talvez seja pelo fato das crianças não brincarem tanto na rua, elas é...não tem um repertório, quando eu tive quando eu era criança, isso eu acho que influencia bastante. O fato de não ter professor influencia bastante também, se ela tá numa escola que não tem professor de Educação Física, que passa a desenvolver essas atividades, conseqüentemente ela vai ter um pouquinho mais de dificuldade para realizar quando ela entra nos anos iniciais.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Nossa sempre é muito bem recebido, eles adoram né! Geralmente eu faço nessa época mesmo das atividades dos jogos populares, né, mas aí quando eu estou trabalhando as capacidades físicas, eu coloco, o pular corda sozinho, o individual e também faço em grupo, então eles gostam bastante e no recreio da escola, tem o recreio dirigido, eles fazem corda também, na minha escola tem esse recreio, então eles gostam bastante, não só as meninas, quanto os meninos e eles acham desafiador, então conforme vai ficando mais velhos, mais os anos é...os anos seguinte eu coloco ou tento colocar duas cordas fazendo é... cantando musicas mais rápidas pra que eles tenham mais desafios nas brincadeiras.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Sim, no planejamento as Brincadeiras Tradicionais elas entram no terceiro bimestre junto com conteúdo, o contexto folclore que acontece nessa época e a gente tenta trabalhar a interdisciplinaridade com as professoras da sala e a professora de arte e as brincadeiras de corda elas entram nesse planejamento naturalmente e também os alunos propõe, quando a gente faz essa pesquisa né, o que eles gostam, o que eles conhecem, explica o tema o que é as brincadeiras

populares, a corda ela aparece assim 99%, porque eu coloco todas as brincadeiras que eles colocam e corda sempre esta entre elas, então, em cima disso a gente faz uma votação de quais eles preferem pra gente estar começando e aí eu acabo trabalhando nesse bimestre quase todo as brincadeiras populares. Esse planejamento é pra todos os anos.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: Sim, com certeza. É uma atividade que ela desenvolve o cognitivo, porque a criança ela precisa pensar o que ela vai fazer, o movimento que ela vai fazer né, então ela precisa saber “o eu vou pular e eu preciso saber, conhecer o ritmo” e aí com a musica também relaciona ela cantar e ela fazer o que a musica pede. O afetivo, porque... Se ela tem medo de pular, ela não se relaciona muito bem, ela vai pó fim da fila, ela corta fila pra ela não ir. E o motor, porque o pular são várias relações né, criança precisa pular, o saltar, ela precisa seguir o ritmo, ela precisa entender o que esta acontecendo ali. Então eu acho que é uma brincadeira que desenvolvendo as três dimensões né, eu acho ela bem completa.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: A um método específico? A não sei te dizer, eu acho que eu utilizo esse método que eu te falei né, de quando a criança tem dificuldade de fazer dessa forma, pedir para ela confiar, ela vai conseguir, de falar o momento de pular, que ela vai entender o ritmo, e aí aos poucos a gente vai fazendo intervenções, mas um método específico... a não sei, acho que é isso mesmo, rrsrs. Eu não conheço nenhum... específico, há, há, há.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: A com certeza né! Eu sempre estou buscando coisas diferentes, eu acho que tudo é bem válido.

11- Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Tradicionais! Olha não tive uma disciplina especifica disso né, a gente tinha atividades lúdicas, Educação Física no ensino infantil, no fundamental e aí todas ela englobam nem essas brincadeiras populares e tradicionais, mas uma matéria ou um conteúdo específico disso não tive.

12- Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente.

R: Na Formação do Instituto Esporte Educação, no primeiro ano, ou no segundo, módulo um ou dois, nós fizemos... eu fiquei junto, no um... acho que foi no um, nós fizemos uma atividade com corda né, e lá nos desenvolvemos brincadeiras diferentes, com mais cordas, foi quando eu passei a desenvolver mais de uma

corda, mas específico não, mas fizemos vivências que fossem com as brincadeiras de corda.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Agora eu não consigo me lembrar de nenhum... agora eu fiquei... é que como eu pegava bastante sobre o tema dança, tinha um pouco de atividades lúdicas essas brincadeiras, que era Izabel Marques... mas específico de brincadeiras agora não me recordo, não me lembro (risos)

Então é isso, muito obrigada!

Data: 18/11/2016 - Tempo de gravação: 11'51"

Dados

Nome: Prof.^a Agatha

Idade: 33 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso: Unesp Presidente Prudente/

Ano em que se formou: 2005

Pós Graduação: não possui

Tempo de atuação na escola: 11 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 11 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: sim, costumo trabalhar. Trabalho com jogos de pega-pega tradicionais, a gente vai modificando em cima desses jogos de pega-pega, a queima, que vem passando de geração pra geração, que é bastante tradicional, as brincadeiras com corda que são bastante tradicionais, as parlendas né, hummm... acho que agora de cabeça... foge, foge bastante. A! já trabalhei pé na lata, eu já tentei fazer não é as três Marias, como é que chama mesmo?

Cinco Marias! Tem gente que fala cinco Marias e tem gente que usa como Bugalha!

É é isso. O elástico eu já tentei trabalhar também, mas eu mesmo não brincava muito, mas os alunos acabaram me ensinando. Esconde-esconde, a gente vai tentando adaptar, a gente tenta, na verdade a gente fica sempre, eles pedem as brincadeiras tradicionais e a gente fica passando pra eles.

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: A quando a gente, no primeiro momento quando não é... percebe que eles não conseguem pular, primeiro a gente trabalha o salto com ritmo, parando, aí começando com "Pato Patinho", pra eles pegarem ritmo com a corda, saltando, as tradicionais que é aquele "Aumenta, aumenta"; "Diminui- Diminui", " a Cobrinha". Colocamos a corda, as vezes quando a gente pega uma corda mais grossas pra eles passarem equilibrando, hum... as parlendas né, "Um homem bateu em minha porta" pra ir unindo a música ao ritmo deles e aí depois com o tempo acabei conhecendo que eles chamam de "corda dupla", que é tradicional no Estados Unidos, e aí disso uma vez surgiu até brincam que é a "corda tripla", que eles ficam em três pessoas batendo ao mesmo tempo formando uma figura de um triangulo, aí três pessoas pulam e vai fazendo o revezamento, então e as tradicionais, que é o "Zerinho" e as Parlendas junto com as professoras pedem pra cantar junto.

3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Eu não tive muito contato com as crianças do primeiro anos, mas dois anos que tive, falando motoramente, não conseguiam pular mesmo, conheciam algumas, algumas, alguns cantos e o ritmo delas é bem fraquinho. Aí conforme foi passando o tempo, fazendo muito, muito exercício de salto, o ritmo delas foram melhorando, mas as brincadeiras, elas tinham muita, bastante dificuldades, conheciam as tradicionais de rua.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: A sim, hoje em dia eles não brincam tanto na rua, a geração que hoje o primeiro ano, que os pais delas já perderam esse gosto pelas brincadeiras de rua e cada vez mais vem diminuindo, se percebe que eles não brincam tanto na rua. Além de eles não terem tempo e que também esta perigoso, mesmo eu morando ali... mesmo eu trabalhando ali na periferia, você vê que já se perdeu bastante essa brincadeira de rua.

Você acredita que se tivesse uma professora de Educação Física na Educação Infantil poderia ser diferente?

R: A com certeza, com olhar específico, uma coisa já com um olhar específico, você trabalhando mais especificamente é... um especialista o trabalho fica bem diferenciado, eu acho que chegariam bem melhores, é... no primeiro ano regular né, percebe assim que elas tem essa noção de algumas brincadeiras, porém não é especialista, elas aprendem algumas brincadeiras, mas fazer a intervenção ali, acho que falta bagagem do professor mesmo de Educação Física que estudou para isso.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: A as brincadeiras são muito importante, principalmente porque você consegue diferenciar entre menino e menina, essa a interação entre eles, nessa idade eles são bastante iguais, então conseguem interagir bastante juntos, não tem essa da música “ a é musica pra menina, é musica pra menino” não, eles interagem bastante, eles não tem esse preconceito com relação ao gênero, costumam brincar bastante e as brincadeiras, essas brincadeiras, as brincadeiras com corda quanto mais desafiadoras para eles, mais eles gostam, principalmente quando envolve salto em distância, salto em altura pra eles, eles gostam, porque envolve um pouco mais de desafio e até mesmo nas parlendas quando você coloca desafios pra eles, eles se motivam bastante, então é importante essa motivação pra eles.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Não com esse nome, mas procuro, não coloco especificamente como Jogos e Brincadeiras Tradicionais, mas sempre dentro das minhas aulas eu procuro trabalhar algumas brincadeiras tradicionais não coloco um conteúdo específico dos Jogos e Brincadeiras Tradicionais, mas sempre dos Jogos e Brincadeiras tem as tradicionais. Trabalho no quinto ano, quarto ano, terceiro, mas sempre quando eu vejo que eles não estão muito motivados eu procuro, tento colocar alguma coisa inovadora, tento modificar alguma coisa pra que eles se sintam sempre motivados. Ainda acho que falta ainda pra mim é eu tentar resgatar um pouco mais essas brincadeiras tradicionais, até ver o que eles conhecem dessas brincadeiras tradicionais e a gente trabalhar em cima disso, ainda eu peço nesse sentido ainda.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: a muito, toda a atividade física contribui significativamente para o desenvolvimento, tanto na sua infância como pro resto da sua vida. Uma criança bem desenvolvida futuramente, ela vai ter facilidade para fazer qualquer atividade ao longo de sua vida e ela nunca vai se sentir com a auto- estima, a segurança, essa educação física bem trabalhada nessa idade influencia muito depois tanto nos anos finais como no Ensino Médio, porque elas vão se sentir seguras, serão motivadas e nunca sentirão vergonha de fazer as coisas, então aí vai facilitando tanto o trabalho da Educação Física dentro da escola como na sua vida cotidiana também, leva pra sua vida toda.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: A dentro do pega-pega eu tento colocar pra eles saltarem ; eu gosto muito dessa do “pato”, acho que é do “marreco, marrequinho” que a corda vai e vem e que ela não faz o giro, mas pra iniciar, eu gosto bastante pra iniciar com essa brincadeira que como a corda não faz o giro eles não perdem esse contato visual e

é onde eles conseguem saltar, mas antes de eu já colocar eles saltando a corda eu coloco eles saltando vários outros objetos e com musica, pra eles desenvolverem essa percepção do salto, aí sim depois eu coloco a corda e eles observando esse objeto pra ter essa noção de tempo e espaço e depois a corda girando, onde eles perdem o contato visualmente e acham o ritmo deles.

10-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Com certeza, muito bom material pra nos ajudar.

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Não, não foi abordado, esse mais contato com as brincadeiras tradicionais foi durante já quando eu comecei a dar aulas, que eu tentei a focar um pouco mais, com as formações, mas na graduação não foi, tinha alguma coisa dos jogos tradicionais, mas eu achei bem pouco, eu acho que poderia ter mais, ainda mais voltado para Educação Física Escolar e principalmente voltado para Educação Física dos anos infantis, infantil não, iniciais.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Especificamente não, bem voltado pra isso não, uma parte voltada com corda, mas a formação toda com corda não, uma parte sim.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Não, não me recordo, especificamente não.

Então é isso, eu agradeço, muito obrigada pela colaboração!

Data: 18/11/2016 – Tempo de gravação: 8'

Dados

Nome: Prof.^a Barbara

Idade:33 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso: Faculdade de Barra Bonita – FAEF – Licenciatura em Educação Física

Ano em que se formou: 2007

Pós Graduação: Não possui

Tempo de atuação na escola: 4 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 3 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, eu trabalho bastante com Cinco Marias, peão, Amarelinha, a Corda, Brincadeiras de Roda

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Com corda eu trabalho mesmo com o pular a corda mesmo ou com aquela que você vai aumentando a corda mesmo e o relojinho, não conheço muitas diferentes, conheço bastante de pular, das musiquinhas, as cantigas.

3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Bem pouco, bem pouco mesmo. Alguns até sabem já, mas a maioria é bem pouco.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: Geralmente eu começo a trabalhar com eles, eu faço uma brincadeira assim como se eles tivessem que pular um rio, aí eu coloco a corda no chão, uma duas e vou distanciando, aí depois começo a mexer a corda e eles vão ter que pular, aí depois eu faço balanço só da corda eles tem que passar, depois eu vou girando a corda aí eles só tem que passar e depois o pular corda em si, mas é devagar.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: poderia, depende da vivência que ela tem em casa né, tem crianças que, eu vejo muito assim, a diferença do estado para o particular, no estado eles sabem muito mais, a criança do primeiro ano no estado eles conseguem brincar de pega-pega, de esconde-esconde, já pular corda. No particular você tem que ensinar a correr, eles não conseguem brincar de pega-pega, a corda eles conseguem pular no segundo ano é muito complexo pra eles.

Pode influenciar sim, porque a maioria é, eu falo que são crianças de apartamento, e a maioria não tem onde brincar, e na Educação Infantil não tem Educação Física né, até tem o horário, mas é o professor quem dá, geralmente eles deixam brincar do que eles querem né, ou levam no parquinho, que é legal também, mas não tem essa vivência. Talvez se tivesse o professor de Educação Física com o plano de aula, com as atividades diferenciadas seria melhor.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Eles gostam, quando pegam a corda eles já falam “é corda!” e quando você vê que a criança não gosta, é porque ela não sabe pular, aí você começa a ensinar aí eles já... é raro isso, eu nunca peguei uma criança que não goste.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Tem, tem sim, trabalho em todos, aparecem

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: Existe, porque a corda trabalha tanto o ritmo, coordenação motora, flexibilidade, habilidade, agilidade, então influência bastante.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: A eu tento seguir do mais fácil para o mais difícil, mas eu nunca peguei um método que mostre o certo.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Eu gostaria, é legal, bem legal.

11- Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Não, na graduação não.

12- Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Já teve Jogos e Brincadeiras Tradicionais sim, as brincadeiras com corda apareceu, mas não teve nada assim muito diferente.

13- Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Não, não lembro, faz muito tempo, há, há, há ! Sabe as vezes a criança aprende mais fácil a pular a corda do que bater, eles tem muita dificuldade em bater a corda.

A é verdade, isso eu também já percebi, a gente tem que ensinar eles a bater também, porque não é sempre que estamos lá para bater a corda né.

R: Eles tem que saber pra ter autonomia né.

É isso, muito obrigada pela colaboração!

Data: 18/11/2016 - Tempo de gravação: 12'38"

Dados

Nome: Prof.º Felipe

Idade:34 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso: Faculdade de Barra Bonita – FAEF – Licenciatura em Educação Física

Ano em que se formou: 2005

Pós Graduação: Começará em 2017 o Mestrado em Rede em Educação Física

Tempo de atuação na escola: 10 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 6 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, Amarelinha, uns pega-pegas; Pique-Bandeira; própria queima, são essas mais que eu me recordo.

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Sim, Zerinho, eu gosto de fazer com eles, começo no primeiro ano pulando rio, faço algumas historinhas, daí joga tubarão e joga isso tal. E faz o rio, depois começa a movimentar a corda, faz a cobrinha, conta historinha, que se pisar perde um pé, aí brincando né. Aí depois faço zerinho com eles, eles gostam bastante de ficar rodando assim, aí depois segundo e terceiro ano é que começam a pular corda, com as musiquinhas, a maioria já conhecem as musicas e tal, assim depende muito da turma, depende como é que eles vão mais ou menos isso que eu faço.

3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: A maioria não sabe né, porque os pais não ensinam mais, porque tem a questão da rua.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: Eu parto desta ideia, pulando, depois fazer o movimentinho parado, no chão, tem cobrinha, depois da cobrinha o zerinho, aí depois é que eu vou pra pular corda rodando, assim.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Com certeza né, se os pais fizessem a parte deles de brincar junto com os filhos, se preocupar com a parte motora, porque eles não se preocupam de

estimular a parte motora dos filhos, só que saber se os filhos sabem ler e escrever, mais as vezes o filho sabe ler e escrever mas não sabe nem chutar uma bola, não sabe pular, não sabe direita e esquerda, rsrsrs não sabe correr.

Você acha que tem relação com a falta do Professor de Educação Física na Educação Infantil?

R: Com certeza também né, porque é na Educação Infantil que eles deveriam ser estimulados né, muitas vezes eles vão para o parque, só isso, não que o parque não é importante, que é muito importante também, mas não tem nada dirigido né, é algo muito solto e a questão de não ter o professor formado né em Educação Física nos anos iniciais, é algo preocupante, não tem aquela qualificação com o movimento, um movimento sem sentido, sem intencionalidade nenhuma, então com certeza isso atrapalha muito.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Gostam muito, gostam muito, mesmo as que tem dificuldade, elas querem e você percebe que elas tem vontade de conseguir, as vezes ela tem até um problema, algum problema motor assim, você percebe que ela gostaria muito né, e quando ela consegue é uma felicidade tremenda, quando ela consegue pular, as vezes lá na frente quando ela consegue entrar, sair, fazer uma brincadeira inteira, uma musiquinha, e aí é bem legal assim, porque você percebe que a criança gosta e pra ela aquilo é muito importante né, é uma vitória, é um desafio e é bacana você fazer parte disso. Esse ano eu trabalhei com o nono ano Jogos e Brincadeiras e a gente pegou corda também, foi bem legal porque tem uma menina que ela tem uma deficiência e aí eu passei um desafio pra eles, tipo tinham que passar todo mundo ao mesmo tempo, todo mundo, era a brincadeira do zerinho, tinha que passar um por vez, depois dois, foi chegando até que tinha que passar a sala inteira, só que se um errasse, voltava todo mundo, e aí né eles foram errando, foram entendendo, o objetivo era que eles trabalhassem juntos e tal, aí teve uma menina que teve uma sacada, a menina que estava errando porque ela tinha uma deficiência intelectual e ela estava errando e eles estavam deixando ela por ultimo, a menina ela teve uma sacada, “vem você comigo” e foi a primeira e aí assim que ela conseguiu, todos os outros estava conseguindo, então assim, foi uma conquista, foi uma vibração assim, foi bem legal, então até para os alunos maiores a corda é motivante, e pra minha surpresa, muitos alunos não sabiam pular, a corda entendeu! Então não é só nos Anos Iniciais não! Tá, mas é legal, eu acho que é um conteúdo muito legal, tanto quem esse ano eu comprei uma corda e deixei lá na escola, eu comprei e tem uma corda lá na escola e achei que corda era mais caro, sete reais eu comprei e achei uma corda boa, sete reais.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Coloco, eu coloco em todos, porque na Prefeitura, no Currículo tem em todos e aí eu tendo adequar pra realidade dos alunos, na idade, interesse também e cada vez que eu aprendo um jogo novo também eu trazer pra eles.

Certo, e quando você coloca lá no Planejamento, você costuma descrever esses jogos, como é?

R: É assim, eu gosto, por exemplo, no Ensino Fundamental II, no nono ano no segundo bimestre é Jogos e Brincadeiras, eu gosto de fazer uma pesquisa com eles, quais eles conhecem e tal e selecionar algumas pra trabalhar e aí esse ano agente fez taco com eles e foi super legal né, taco foi muito legal, eu levei para o Ensino Médio também porque deu tão certo e o Ensino Médio gostou, foi interessante né, então é assim, eu tento resgatar e aí teve uma menina do Paraná que trouxe uma brincadeira que ela jogou lá no Paraná que a gente não conhecia e tal, então é bacana, eu consigo trabalhar bastante é um conteúdo que eu tenho facilidade, por gostar, por ter brincado muito, por ter jogado muito e aí é um conteúdo que eu trabalho, eu gosto.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: A eu acho... ela contribui né, porque é estimular né, eu penso nos meus dois filhos assim né, eu estimo o máximo de possibilidades, com bola, sem bola, correndo e com certeza isso vai desenvolver né em vários aspectos, só que não é só corda né, tem que desenvolver em todas as áreas, mas eu tenho certeza absoluta que desenvolve, que melhora o desempenho da criança, lá na frente, ela vai... e tem a questão da auto- confiança, você percebe que quando ela consegue pular ela fica mais confiante, "A eu consigo, eu sou..." tem a questão da auto-estima da criança, sentem realizadas, a é legal, mas com certeza contribui muito!

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Não, eu nunca pesquisei, eu sempre... eu fiz uma vez um curso de Rollp... acho que é o nome do pular corda em inglês, no Sesc e tal, assim, aí eu aprendi algumas coisas, eu aplico né, mas assim científico, metodologia nada, não tenho nada.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Com certeza sim, ia melhorar.

Você falou desta formação no Sesc, foi específico de corda?

R: Rolpe

11- E com relação a alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais já participou de alguma?

R: Jogos e brincadeiras, deixa eu pensar... a, não mas eu participei da formação do Currículo da Prefeitura e eu trocava muito experiência, aprendia muitos jogos e os Jogos e as Brincadeiras ele esta presente na Educação Física do Município muito forte, e a gente troca bastante figurinha e tal, se vai aprendendo, é...desenvolvendo, e eu inclusive eu uso jogos e brincadeiras com o Ensino Médio, eu uso e é legal, tem dado resultado, a participação é grande, é bem interessante.

Sei e eles têm interesse?

R: Sim mesmo os maiores do Ensino Médio, no segundo ano do Ensino Médio jogou pique bandeira, uma aula inteira, só tive uma aluna que não fez, porque ela tem asma e estava com crise e se ela estivesse boa, ela teria feito, então uma sala pra trinta e cinco alunos, trinta e quatro estavam fazendo, segundo ano de Ensino Médio, né!

É um pouco raro isso, né!

R: É eles tiveram resistência, mas com o tempo, aprendem, gostam!

Vai ganhando a confiança do aluno.

R: É!

12-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Especificamente não, mas eu tive aula de recreação e aí na recreação tinha esses jogos, essa brincadeiras, a gente teve aula também, de ginástica, chamava ginástica que é um Professor de Jaú e ele passava também esses jogos, pela formação dele e tal, então assim, eu aprendi bastante coisa na faculdade, mas, assim, conteúdo teórico específico de jogos e brincadeiras não.

13- Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Não, não lembro de nada, eu estudei agora pro mestrado, aquelas cartilhas do Segundo Tempo que tinha o eixo Jogos e Brincadeiras e tal, mas assim especificamente um autor eu não..., a Suraya, talvez foi a Suraya que fez aquela cartilha eu não sei, mas assim, eu posso te... tinha como tinha os cinco eixos lá tinha o eixo jogos e brincadeiras, o próprio PCN também de Educação Física fala, e dá alguns... mas assim, um autor, não.

Então é isso, obrigada pela colaboração!

Data: 29/11/2016 - Tempo de gravação: 17'24"

Dados

Nome: Prof.º Martine

Idade: 34 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso: Unesp Bauru- Licenciatura em Educação Física e Pedagogia

Ano em que se formou: 2005 e 2011

Pós Graduação: Especialização em Educação Física para Professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; Cursando Mestrado na área de Mídia e Tecnologia.

Tempo de atuação na escola: 10 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 7 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, já, já, esse ano eu estou com o quinto ano, mas já dei aulas pra todos e a gente sempre trabalha tipo com cantigas de corda, brincadeiras de roda, por exemplo, coelhinho sai da toca, corre cotia, pular elástico, amarelinha, pega- pega, esconde-esconde, burica já cheguei a dar, as brincadeiras assim, alerta, essas que a gente brinca, rsrsr.

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Bom, com a corda a gente faz a tradicional de cantar as musicas né, e também a gente usa a corda de foguinho né, de como fala?... de cobrinha, salto em altura de ir erguendo, e também de passar por baixo, pular por cima e cabo- de guerra.

3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Do primeiro aninho? A questão de pular, o primeiro aninho eles têm dificuldade né, do tempo de reação, você tem que começar, trabalhar bem assim, tipo sabe de balançando primeiro para ir sentido a atividade na hora que você bate primeiro ele sente bastante dificuldade no tempo de reação para pular né, mas quando é primeiro aninho eles se dão melhor tipo em cabo de guerra, ou de só pular que é a cobrinha, mas já dá pra ir introduzindo né, de pular mesmo tem uma certa adaptação.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: É mais difícil porque eles entram antes na escola e você tem que ter um cuidado maior, pelas habilidades deles né, tem mais dificuldade né, tem que trabalhar mais devagar assim.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Eu acho que sim.

Quais os fatores você acredita que poderia estar contribuindo para isso? O fato de não brincarem mais tanto nas ruas, de não ter professores de especialistas na Educação Infantil, etc....

R: A sim, o ideal seria que tivesse, porque já é um profissional preparado para trabalhar com o corpo né nesse estágio, então a criança que é exposta em atividades assim, quanto antes, vai chegar mais preparada pra gente, tem algumas professoras do infantil que tem a pedagogia que trabalha com as atividades corporais né, já até ajuda, mas depende da professora também, o ideal seria ter né na Educação Infantil.

- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: No primeiro aninho?

Nos anos iniciais

R: Quanto mais novo a gente tem que preparar mais atividades, eu acho, porque eles vão perdendo o foco, principalmente primeiro e segundo aninho, daí eles vão perdendo o foco, logo você já tem que mudar para outra atividade, já quando eles estão nos anos iniciais mas tipo no quarto, quinto ano, aí você já consegue dar em uma aula uma atividade só, manter né, por exemplo queima, você consegue manter uma aula inteira, mas quanto mais novos você tem que ir dando várias atividades e é o ideal para você trabalhar com as brincadeiras né, porque você dá uma brincadeira, dá outra e aí vai variando na mesma aula.

E você acha que eles gostam das brincadeiras com corda? Como é sua percepção?

R: Eu acho que sim, quanto mais novo, acho que eles mais gostam, quando eles vão crescendo, se desenvolvendo eles vão começando a gostar mais de outros tipos de atividades.

- 7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Sim, descrevo as brincadeiras e até pro quinto ano que é o último dos anos iniciais, aí eu coloco mais atividades e que tem a ver com outras culturas, tipo, a gente trabalha mais a nossa cultura mesmo quando é menor, e quando é maior a gente já coloca atividades, por exemplo, de outras culturas, tipo africana, indígena.

E essas brincadeiras de outras culturas aparecem as brincadeiras com corda?

R: Hum... , mais cabo de guerra mesmo assim, que vou dar um exemplo, quando a gente faz alguma atividade indígena, aquela que um agarra no outro e segura na árvore e o outro segura e tentar puxar, arrancar a pessoa assim, mas aí a gente já não usa a corda, mais as tradicionais mesmo.

- 8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: A trabalha bastante o tempo de reação né, e a corda dupla então, rrsrsr nossa! Tem gente, e até a gente não sabe pular, eu acho que é bem importante, trabalha bastante mesmo, principalmente esta questão do tempo de reação de esperar o momento certo pra você poder pular a corda.

Quando você fala do tempo de reação, você quer se referir ao ritmo da corda?

R: É, também e também há vários tipos de jeito que você tem que pular na, eu acho legal você não impor “ a tem que pular assim” deixar a criança ver uma maneira que ela sinta melhor pra poder pular, tem gente que pula com os dois, tem gente que pula com um de cada vez, tipo tentar trabalhar também a questão da individualidade, cada um tem um jeito, um modo de pular, não impor, ensinar só uma maneira né.

9- Você acabou de falar que é legal não impor, mas você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R:Hum..., alguma maneira assim, um outro tipo de material?

Sim, pode ser, uma metodologia, dicas, um material, como livros, vídeos, e-books

R: Na verdade eu sempre segui a linha da experimentação mesmo, nunca foquei num material tal, para trabalhar essa metodologia assim, eu sempre fui da experiência, da prática de como a criança é... , ela mesma se movimenta e ela mesma experimenta a atividade da maneira dela, trabalho mais dessa forma.

10-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: A Sim acho que todas as ideias de como poder trabalhar com isso são válidas, dá gente experimentar, testar, porque às vezes dá certo com um com outros não, então acho que a gente tem que tentar maneiras diferentes, tudo que vier é bem vindo, rrsrsr, pra gente aplicar.

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: A gente trabalhou bastante as atividades lúdicas, a gente teve sim, mas assim não é muita coisa, tipo uma disciplina.

Essa disciplina era específica de Jogos e Brincadeiras tradicionais?

R: Não, ai não, faz parte da disciplina, mas é um conteúdo de vários, não tem uma disciplina.

E na Pós e na pedagogia?

R: Na pedagogia é... , assim, tem uma disciplina que trata da Educação Física, mas eu eliminei como eu já tinha feito Educação Física, eu eliminei, eu não sei e na especialização a gente só viu a questão do sexto ano, porque como era Fundamental II e Ensino Médio, no sexto ano a gente tem no primeiro bimestre os

Jogos Populares, que aí a gente viu as brincadeiras populares, porque segue o Currículo do Estado de São Paulo, mas é mais isso mesmo, foi o que eu falei pra você, na Faculdade, na graduação foi um conteúdo presente na disciplina que tem vários conteúdos, não tinha algo específico.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Hum, não, não me lembro.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Eu mesmo não li, só que o Rodrigo que é o nosso PCNP seu não me engano o mestrado dele foi, ele tem, com brincadeiras com corda. Quando ele dava aula no Torquato Miotto, eu recebo os alunos dele do Torquatto, eu dou aula no Moraes que é lá perto, então os alunos dele vêm pra mim no Moraes, e a bagagem que eles têm de atividades com corda é muito grande, assim significativa, foi significativa pra eles, porque os alunos dele que vem pra mim... , que agora ele não esta mais né, eles vinham pra mim e eles chegavam “professora quero corda, quero corda, quero corda!” aí eu “Gente, ai!”, “não porque o professor dava corda pra gente e a gente fez um monte tipo de brincadeiras com corda!” eles falavam pra mim, e você percebe que eles têm uma habilidade de pular corda bem melhor do que outros alunos que vem de outras escolas, porque o Rodrigo trabalhou bem.

Data: 05/12/2016 Tempo de Transcrição: 11'10

Dados

Nome: Prof.^a Kahena

Idade: 37 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso: Faculdades Anhanguera – Licenciatura em Educação Física

Ano em que se formou: 2009

Pós Graduação: Não possui

Tempo de atuação na escola: 6 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 6 anos

01-Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Trabalho, o Passa-ánel; Mãe-da-rua; Corda; acho que só isso não lembro mais.

13-Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Com a corda mesmo, tradicional, sozinho, primeiro eu batendo, depois eles sozinhos.

Você trabalha as cantigas de corda?

R: A eles cantam, a gente sempre canta musiquinhas, eu pergunto qual eles querem, aquela tradicional, do “namorado, com quantos anos, o homem bateu em minha porta”, as tradicionais mesmo.

14-Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Eles gostam, falam que sabem pular, mas na hora, não sabem, rsrsrsrs

15-Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: Vai de aluno pra aluno, tem aluno que a hora que eu falo o tempo de pular ele consegue, tem aluno que não, tem que pular junto, dar o tempo pra ele, aluno que tenho que por a corda no chão e fazer pra ele saltar pra ele entender que tem que pular naquele momento ou balançar a cordinha assim de lado a lado, vai muito de aluno pra aluno.

16-Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: A sim, eu não aprendi a pular corda na escola, eu aprendi em casa, assim, brincava, eles não brincam mais, não tem mais essas brincadeiras em casa né, na rua, hopje em dia nem dá, não vem com esse conhecimento de casa.

Você acha que tem relação com a falta do Professor de Educação Física na Educação Infantil?

R: Sim, iria ajudar bastante, porque eles veem bem cruzinhos, coordenação motora, porque hoje eles já não ... , é apartamento, é muito fechado, então ia ajudar bastante.

17-Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Assim, eles gostam bastante, ficam empolgados, é importante, principalmente para a coordenação motora né, depois auxilia eles na sala com a escrita, e às vezes eu tenho um pouco de dificuldade, porque você tem 35 alunos e pegar um por um, porque é um ou dois é que sabem nos anos iniciais e você ali pra tentar, você não consegue fazer com uma duas aulas, é várias aulas ali pra você conseguir, então a dificuldade é isso, porque vem muito cru e você tem que insistir bastante pra conseguir e as vezes aquele que não consegue se tem que resgatar porque ele fica... , perde o interesse ele fica com vergonha, porque o amigo já sabe e ele ainda não consegue, é essa a dificuldade.

18-No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Sim, no primeiro ano e no segundo aninho. Sim, nos dois anos.

19-Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: Sim, como eu falei anterior, é... , na coordenação motora auxilia bastante na sala de aula também, apesar do pessoal não achar que tem essa ligação, mas ajuda bastante na coordenação motora deles na escrita né.

20-Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Não uma especifica não, só do jeito que eu ensino mesmo, assim, não conheço nenhuma, tem nenhuma, desconheço.

21-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Ai gostaria! Gostaria sim.

E esse material como você acredita que seria mais fácil para consultar?

R: A acho que até on line hoje é tão mais fácil coisas on line assim, acho que on line, acho que seria bem mais fácil o acesso.

22-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Tive, tive, foi disciplina, assim, tinha mais teórica do que prática e eu lembro que a gente teve que confeccionar alguns brinquedos, assim, pra resgatar sabe,é... , brincadeiras que nós tivemos quando éramos criança, nós confeccionamos algumas coisas, assim. Era uma disciplina de Jogos e Brincadeiras, acho que era o nome, uma coisa assim, bem especifica mesmo. Eu tive uma de recreação, só recreação, Recreação e Lazer e uma de Jogos e Brincadeiras, eu lembro que nós confeccionamos os brinquedos, então fizemos o telefone-sem-fio, a eu lembro que eu fiz o telefone sem fio e o de pé- na lata, sabe de andar na lata lá?

Sei legal.

R: A teve aquele de andar, como que é aquele de andar mais altinho assim?

Perna-de-pau?

R: Perna-de-pau o pessoal fez também e até engraçado do telefone-sem-fio uma aluna da sala ela achava que não dava para escutar.

A é? Porque talvez ela nunca teve essa vivência né!

R: Nunca, imagina, eu brincava e a gente ficava próximo e a gente ouvia o que o outro falava, “não dá pra ouvir”, eu falei aí a gente foi fazer na quadra e o barbante

era muito grande, “deixa bem esticadinho assim” daí ela falou “imagina!”, com mais de vinte anos “dá para entender!”, imagina as crianças ela já era adulta já.

E essa disciplina você acha que te ajudou na sua prática profissional?

R: Ajudou bastante, ajudou, então assim eu sempre faço algumas coisas pra eles, eu tenho amarelinha que eu fiz de EVA, de EVA não de TNT, depois eu mostro pra você, colorido, tá velhinha já que foi quando eu me formei, então assim, fiz bastante coisinha assim, eu tenho umas garrafinhas em casa, que eu pintei, mas não secou, que eu fiz errado, que era pra eu usar com eles, mas ainda não secou, não deu certo, mas pro ano que vem dá pra usar, rsrsrsrs.

23-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Eu fiz um, mas era mais voltado para o lazer, tinha o de Recreação, mas mais voltado para a recreação, tinha aqueles jogos grandes lá, porque o espaço era muito grande, teve caça ao tesouro, recreação.

E as brincadeiras com corda apareceu?

R: Com corda não, não apareceu!

24-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Olha, mas eu acho que ele nem é de jogos, eu acho que ele é de recreação, o Marcellino que veio na minha cabeça.

Então é isso, muito obrigada pela colaboração!

Data: 08/12/2016 Tempo de gravação: 10'05”

Dados

Nome: Prof.^a Lia

Idade: 36 anos

Formação do profissional

Local de formação e curso:Faculdades Integradas de Bauru – FIB – Bacharel em Educação Física e Faculdades Anhanguera – Licenciatura em Educação Física

Ano em que se formou: 2010

Pós Graduação: Especialização em Educação Física Escolar – UFSCAR

Tempo de atuação na escola: 10 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 10 anos

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Muito, porque eu trabalho agora de primeiro ao quinto ano, então um dos eixos do nosso Currículo da Prefeitura Municipal de Bauru é Jogos e Brincadeiras. Eu costumo trabalhar muito pega-pega, brincadeira com corda, brincadeiras com bola, por exemplo queima, batata-quente, essas brincadeiras.

- 2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Eu costumo trabalhar Reloginho, Zerinho, Cobrinha, eles também brincam da gente ir aumentando a corda,

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Olha o que eu vejo, elas gostam muito de brincar com corda, agora em relação a pular a corda elas tem um pouco de dificuldade, mas elas gostam muito de cobrinha, essas brincadeiras de cabo de guerra. De ficar aumentando e diminuindo, aí eu procuro enserir com elas o pular a corda.

- 4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: É eu procuro fazer com ela perca o medo ou receio de pular a corda né, e falar que ela esta em uma escola, que lá é um ambiente para ela aprender, pra deixar ela mais calma com relação a isso, aí intervir ir passando os passos para ela pular corda, então primeiro bato palma e ela vai no ritmo da corda, pra bater palma no ritmo da corda, depois ela vai fazendo pulando Zerinho, depois ela vai pulando sozinho com corda individual ou coletivo e aí vai.

- 5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Eu acredito que sim, infelizmente eu não tenho esse histórico da criança do que ela aprendeu na Educação Infantil, a Educação Infantil tem um currículo muito rico, só que eu não sei assim como que foi, se foi assim aprendido a corda nesse, na Educação Infantil e como foi isso, acho que é ate um quesito pra eu poder buscar né.

- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Elas gostam muito de brincar de corda, só que eu percebo que a cada ano, o primeiro ano elas são mais abertas, segundo ano, terceiro ano vão se fechando mais, vão ficando mais receiosas de estar no grupo, de errar, então é isso que eu procuro intervir, que elas estão aprendendo e que pra elas não terem medo, então eu acho importante isso mesmo, começa no infantil e vai seguindo, que eu acho que quanto mais tarde, elas vão se fechando mais.

7- Você já falou aqui logo no começo que no seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais, e em quais anos você trabalha? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Eu trabalho do primeiro ao quinto ano, sim incluo, sempre há, do primeiro em algum momento eu coloco a corda.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: A eu acredito que sim, porque não é apenas um movimento, é um todo dela, ela tem que ter ritmo, ela tem que ter concentração, ela tem que ter atenção pra pular corda, então é um todo sim.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Olha eu estava pesquisando uma forma de... , nós ensinamos pra criança o relóginho, aí depois eu pesquisei na Nova Escola e eu encontrei uma sequencia pra ensinar a pular corda, mas dupla, então eu fiz mais ou menos com eles, mas não a corda dupla, porque pra eles não ia ser muito acessível, então primeiro a gente fez relóginho, em duas turmas e aí quem foi ganhando dessas turmas a gente fez o final, e quem ia errando ia fazendo o relóginho sozinho, foi muito legal, esse eu gostei bastante e também antes do relóginho, trabalhar com eles, bater a corda e cada vez que a corda bater no chão, eles batem palma, então estamos trabalhando também o ritmo.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Sim, muito, porque no momento eu desconheço autor que fale sobre isso, eu não sei.

E esse material como você acha que seria melhor para ter acesso?

R: Eu acho que em vídeo, seria bem legal, na internet seria bem legal e ter um site que fale para a gente acessar.

11- Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Nossa na minha graduação, eu acho que ficou bem aquém viu, eu acredito que nós professores quando a gente começa a nossa prática, a gente tem muita coisa que não foi passado pra nós, aí vai de nós buscarmos e ver a problemática, o que esta faltando em nosso aluno, pra gente buscar isso pra eles, muita coisa eu aprendi nesse meu percurso de dez anos que é pouco, mas eu vejo como eu era a dez anos atrás e o como eu sou agora, o tanto que eu aprendi e isso eu acredito que é a minha busca, e ver o que o aluno precisa e eu estar buscando isso.

12- Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Hum, olha, jogos e brincadeiras não, eu acho que é tema que as pessoas acham que é tão batido, que todo mundo sabe, mas eu creio que precisa ser mais trabalhado.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Olha tem um livro, que agora no momento eu esqueci o nome, mas é do Osmar Moreira Junior e da Darido, eu acho que é “Como ensinar educação física” e lá tem um artigo, um capítulo que fala sobre jogos e brincadeiras, esse foi muito legal e é onde eu tenho uma bagagem e um norte para a minha prática. Tive acesso a ele na minha pós graduação, que o Osmar levou e eu comprei ele.

Então é isso, muito obrigada pela colaboração!

Data: 08/12/2016

Tempo de gravação: 11’35”

Dados

Nome: Prof.º Thiago

Idade: 38 anos

Formação do profissional

Local de formação:Unesp Presidente Prudente – Licenciatura Plena

Ano em que se formou: 2003

Pós: Começou Redefor e não terminou

Tempo de atuação na escola: 11 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 8 a 9 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Sim, a os jogos mais tradicionais assim é a amarelinha, pular corda, até as vezes esconde-esconde a gente pede pra brincar, porque a escola tem espaço né e as vezes eu procuro, não é sempre não, os jogos os mais antigos como oooo, jogar aquele... bolinha de gude, aquele do saquinho humm...

Cinco marias?

É, isso, cinco marias, eu procuro levar esses jogos. O passa anel, seriam brincadeiras né?

Sim

Porque eu costumo brincar bastante com eles, porque eu vejo as crianças não estão sabendo brincar mais.

2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Sim, eu trabalho assim o mais básico né, aquele zerinho ou o pular corda normalmente, cantando ou cantando alguma coisa.

3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: Nenhum chegam cru de tudo assim, elas vem cru com relação a tudo, porque as vezes você a brincadeira e eles não sabem

Já tem a questão da idade do movimento ser limitado, pelo que vejo de se relacionar no espaço com o colega e aí algumas brincadeiras como a corda mesmo, eles não conseguem pular, esse tempo de saltar quando a corda vem, é complicado.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: A eu começo com a... com a corda no chão, só para eles saltarem sobre elas, pra eles conhecerem o material corda né, pra eles terem o contato, eles saltam e a gente brinca de aumenta aumenta, de abaixa, abaixa, a gente faz cobrinha, relógio pra depois a gente pular corda em si. Pra dar pra eles um... um... diria assim um relacionamento com o material e um entendimento do espaço e do tempo que eles precisam para saltar.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Eu acredito, eu acho que pelo menos no último ano da EMEI, deveria trabalhar mais com isso, focar mais, principalmente nas brincadeiras mais tradicionais, nada com muita seriedade, brincar né, brincar com o movimento...

Você sabe que nas Emeis não tem professor de Educação Física, são os pedagogos, você acha que tem influência?

R: Eu creio que sim, dessa falta de um profissional, um especialista no assunto, porque o pedagogo ele tem o conhecimento mais amplo, até as vezes do censo comum com o conteúdo e ele não consegue né por exemplo dar uma sequência pedagógica que você pode através de anos trabalhando ou até de estudos conseguir fazer.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Eu acho importante sim, porque é um resgate da cultura, eu vejo que falta isso pra elas no dia a dia, fora da escola, que a escola está se tornando um local único desse movimento do brincar né, destas brincadeiras, e elas precisam disso, porque as vezes falta convivência até com os próprios coleguinhas fora do ambiente da escola. Então as vezes, elas chegam cru por isso, por não ter contato, por vários fatores. Então eu acho importante sim, e por isso eu busco, até por não ter muita seriedade em algumas brincadeiras, o brincar por brincar e dentro disso você vai levando pra... no objetivo que você tiver mais pra frente, no adicionar coisas, não

só motora mas trabalhar com pesquisas, no próprio resgate né, fazer com que eles consigam, busquem com os pais, avós, isso faz com que eles tenham mais tempo com essas pessoas, que as vezes não tem no dia a dia né, então é um motivo a mais pra eles buscarem né esse contato maior com os pais, os avós, e resgatar a cultura e trazer né, não deixar morrer.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R:Eu, eu coloco, mas ele já está implícito no plano, no currículo, ele tem alguma coisa sobre, não lembro assim, direitinho, mas eu coloco sim.

Do primeiro ao sexto ano, até no sexto, inclusive agora no currículo ele vem como resgate, mas se eu venho trabalhando, não é nem como regate, mas como um reforço, uma complementação do que eles já vem trazendo como ampliação.

Aparecem, eu acho importante sim, como eu falei né, você dá a esse aluno a oportunidade do brincar e aí você faz com que ele se sinta parte do processo e também dá êxito pra ele na brincadeira, só dele saltar a corda, dele passar a corda, na brincadeira do zerinho, pra ele se sentir valorizado, que ele é capaz de fazer.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: Eu creio que sim, como eu falei, ele vai aprender ter noção de espaço, de tempo, ele vai se socializar, vai buscar diversas formas de realizar com êxito essas brincadeiras, isso faz com que trabalhe o motor, mas também o cognitivo, eu penso dessa maneira.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: É como eu falei, eu construo a brincadeira e vou usando a complexidade até chegar no jogo, na brincadeira em si.

10-Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: A eu gostaria, acho importante

Esse material como você acha que seria mais fácil de você acessar?

R: A eu creio que on line, hoje a gente com smartfone você deixa salvo um e-book você pode olhar toda hora.

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: A foi muito pouco, eu tive, acho que um semestre, não dão seis meses, vamos por quatro meses aí de aula, uma aula, duas aulas por semana e as vezes o professor faltava .

Era uma disciplina?

R: Era uma disciplina, era Jogos e Brincadeiras no Ensino Fundamental, e ele deu muito mais calesenia do que jogos e brincadeiras. E a gente vai buscando fora,

participação de cursos ou na vivência mesmo, que você vai adquirindo um pouco mais.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Já, já na UNESP, não era nem formação continuada, foi uma semana de Educação lá, que abordaram esse conteúdo. Só também, depois nunca mais.

Você se lembra se apareceu às brincadeiras com corda?

R: Não, não me lembro.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: Eu lembro só da Tisuko Kishimoto, seu não me engano, mas não era nem brincadeira tradicional era “O Jogo, o brinquedo e a brincadeira”, que foi um livro inclusive que eu usei no meu TCC, único livro, além do Homo Ludens, um livro que parece uma bíblia, Huizinga, ele é muito grande, só usei um pedacinho, ele fala assim, do brincar, mas não é direcionado a isso, as brincadeiras tradicionais, mas como eu estava trabalhando no meu TCC e eu usei isso o jogo e a brincadeira, que na época eu usei, eu trabalhei um esquema na Prefeitura, porque não tinha no Ciclo I a Educação Física e não era obrigatório aí então eu usei um estudo em cima em cima disso, porque estava falando muito na época, pra ter, a importância de ter.

Obrigada pela colaboração!

Data: 08/12/2016

Tempo de entrevista: 17’49”

Dados

Nome: Prof.º Diego

Idade: 44 anos

Formação do profissional

Local de formação: UNESP Bauru – Licenciatura Plena em Educação Física

Ano em que se formou: 1998

Especialização em 2002-

Mestrado 2002 à 2005 – Unesp Marília - Filosofia

Doutorado em Ciência da Motricidade – Unesp Rio Claro

Tempo de atuação na escola: 10 anos (Ficou afastado 1 ano e meio)

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 10 anos

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Aaaa, eu uso bastante. Como Amarelinha, a Corda, o Pega pega, brincadeiras de perseguição, eu uso bastante essas tradicionais assim, não sei se elas se encaixam nas tradicionais, todas elas se encaixam? O que seriam as tradicionais?

Sim se encaixam as tradicionais seriam as brincadeiras que foram passando de geração para geração, que foi construído ao longo do tempo.

R: Dentro do meu contexto?

Isso!

R: Tem brincadeira que eu não fiz né, Pé-na-lata, que eu brincava bastante, Bets, eu não trouxe pra escola não, a brincadeira do Elástico também, nunca fiz.

- 2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?

R: Angela eu faço algumas atividades sistematizadas assim, sabe tipo circuito, eu utilizo bastante isso, atividades de conhecimentos sobre o corpo, nós temos uns conteúdos que chama “conhecimentos sobre o corpo”, sabe, a questão da resistência que eles têm, de aguentar fazer algumas atividades na sequencia, isso na frequência cardíaca, então eu coloco, uso muita a corda pra dar esse desafio para eles, então tem a corda que é para ele pular por cima, tem a corda que é para ele passar por baixo, tem a corda que é para eles pular rodando, passando neste sentido, mas tudo em forma de circuito. Tem algumas vezes, por exemplo, que eu espalho alguns materiais na quadra, é... , o arco, a corda, aí eu faço e monto o circuito dentro das atividades, então a criança vai rodando e vai passando nas estações, e uma das estações é a corda, aí eu dou as cordinhas individuais em que a criança pula, de várias formas.

Nesses circuitos de materiais, as crianças já são maiores? Elas já aprenderam a pular?

R: Não,não, é a primeira experiência, o que sair, a relação que ele criar com a corda, tem gente que pula de outro jeito, elas criam o jeito de pular a corda. Aí tem as cordas, as brincadeiras com corda, que faz com as musiquinhas, tem umas musiquinhas, esses dias eles estavam me ensinando às brincadeiras novas lá, que tinha o negócio lá de “namorado, “o senhor bateu em minha porta”, “fofo, foguinho!”.

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: A então, eles não têm... eu olhando a atividade que vocês fizeram hoje, elas tinham o tempo de corda,sabe, de passagem, de oito crianças que tinha lá não tem esse tempo de corda m no grupo, que eu olhei, apenas uma não conseguia passar, todas as demais, que são crianças pequenas, elas tinham o tempo da corda, sabe,

lá na minha escola eles já não tem esse tempo de corda, de passar, de saltar, eles não criam um ponto de referencia pra saltar, eles não tem nada disso, eles estão começando a criar a relação com a corda, algumas crianças vêm com a experiência de casa já e até chegam a ensinar a gente, mas, principalmente criança do primeiro ano, responde muito fácil as atividades de corda, o que a gente entende né, eu tinha um caso, de uma menina, lá no Etelvino, há uns quatro anos atrás, e ela era deficiente visual, ela não enxergavam, sabe, ela não tinha visão nenhuma, ai ela foi criando um jeito, aí eu fui ensinando ela a pular corda, sabe, e ela era do primeiro ano também, eu ensinei ela bater corda, a corda batia no pé dela e ela pulava, ela fazia e pulava, até que ela conseguiu dar uma sequência de três vezes sabe, e ela vem, ela conseguiu fazer isso, mesmo no primeiro ano, mesmo deficiente visual, então eu acredito que a corda é uma material muito fácil de se utilizar, isso pra coordenação é muito importante, mas eles conseguem sim Angela.

4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção, neste primeiro momento?

R: Experimentação! Experimentação sem determinar a forma, o que sair, o que eles conseguem fazer com a corda, com a bola, com o arco é o suficiente pra mim, é aquilo que eu procuro, eu quero a aproximação dele com aquele equipamento, com aquele material, eu não vou ensinar a criança a pular corda, eu acho que a criança ela aprende sozinha, a gente cria o espaço para ela poder desenvolver, sabe, ela pode me ver pulando corda, ela vê o outro amigo pulando corda, mas eu acho que algumas situações ninguém ensina, ela tem que fazer e ela cria um jeito de pular, tem gente que pula com um pé só, tem gente que dá aqueles dois pulinhos, eu acredito que eles resolvem muito fácil a questão, a experimentação, dá o espaço pra eles experimentarem, aí cada aula você avança um pouquinho sabe, eles avançam, eles sentem, eles avançam e falam pra você o que conseguiu “professor consegui duas vezes, consegui três!”, mas é isso que eu faço, crio o espaço para eles poderem praticar, brincar.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: Acredito que sim, eu não sei a realidade delas fora, o quanto elas... , eu nunca questioneei elas o quanto eles estão próxima da corda fora do ambiente da escola, eu não sei o quanto a professora tá aqui comigo trabalha a corda né, eu trabalho muito pouco, eles ficaram as turmas o ano inteiro sem professor lá o ano passado, eles não tiveram aula de Educação Física. Eu uso muito pouco isso, eu uso muito pouco a corda, eu acho que se eu aumentar isso, essa experiência com certeza vai mudar e quando você aumenta você estimula a fazer em casa também. E com relação ao fato de eles não possuírem professor especialista de Educação Física na Educação Infantil, acha que tem relação?

R: É muito discutível isso aí, no infantil eles têm, eles trabalham muito isso aí, sabe, pensando na forma que eu trabalho, vamos imaginar, é criar o espaço para eles experimentarem, eu não sou um especialista em pular corda, eu sei criar o espaço pra eles pularem corda, eu acho que no infantil eles fazem isso muito bem, dá essa liberdade para a criança, ele cria o espaço e deixa a criança criar, eu acho

que isso não, a forma que o infantil trabalha, o fato de não ser o professor de Educação Física não dá prejuízo nessa faixa etária, porque eu faria a mesma coisa, criaria espaço para experimentação e eles fazem isso muito bem e com uma vantagem, eles conhecem muito bem a criança, conhecem muito bem, acho muito bom assim, tem professores que são muito bons, o contexto do infantil é muito bom, tem uma escola infantil do lado lá, então você já sabe as atividades, as crianças são muito ativas, elas brincam bastante, são bem organizadas, a hora da fila é hora da fila, eles passam o tempo inteiro brincando, o professor do infantil ele consegue criar esse espaço de experimentação,

- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: Eu acho que é muito importante, as crianças adoram! Eu não sei se elas gostam pela liberdade que o material dá pra ela, que a corda dá uma liberdade tremenda a elas e eu preciso entender também até minha própria ação viu Angela, a questão é assim, se eu tiver um conhecimento maior do que é a corda, as possibilidades dela, um conhecimento mais amplo, talvez eu sistematize mais esse processo, com certeza eu vou encontrar meios de utilizar todo o potencial da corda se eu souber mais de corda, certo, se eu não tiver esse conhecimento ele não vai me levar até isso, então o fato de eu criar experimentação pra mim ela esta bastando, sabe, é colocar a corda lá deixar aquilo, as vezes eu oriento algumas atividades “a pula dois e salta, pula dois e vai embora, passa por baixo, no fogo foguinho fazer mais rápido mais devagar”, ela pode ser feita assim, mas é um conhecimento muito simples, se eu me aprofundar mais, talvez eu consigo tirar mais proveito da corda, tenho pouco conhecimento disso e é por isso que eu uso muito a experimentação, deixo a criança iniciar, o objetivo ali ele já basta para criar a experimentação, mas se eu souber mais eu vou tirar mais proveito disso, porque as crianças gostam, é fácil de brincar, é fácil de ter em casa uma corda, de criar um instrumento parecido, de ter alguma coisa lá, um cordão de varal, um pedaço de fio, dá pra criar, tem criança que faz com arco, pula com arco, então eles criam um jeito. Eles gostam! Tem a ferramenta, é importante, o que eu preciso fazer é melhorar o meu conhecimento com a corda, saber mais atividades, saber mais.

- 7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos?

R: Coloco, coloco. Acho que é um dos conteúdos que mais são trabalhados, que é mais trabalhado no nosso currículo, jogos e brincadeiras. Em todos eles, do primeiro ao quinto ano, o que muda é a frequência, é, eu acho que eles estão..., jogos e brincadeiras, eles estão todos os semestres pra cada turma, eu acho que tem algum que repita, eu não vou saber de cabeça, pra falar pra você, mas ele é utilizado bastante, só que o foco nos jogos e brincadeiras ele parte mais para atividades de perseguição sabe, com arcos, atividades com arco, com a corda, utiliza bastante. Tem espaço na escola que tem as amarelinhas, eu nunca criei

uma amarelinha na quadra, sabe eles brincam bastante nos intervalos, de amarelinha também.

As brincadeiras com corda aparecem?

R: Aparecem, mas de forma geral, eu coloco lá “ atividades com corda” eu coloco se é uma atividade orientado ou não, a única coisa que eu coloco, se é orientada sou eu quem vou dizer como utilizar a corda, se é livre, a corda tá esta lá e eles criam a forma como eles vão brincar relacionado com a corda, essa é a diferença, que eu uso.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: A total, todo o material que a gente coloca, na relação com o outro, que te coloca em desafio, que exige de você determinados comportamento, ele contribui para o desenvolvimento integral da criança, todas elas, a corda eu gosto de trabalhar com ela individual e em grupo, acho que ela contempla todos, talvez a tomada de decisão, não sei se trabalha a tomada de decisão, mas ela cria uma relação com a corda de pular, da velocidade, não sei se isso cai na tomada de decisão ou se cai no automático, sabe, partir do inconsciente da nossa prática assim, depois que ela aprende a fazer ela vai embora, não sei né, talvez inventar jogos com corda, talvez trabalhe mais.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Não, não, eu penso, o que a gente tenta fazer é pegar a forma como você trabalha outras coisas e você pensa na corda, no futebol, por exemplo, como você vai ensinar a relação um contra um, o que um contra um representa aí você tenta pensar nisso, como é que eu posso levar isso com a corda, então eu tento usar coisas que eu sei de outras áreas, de outros materiais pra trazer pra aquilo que eu vou usar no dia, mas não tenho conhecimento específico não, não sei se existe uma metodologia da corda, sabe.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: Com certeza Angela, hoje eu conheço vários amigos meus na rede e eles procuram muita coisa pela internet sabe, isso é um ponto, a internet hoje facilita muito, vídeos de You tube, se você colocar lá brincadeiras com corda, ele vai aparecer uma infinidade de coisas, mas eu acho que isso fica muito isolado, você procura somente quando você tem a necessidade, sabe eu vou dar uma atividade de corda agora então você vai lá e procura e você dá conta daquilo e não expande mais, acho que se juntar um material palpável para cada escola ter um, sabe, para o professor procurar, o professor de sala procurar também, eles podem usar essas atividades nas aulas deles, ter um material físico lá, um livro, uma cartilha ou um caderno de atividades com corda, de jogos e brincadeiras com corda, você ter isso, você ter um material para você acessar pela internet e você ter, passar por

vivências, sabe nesses encontros por exemplo, de boas práticas que nós falamos hoje, você ter um momento para desenvolver isso, trazer novidades mesmo, trazer coisas que não foram vistas até agora, acho que é muito válido, esses três eu acredito que seja, o material físico, o material pela internet, material virtual e as vivências também nos encontros pedagógicos dentro das áreas.

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Não me lembro em Angela se teve, tinha uma disciplina que chamava Atividades Lúdicas, professor Luiton que administrava, ele dava a primeira metade da aula, eram quatro aulas seguidas, na primeira metade ele dava nas duas primeiras ele explicava as atividades na lousa, como seriam os jogos, os objetivos daquele jogo, qual seria o alcance e os benefícios daquele jogo e depois na segunda parte nós íamos para a quadra e vivenciávamos aquele jogo, então ele criou várias formas, várias brincadeiras, tinha atividades com corda também, eu não me lembro pra eu falar pra você de ter um conteúdo com atividades com corda, não lembro não, mas tínhamos atividades lúdicas, jogava bastante brincadeiras, não lembro também se ele trabalhou conceito de

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente
Não deu tempo de responder

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?
Não deu tempo de responder

Então é isso, muito obrigada pela colaboração!

Data: 25/11/2016

Tempo de gravação: 10'15"

Dados

Nome: Prof.^a Victoria

Idade: 41 anos

Formação do profissional

Local de formação: Barra Bonita – Licenciatura Plena em Educação Física

Pós em Treinamento Desportivo e Educação Especial (a concluir)

Ano em que se formou: 2005

Tempo de atuação na escola: 8 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 8 anos

- 1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

R: Trabalho bastante, dou bastante amarelinha, fazendo, alternando regras, fazendo perguntas e respostas de outras coisas e a corda que eu uso muito pra pular, a pulada normal, aquela Zerinho, que a gente chama, aí tem algumas musicas que eu vou trabalhando com elas, que ela vão cantando ou eu mesmo vou falando o numero que elas têm que pular e depois sair, brincadeira mesmo, relojinho que tem ficar pulando e eu fico no meio pra depois pular.

Lembra de mais alguma atividade que você gosta de trabalhar?

R: Sempre dou corda; patinho feio; as vezes mudo o nome, dou patinho feio de pular, tipo sapinho, só pulando.

- 2- Fora estas brincadeiras com corda, que você já citou, lembra de mais alguma? De que maneira?

R: Só estas mesmas.

- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?

R: A eles gostam muito. Na verdade o que eles mais gostam é de bater a corda.

Eles têm facilidade pra bater a corda? Como funciona? E as crianças que não batem?

R: Tem só que aí eles se empolgam e o problema é que quando eles já estão batendo direitinho eles começam a querer pular junto, eles querem bater e pular ao mesmo tempo, daí atrapalha o colega né, as primeiras vezes que você dá a corda eles ficam com receio de entrar, mas eles querem, eles veem que os outros vão fazendo e vão indo.

Eles chegam sabendo pular corda ou você que ensina?

R: Não, eles não sabem não.

- 4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?

R: Vou falando “vai tentando”, “bate mais devagar”, ou eu bato de um lado e ele bate do outro, devagar... as vezes deixo pular de dois, três juntos, eu explico “ fica parado de um lado da corda, a corda tem sempre que bater de um lado para a colega pular”, aí eles vão vendo os colegas, vão tentando e vão pegando o gosto.

E já no primeiro ano eles aprendem a pular?

R: Aprendem sim, principalmente as meninas, os meninos tem mais aquela “ a brincadeira de menina”. Eu uso muito a corda também pra eu trabalhar o equilíbrio, para eles andarem por cima, para pular de um lado para o outro, faço zigue-zag.

5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?

R: A podia. Eles tem pouca coordenação.

E quais os fatores que você acha que influencia?

R: Hoje em dia eles brincam pouco com brincadeiras mais de criança né, eles já nascem sabendo mexer no computador, sabendo joguinho eletrônico, das brincadeiras tradicionais mesmo entre eles, que mais vê, é o futebol que eles jogam em qualquer lugar e a pipa, o resto é mais brincadeiras com brinquedos eletrônicos.

Você acha que influencia o fato de não possuírem professor de Educação Física na Educação Infantil?

R: A Sim, porque aí trabalharia mais a coordenação, eles brincam, no brincar já desenvolve, mas se tivesse o professor para trabalhar a coordenação motora fina, motivar os movimentos, mais movimentos para eles.

6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.)

R: A elas gostam, é prazeroso ensinar essas brincadeiras.

7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?

R: Eu coloco, eu uso também a peteca. Em trabalho em todos os anos, para os primeiros eu dou mais simples, aí os maiores eu vou pondo desafios né, os maiores eu ponho desafios diferente, eu ponho mais petecas, coloco criança no meio para tentar pegar, monto time.

Sim elas aparecem, todas as aulas minhas eu dou brincadeira de corda.

8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.

R: A corda trabalha vários movimentos, a coordenação, até o raciocínio de eles pensarem na hora de entrar para pular, eu acho que a corda ajuda muito, então trabalha em tudo, não só o pular, eles tem que pensar em ver o lado de entrar, eles cantam, trabalha a contagem, até a parte da matemática que vai contando, as vezes quando é terceiro para cima já começo a fazer perguntas de continhas.

9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente.

R: Não, não conheço, o que eu sei é de falar assim “ vai devagar, explica a posição que fica, a hora que a corda bate no chão, que é para pular”, mas o jeito certo assim eu não sei.

10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?

R: A gostaria, porque a corda é um instrumento que eu sempre uso, para todos os anos.

11-Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?

R: Foi pouco, teve mais recreação.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente

R: Só da prefeitura, abordava jogos e brincadeiras, não específico as tradicionais.

E as brincadeiras com corda?

R: Não, olha só o pular corda normal, coisas diferente não.

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

R: (silêncio)... eu cheguei pegar na mão um livro de jogos e brincadeiras mas não me lembro, faz tempo né rsrsrs e também não ficou comigo.

Então é isso, deu para me ajudar, muito obrigada!

Data: 09/01/2017

Tempo de gravação: 9'40''

Dados

Nome: Prof. Isáquias

Idade: 55

Formação do profissional

Local de formação e curso: UNESP – EDUCAÇÃO FÍSICA

Ano em que se formou: 1989

Pós Graduação: Psicopedagogia/Historia da África/Educação física adaptada.

Tempo de atuação na escola: 26 anos

Tempo em que atua nos Anos Iniciais: 20 anos

1- Você costuma trabalhar com os Jogos e Brincadeiras Tradicionais em suas aulas? Comente e se sim, quais? Se não, por qual motivo?

Sim. Esta deveria ser o foco da educação na escola, fazer do aprendizado uma brincadeira divertida e estimulante para a imaginação. Pular corda. Jogos de perseguição e sua variáveis e a que faz mais sucesso. Atividades rítmicas variadas, e jogos de variados.

- 2- Com relação às brincadeiras com corda, qual você costuma trabalhar? De que maneira?
Coreografados com cantigas, zerinho, relógio, cobrinha, saltos em altura e extensão.
- 3- Como é em geral o conhecimento da criança do 1º ano sobre as brincadeiras com corda?
São crianças com 5 ou 6 anos, um período muito complicado de imaturidade psíquica, junta-se a isto a falta de estímulos motores, gerando medo, vergonha entre outros aspectos.
- 4- Neste caso, como é ou seria sua intervenção?
Propor atividades simples, procurando pontos de apoio entre os participantes, demonstrando na prática, como forma de motivar os mais tímidos ou medrosos.
- 5- Acredita que poderia ser diferente? Por quê?
Crianças de 5 anos com poucas vivências motoras e queimando fases de maturação psíquica, difícil, somente propondo atividades motoras
- 6- Fale sobre sua percepção com relação ao ensino destas brincadeiras (se as crianças gostam e se considera importante, como é para ensinar, etc.) O lúdico é, foi, e sempre será divertido, importante e fácil de ensinar, dependendo da motivação do professor. Isto em qualquer fase da história deste mundo.
- 7- No seu planejamento anual você coloca os Jogos e Brincadeiras Tradicionais? Em quais anos? As brincadeiras com corda aparecem?
Do 1 aos 5 anos, métodos diferenciados, dos mais simples aos complexos.
- 8- Você acredita que existe alguma relação com as brincadeiras de corda e o desenvolvimento integral da criança? Explique.
Sim, penso que estaremos trabalhando questões como: tempo, espaço e integração, participação coletiva sendo algo prático e ao mesmo tempo teórico.
- 9- Você conhece alguma maneira que ensina o aluno as brincadeiras com corda? Comente. Não existe nada mais concreto do que a prática, fazer a atividade nada mais, não tem mágica.
- 10- Se tivesse conhecimento de algum material sobre brincadeiras com corda, você gostaria de ter acesso?
Sim
- 11- Falando no contexto dos Jogos e brincadeiras tradicionais, como foi o ensino dos conteúdos desta natureza na sua graduação?
Não me lembro de ter tido esta experiência acadêmica.

12-Você já participou de alguma formação continuada que abordasse nos Jogos e as Brincadeiras Tradicionais e/ou as brincadeiras com corda? Comente
Não

13-Lembra-se de algum autor que aborda estes conteúdos?

Não me lembro de nada que trabalhe só o pular corda, sempre está junto com outras propostas.

É isso, muito obrigada pela colaboração!

APÊNDICE J: QUADRO DO PERFIL DOS PERFIL DOS PROFESSORES

PROFESSOR ENTREVISTADO	IDADE	SEXO	INSTITUIÇÃO FORMAÇÃO	ANO FORMAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO ATUAÇÃO ESCOLA	TEMPO ATUAÇÃO ANOS INICIAS
RAFELA	59 anos	F	Faculdade de Educação Física de Lins - SP	1986	Especialização em Psicodrama	30 anos	30 anos
MAYRA	31 anos	F	FC/UNESP/Bauru-SP	2007	Especialização Educação Física Escolar/ Mestrado-PPGDEEB	8 anos	8 anos
POLIANA	28 anos	F	FC/UNESP/Presidente Prudente-SP	2010	Iniciará Mestrado em Rede em Educação Física	4 anos	4 anos
AGHATA	33 anos	F	FC/UNESP/Presidente Prudente-SP	2005	Não possui	11 anos	11 anos
BARBARA	33 anos	F	Faculdade de Barra Bonita - FAEF/SP	2007	Não possui	4 anos	4 anos
FELIPE	34 anos	M	Faculdade de Barra Bonita - FAEF/SP	2005	Iniciará Mestrado em Rede em Educação Física	10 anos	6 anos
MARTINE	34 anos	F	FC/UNESP/Bauru-SP	2005	Especialização em Educação Física para professores do Ensino Fundamental II e Médio/ Cursando Mestrado em Mídia e Tecnologia	10 anos	7 anos
KAHENA	37 anos	F	Faculdade Anhanguera – Bauru/SP	2009	Não possui	6 anos	6 anos
LIA	36 anos	F	Faculdades Integradas de Bauru/SP- FIB e Faculdades Anhanguera	2010	Especialização Educação Física Escolar/ Iniciará Mestrado em Rede em Educação Física	10 anos	10 anos
THIAGO	38 anos	M	FC/UNESP/Presidente Prudente-SP	2003	Redefor não concluído	11 anos	8 a 9 anos
DIEGO	44 anos	M	FC/UNESP/Bauru-SP	1998	Mestrado filosofia da Educação e Doutorado em Ciência da Motricidade	10 anos	10 anos
VICTORIA	41 anos	F	Faculdade de Barra Bonita - FAEF/SP	2005	Cursando Especialização em Treinamento Desportivo e Educação Especial	8 anos	8 anos
ISÁQUIAS	55 anos	M	FC/UNESP/Bauru-SP	1989	Especialização em Psicopedagogia/História da África e Educação Física Adaptada	26 anos	20 anos

Russo, Angela Cristina Rodrigues.

Vamos brincar de pular corda / Angela Cristina Rodrigues Russo ; orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger. - Bauru : UNESP, 2018

1 vídeo (40 min)

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru
Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dVf1BR7Uuak>

1. Brincadeiras de pular corda. 2. Jogos e brincadeiras tradicionais. 3. Cultura infantil.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.